

UNIVERSIDADE DE SOROCABA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO

Luciana de Fátima Gasparelo

**O CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS DE SOROCABA: PROJETO
PEDAGÓGICO E PRÁTICAS DE ENSINO**

SOROCABA/SP

2009

Luciana de Fátima Gasparelo

**O CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS DE SOROCABA: PROJETO
PEDAGÓGICO E PRÁTICAS DE ENSINO**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Sorocaba, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Barreira

Sorocaba/SP
2009

Luciana de Fátima Gasparelo

**O CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS DE SOROCABA: PROJETO
PEDAGÓGICO E PRÁTICAS DE ENSINO**

Dissertação aprovada como requisito parcial
para obtenção do grau e mestre no programa
de Pós-Graduação em Educação da
Universidade de Sorocaba.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Ass. _____

1º Exam.:

Ass. _____

2º Exam.:

Dedico este trabalho aos professores e à coordenadora do Centro de Estudos de Línguas de Sorocaba, que tão gentilmente me ajudaram em seu desenvolvimento. À coordenadora Alzenir Oliveira de Souza e, especialmente, aos professores José Francisco Souza Júnior (Alemão), Shirley Ap. Prieto (Espanhol), Mônica Ribeira Andrade e Juliana Bonadia Moraes (Francês).

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que me ajudaram na elaboração deste trabalho. Aos professores, coordenadores e alunos que colaboraram na pesquisa, aos que fizeram e aos que ainda fazem parte da trajetória do Centro de Estudos de Língua em Sorocaba.

Em especial, ao meu orientador, professor Luiz Carlos Barreira, por todo conhecimento transmitido e pela paciência em elucidar inúmeras questões durante o desenvolvimento do trabalho.

“If a doctor, lawyer, or dentist had 40 people in his office at one time, all of whom had different needs, and some of whom didn't want to be there and were causing trouble, and the doctor, lawyer, or dentist, without assistance, had to treat them all with professional excellence for nine months, then he might have some conception of the classroom teacher's job.”

Donald D. Quinn

RESUMO

A pesquisa sobre o Centro de Estudos de Línguas (CEL), instalado na Escola Estadual Antônio Padilha em Sorocaba, foi elaborada com o objetivo de entender seu projeto pedagógico e como ele tem se desenvolvido. Também faz parte da pesquisa uma observação de suas práticas de ensino, levando em consideração alguns aspectos que podem influenciá-las, como as mudanças que a escola tem sofrido ao longo dos anos, inclusive em sua legislação, e aspectos da estrutura e organização da sala de aula.

Para investigar tais questões, fiz uso de fontes escritas e orais, como documentos da CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) e da SEE (Secretaria de Estado da Educação), além de entrevistas gravadas com professores e coordenadores. No último semestre da pesquisa, também foram consultados documentos oficiais encontrados no acervo histórico da escola, datados de 1989 (ano de sua primeira instalação em Sorocaba) até 2004 (ano da inclusão da língua alemã). Também, nos últimos meses de meu estudo, assisti a quatro aulas de Alemão e, em um capítulo específico sobre o desenvolvimento do Centro nesta cidade, apresentei a descrição e análise dessas aulas.

Com a análise, pude observar certas estratégias criadas pelo professor para desenvolver suas práticas de ensino em uma sala de aula com mais de vinte alunos provenientes de diferentes bairros de Sorocaba. O cotejamento das fontes e a análise das aulas também me ajudaram a entender que a liberdade dos professores em elaborar suas próprias práticas de ensino, de acordo com o perfil dos alunos, pode ser um dos fatores mais importantes que dão, ao CEL-Antônio Padilha, a fama referente à sua boa qualidade de ensino entre os outros CELs do estado de São Paulo. Essa liberdade, ou seja, a não padronização do ensino, tem favorecido o CEL Sorocabano a ter suas próprias características e peculiaridades, o que parece ser a razão de seu sucesso.

Neste trabalho, que se vincula à Linha de Pesquisa “História e Historiografia: políticas e práticas escolares”, procurou-se trazer uma contribuição para o estudo das práticas de ensino específica do CEL Sorocabano e o surgimento de sua própria cultura escolar. O estudo sobre culturas escolares do autor espanhol, Vinão Frago, me auxiliou a analisar as peculiaridades dessas práticas e a relacioná-las com o bom desenvolvimento da escola.

Palavras chave: Centro de Estudos de Línguas. Práticas de Ensino. Línguas Estrangeiras. Projeto Pedagógico.

ABSTRACT

This research is about a Language Studies Center (CEL) installed in a public school in Sorocaba. The project which started in the state of São Paulo, in the 1980's, has been developed in Sorocaba since 1989. The Language Center installed at the public school "Antônio Padilha", in 1997, is known among students and teachers from Sorocaba as a very successful Language School.

In Sorocaba, the CEL was first installed at the public school Senador Luiz Nogueira Martins, and used to offer the teaching of only two foreign languages: Spanish and French. It was in 2004 that German also began to be taught, by this time the school was already installed in the Antônio Padilha premises.

This project of a public language school was created with the purpose of teaching Brazilian students the Spanish language with the intention of having a common language among the Latin American countries, which was one of the requests of the Mercosul development.

The research main objective was to analyze the school educational project development in Sorocaba, and its teaching practice. Some interviews were conducted with teachers and coordinators in order to compare these oral sources with the written ones during the research. These sources and the strategies created by the teachers to teach each of those three languages to more than 20 students in the classroom helped me understand that the reason of the school success may be lying just in the absence of a standard method to teach those languages. This lack of standardization may have been allowing the teachers to create their own practice with their own characteristics according to the students' needs, and this could be the explanation for their success.

Key Words: Language Studies Center. Teaching Practices. Foreign Languages. Pedagogic Project.

LISTA DE SIGLAS

ACT	- Admitido em Caráter Temporário
APEESP	- Associação de Professores de Espanhol do Estado de São Paulo
APIESP	- Associação de Professores de Italiano do Estado de São Paulo
APM	- Associação de Pais e Mestres
CEL	- Centro de Estudos de Línguas
CEI	- Coordenadoria de Ensino do Interior
CENP	- Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
CONDEPHAAT	- Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
DE	- Delegacia de Ensino
DELF	- Diplome Élémentaire de Langue Française
DRE	- Divisão Regional de ensino
EE	- Escola Estadual
EEPG	- Escola Estadual de Primeiro Grau
IPBA	- Associação de Professores de Alemão
LEM	- Línguas Estrangeiras Modernas
OFA	- Ocupante de Função-Atividade
OT	- Orientação Técnica
SEE	- Secretaria do Estado da Educação
UE	- Unidade Escolar
UNESP	- Universidade do Estado de São Paulo
USP	- Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	O Texto	15
2	OS CENTROS DE ESTUDOS DE LÍNGUAS (CELS)	17
2.1	O mercosul e sua relação com a criação dos Centros de Estudos de Línguas no Estado de São Paulo	17
2.2	A criação dos Centros de Estudos de Línguas	19
2.2.1	Os Centros de Estudos de Línguas	19
2.2.2	Histórico e Legislação	20
2.3	As outras línguas	20
2.4	As primeiras entrevistas	22
2.5	A “metodologia” dos CELs	23
2.6	As dificuldades dos alunos no aprendizado de uma língua estrangeira	24
2.7	Os Centros de Estudos de Línguas nos dias atuais	25
2.8	O Novo CEL em Sorocaba	26
3	OS ESTUDOS SOBRE OS CELs DO ESTADO DE SÃO PAULO	27
3.1	O Levantamento realizado pela CENP, SEE e CEI	27
3.1.1	Os alunos matriculados e concluintes de 1996 a 1999	28
3.1.2	As Tabelas de aprovação, reprovação e abandono de 2000 a 2006 elaboradas pela Coordenadoria de Ensino do Interior (CEI)	29
3.2	O Estudo Sobre o Funcionamento de Seis CELs no Estado de São Paulo	36
3.2.1	Algumas Informações do Estudo de Avaliação	37
3.2.2	Os problemas apontados	41
3.2.3	Sugestões para mudanças	42
3.3	A avaliação <i>in loco</i> sobre os CELs	43
4	O CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS EM SOROCABA	47
4.1	A instalação do Centro de Estudos de Línguas na EEPG Senador Luiz Nogueira Martins	47
4.2	O CEL Senador Luiz Nogueira Martins	50
4.2.1	Os primeiros professores	50
4.2.2	A inclusão do curso de Francês	51
4.2.3	Os problemas enfrentados pelo CEL	52
4.2.4	A transferência do CEL para outra unidade escolar	52
4.3	A escola estadual Antônio Padilha	54
4.3.1	A instalação do CEL na escola Antônio Padilha	55

4.3.2	O CEL Antônio Padilha: o início de um novo começo -----	56
4.3.2.1	Os professores -----	57
4.3.2.2	A seleção dos alunos e planejamento das turmas -----	58
4.3.2.3	Verbas -----	59
4.3.2.4	A inclusão de uma nova língua estrangeira no CEL Sorocabano-----	61
4.3.2.5	O curso de Alemão-----	63
4.3.2.6	As Práticas de Ensino -----	65
4.3.2.7	As aulas -----	65
4.3.2.8	Descrição das aulas -----	67
4.3.2.9	A análise das aulas -----	77
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	85
	REFERÊNCIAS -----	87
	ANEXO A – Relação de Centros de Estudos de Línguas - CEL -----	92
	APÊNDICE A – Entrevista: Juliana Bonadia Moraes - Professora de Francês -----	97
	APÊNDICE B - Entrevista: Shirley Ap. Prieto - Professora de Espanhol -----	98
	APÊNDICE C - Entrevista: Rose Neubauer-----	99
	APÊNDICE D - Entrevista: Professora Avaliadora-----	106
	APÊNDICE E - Entrevista: Sueli Baddini – Ex-Coord. do CEL - Sorocaba -----	110
	APÊNDICE F - Entrevista: Alzenir Oliveira de Souza – Coord. do CEL Antônio Padilha -----	112
	APÊNDICE G - Entrevista: José Francisco Souza Júnior - Professor de Alemão -----	114

1 INTRODUÇÃO

Como professora de uma língua estrangeira, com experiência em escolas particulares de idiomas e também em escolas públicas estaduais, escolhi o Centro de Estudos de Línguas (CEL) de Sorocaba como objeto de minha pesquisa por várias razões.

Primeiramente, por se tratar de uma escola pública estadual que ensina línguas estrangeiras e por ser conhecida entre alunos e professores por sua boa qualidade de ensino. Outra razão foi minha curiosidade em conhecer sua prática de ensino e o que a leva ao sucesso, pois infelizmente, como sabemos, o ensino de Inglês nas escolas públicas estaduais sofre preconceitos em relação a sua qualidade. Como professora de Inglês em uma escola pública estadual, já ouvi dos próprios colegas professores a seguinte afirmação: “Inglês é uma matéria que ninguém leva a sério”.

Por que o Centro de Estudos de Línguas é diferente? Não se trata também de uma escola pública estadual que ensina línguas estrangeiras?

Atualmente, há CELs espalhados por todo estado de São Paulo, ensinando Espanhol, Francês, Alemão, Italiano e Japonês. Em Sorocaba, o CEL instalado na escola Antônio Padilha, objeto de minha pesquisa, ensina Espanhol, Francês e Alemão. A cidade de Sorocaba recebeu, recentemente, outro CEL, que se instalou no início deste ano na escola Júlio Prestes de Albuquerque, conhecida popularmente como “Estadão”.

Além de minha curiosidade em conhecer suas práticas de ensino, também quis entender os objetivos da proposta pedagógica dessa escola e como tem se desenvolvido na cidade de Sorocaba.

Algumas pessoas que acompanharam o processo de criação dos CELs e outras que atuam hoje em seu desenvolvimento em Sorocaba foram entrevistadas. Essas entrevistas constituíram as fontes orais da pesquisa¹. Procurei cotejar essas fontes orais com as fontes escritas de que dispunha para a pesquisa; como ofícios, solicitações e atas de reuniões; documentos que foram encontrados no acervo histórico do CEL Antônio Padilha. Também consultei dados de um estudo de avaliação sobre o desenvolvimento dos CELs, realizado no final da década de 1990, a pedido da Secretaria de Estado da Educação (SEE), e os dados das tabelas de um levantamento realizado pela CENP e CEI também sobre o desenvolvimento dos CELs, em relação ao número de alunos matriculados e concluintes, de 1996 a 1999, e o

¹ Fontes orais são diversas manifestações sonoras, gravadas, decorrentes da voz humana e que se destinam a algum tipo de registro passível de arquivamento ou de estudos (MEIHY, 2000)

número de alunos aprovados, reprovados e que abandonaram os cursos, do ano de 2000 a 2006.

Trata-se, dessa forma, de uma pesquisa histórica, construída com o cotejamento de fontes orais e escritas. As fontes orais foram obtidas através de entrevistas gravadas com pessoas que, de alguma forma, estavam presentes no momento da criação dos CELs e outras que fizeram e fazem parte do desenvolvimento dessa escola em Sorocaba.

Rose Neubauer² era a coordenadora da CENP na época de instalação dos primeiros CELs em São Paulo. Ela me apresentou à professora avaliadora que coordenou dois estudos de avaliação sobre os CELs, e, apesar de as duas falarem sobre assuntos semelhantes, como os fatores que levaram à criação dos CELs no estado de São Paulo e a elaboração e desenvolvimento de seu projeto pedagógico, cada qual falou sobre esses acontecimentos sob seu ponto de vista. Isso me fez lembrar de um texto do autor Alessandro Portelli (1996, p.5), o qual traz uma citação do antropólogo James Clifford que conta, na introdução de seu *Writing Culture*, a história do índio canadense Cree, que foi chamado a prestar um depoimento perante o tribunal; quando lhe foi pedido que jurasse dizer toda a verdade, a testemunha respondeu: “Não sei se posso dizer a verdade.... posso dizer o que sei.” Portelli, nessa passagem, chama a atenção do leitor para o fato de que o depoente Cree pôde dizer apenas o que sabia, o que lembrava ou acreditava recordar haver visto.

Foi dessa forma que procurei trabalhar com as fontes orais em minha investigação, sabendo que cada entrevistado falaria dos acontecimentos sob seu ponto de vista, o que sabia, o que se lembrava ou o que acreditava haver visto ou vivido.

Dentre os vários exemplos, extraídos da história da pesquisa e que poderiam ilustrar esse meu entendimento, destacaria dois: primeiramente quando professores e coordenadores que foram entrevistados falaram sobre a criação dos CELs. Todos tentaram explicar, de seu modo e à medida que se lembravam, como ocorreu a expansão do ensino de Espanhol no Brasil, na época das primeiras negociações entre alguns países da América Latina para a

² TERESA ROSERLEY NEUBAUER DA SILVA - Nascida em São Paulo em 1945 é doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Rose Neubauer foi professora de ensino fundamental na rede pública, professora do Centro de Educação e posteriormente do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-SP. Desde 1985 é professora assistente-doutor no Departamento de Metodologia do Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-USP. É também, desde 1975, pesquisadora do Departamento de Pesquisa da Fundação Carlos Chagas. Coordenou e desenvolveu inúmeras pesquisas, patrocinadas por instituições nacionais e internacionais. Foi chefe de Gabinete da Secretaria Municipal da Educação de São Paulo (1983), membro do Conselho Estadual de Educação de São Paulo (1985/1986), coordenadora da Coordenadoria de Normas e Estudos Pedagógicos da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (1987/1988), assessora legislativa para assuntos de Educação na elaboração da Constituição Estadual e da Lei Orgânica do Ensino (1989/1990), consultora do IESP/FUNDAP e do MEC entre 1991 e 1994 e Secretária de Estado da Educação em São Paulo, de janeiro de 1991 a 2002. Disponível em: <http://drhu.edunet.sp.gov.br/site_secretario/secretarios/sec_18.asp>. Acesso em mar. 2009.

formação do Mercosul. Falaram, sob diferentes aspectos, da preocupação do Governo Estadual em ensinar a língua Espanhola para alunos da rede pública, de uma forma não obrigatória, propiciando o processo de criação dos CELs no estado de São Paulo.

É importante ter em mente que cada qual descreveu os acontecimentos conforme as diferentes posições que ocupam, ou ocupavam, seja como representantes do Governo Estadual ou professores e coordenadores que fazem parte da rotina escolar do CEL Sorocabano.

Outra situação também interessante foi quando Alzenir Oliveira de Souza, atual coordenadora dos CEL Antônio Padilha, e um dos primeiros professores de Alemão do Centro, José Francisco Souza Júnior, falaram do que se lembravam sobre uma pesquisa realizada para a escolha da terceira língua a ser ensinada no CEL.

A coordenadora lembrou-se de que as opções para a escolha da terceira língua eram o Italiano, Alemão e Japonês e que a língua italiana estava entre as preferenciais por causa da transmissão da telenova **Terra Nostra**³, a qual mostrava a história da vinda dos imigrantes italianos para o Brasil. Segundo a coordenadora, a novela, que transmitia alguns aspectos da cultura e língua italianas, foi um fator importante para estimular os alunos a querer aprender mais, tanto sobre aspectos culturais quanto sobre a língua italiana. No entanto, conforme se lembrou a coordenadora, essa língua não foi aceita pela Supervisão de Ensino, dando espaço para a língua alemã.

O professor de Alemão também se lembrou dessa pesquisa, mas, segundo ele, a língua alemã era uma das preferenciais entre os alunos e classificou-se em primeiro lugar na pesquisa pelo fato de haver alunos estagiários de empresas alemãs em Sorocaba. Dessa maneira, o ensino de Alemão no CEL ajudaria os alunos a prepararem-se melhor para o mercado de trabalho.

A professora de Francês, Mônica Ribeira Andrade, também falou sobre essa pesquisa durante uma entrevista, lembrando-se apenas de que o Alemão classificou-se em primeiro lugar, mas não dos motivos que levaram a essa escolha.

Além da atual coordenadora e do professor de Alemão, outras pessoas que atuaram e atuam no CEL em Sorocaba foram entrevistadas, como a ex-coordenadora, Sueli Baddini, que infelizmente não pôde continuar colaborando com a pesquisa por motivos pessoais, Shirley Prieto, professora de Espanhol e Mônica Ribeira Andrade, professora de Francês.

³ **Terra Nostra** foi uma telenovela brasileira produzida e exibida pela Rede Globo, entre 20 de setembro de 1999 e 3 de junho de 2000, às 21 horas, totalizando 221 capítulos. Foi escrita por Benedito Ruy Barbosa, com colaboração de Edmara Barbosa e Edilene Barbosa, e dirigida por Marcelo Travesso e Carlos Magalhães com direção geral e de núcleo de Jayme Monjardim. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Terra_Nostra. Acesso em 30 de julho 2009.

Entrevistei esses professores porque queria conhecer mais sobre o cotidiano da escola, sua rotina escolar, como têm desenvolvido suas estratégias e mecanismos para elaborar suas práticas de ensino e, dessa forma, construir sua cultura escolar. Trabalhei com determinados aspectos da cultura escolar apoiando-me nos estudos do pesquisador Espanhol Viñao Frago (2003, p.59) sobre culturas escolares.

A cultura escolar, assim entendida, estaria constituída por um conjunto de teorias, idéias, princípios, normas, rituais, inércias, hábitos e práticas (formas de agir e pensar, mentalidades e comportamentos) sedimentada ao longo do tempo em forma de tradições, regularidades e regras do jogo, não posta sob suspeita, e compartilhada por seus atores no cenário das instituições educativas. Tradições, regularidades e regras do jogo que se transmitem de geração em geração e que proporcionam estratégias.⁴

Como esse pesquisador, entendo que cada escola desenvolve suas próprias práticas de ensino, impossibilitando-a de ter uma forma padronizada, pois cada qual cria mecanismos e estratégias para driblar suas próprias dificuldades.

No caso dos CELs, o que os tem levado a criar suas próprias práticas, com suas regras e tradições sedimentadas ao longo dos anos provavelmente seja a liberdade que os professores tenham em elaborar suas próprias práticas de ensino, amparados pela troca de experiências e ensinamentos nos cursos de orientações técnicas, de que participam todos os anos. Talvez seja isso que os diferencie das outras escolas públicas estaduais. Os professores de Inglês de escolas públicas estaduais do estado de São Paulo não assistem a cursos de orientações técnicas várias vezes ao ano e, especificamente no ano de 2009, também não estão tendo a liberdade de elaborar suas próprias práticas, desenvolvendo apenas formas de resistência às que estão sendo “propostas” pelo Governo do Estado.

Em minha investigação no CEL Sorocabano Antônio Padilha, percebi que a falta de padronização, a liberdade em criar estratégias para aplicar nas aulas, procurando atender a todos os alunos da mesma forma, pode ser um dos fatores mais relevantes que o leve a ser reconhecido como um Centro de Estudos de Línguas com um bom desenvolvimento em sua qualidade de ensino.

⁴ Tradução do autor - Texto Original:

La cultura escolar, así entendida, estaría constituida por un conjunto de teorías, ideas, principios, normas, pautas, rituales inércias, hábitos y prácticas (formas de hacer y pensar, mentalidades e comportamientos) sedimentadas a lo largo del tiempo em forma de tradiciones, regularidades y reglas de juego no puesta em entredicho, y compartidas pó su actores, em el seno de las instituciones educativas. Tradiciones, regularidades y reglas de juego que se transmiten de generación en generación y que proporcionan estrategias.

1.1 O Texto

O texto de minha dissertação foi dividido em três capítulos. Iniciei o primeiro capítulo cotejando informações de fontes orais e escritas sobre o processo de criação dos CELs no estado de São Paulo e os objetivos traçados para sua proposta pedagógica. Ainda com o cotejamento dessas fontes, apresentei informações de um texto elaborado pela CENP sobre o desenvolvimento dos CELs em relação a sua história, legislação e funcionamento.

Trouxe, também, uma análise da entrevista com a ex-Secretária da Educação Rose Neubauer. Essa análise foi elaborada com algumas informações da entrevista que foram relevantes a esta pesquisa, como a opinião da ex-Secretária sobre os motivos que levaram à proposta pedagógica dos CELs e como tem sido, sob seu ponto de vista, o desenvolvimento desse projeto nas escolas públicas do estado de São Paulo. Terminei o capítulo trazendo informações sobre os recentes CELs instalados em todo Estado, inclusive na cidade de Sorocaba.

No segundo capítulo, apresentei alguns dados de três estudos sobre o desenvolvimento dos CELs realizados pela CENP e pela SEE.

Primeiramente, a análise dos dados de várias tabelas sobre um levantamento realizado pela CENP, com alunos de todos os CELs existentes até a época da pesquisa, no tocante ao número de alunos matriculados e concluintes, de 1996 a 1999, e alunos aprovados, reprovados e que abandonaram os cursos, de 2000 a 2006.

Logo em seguida, apresento também informações de um texto sobre um estudo de avaliação dos CELs, realizado no final da década de 1990, a pedido da SEE, e de uma entrevista com a professora que coordenou esse estudo, além de outro, realizado no ano de 2000, novamente a pedido da SEE. As informações que a professora prestou na entrevista, sobre essa segunda avaliação *in loco*, feita nos CELs, foram relevantes para demonstrar as mudanças que os CELs sofreram, inclusive em sua legislação, devido aos problemas apontados no primeiro estudo de avaliação.

No terceiro capítulo, específico sobre o CEL de Sorocaba, apresentei um pouco de sua história, desde sua instalação na primeira “escola-sede”⁵ Senador Luiz Nogueira Martins até os dias atuais, em que se encontra instalado na Escola Estadual Antônio Padilha.

⁵ Escola pública estadual que abriga uma unidade do CEL.

Os motivos que levaram às mudanças de unidade escolar também foram abordados, assim como aspectos de seu funcionamento hoje.

No desenvolvimento e ao final do capítulo, apresentei a descrição e análise de quatro aulas de Alemão, de uma turma do segundo estágio do Nível I, que tive a oportunidade de assistir com a permissão do professor, José Francisco Souza Júnior.

Certos aspectos observados nas aulas, como o número de alunos, a organização da sala, o uso do material didático e as estratégias do professor para a aplicação das atividades foram muito importantes para me ajudar a entender o desenvolvimento da elaboração das práticas de ensino no CEL de Sorocaba.

2 OS CENTROS DE ESTUDOS DE LÍNGUAS (CELS)

2.1 O Mercosul e sua relação com a criação dos Centros de Estudos de Línguas no Estado de São Paulo

Todos os entrevistados durante a pesquisa falaram da importância do Mercosul para a criação dos CELs no estado de São Paulo.

A ex-Secretária da Educação, Rose Neubauer, falou, por exemplo, sobre a abertura democrática na década de 1980, a possibilidade de se criar uma identidade latino-americana e a proposta do ensino de Espanhol como segunda língua para facilitar a ampliação do mercado de trabalho latino-americano.

Essa era a ideia do Mercosul: unir países da América-Latina para ter um regulador de mercado, com uma moeda comum e uma língua comum, e, dessa forma, enfrentar a competitividade com outros mercados. Como a maior parte dos países falava Espanhol, nasce a proposta do Espanhol como opção de segunda língua, como uma língua comum para facilitar a ampliação do mercado de trabalho latino-americano a seus cidadãos. (Rose Neubauer, 2008)

A respeito da formação dos professores de Espanhol, a ex-Secretária da Educação disse ter havido um motivo muito específico (referindo-se ao Mercosul) para a introdução do Espanhol como segunda língua na década de 80, no entanto, em um primeiro momento, não havia professores de Espanhol formados, o que impedia tornar a língua Espanhola obrigatória nas escolas. Segundo a ex-Secretária, algum tempo depois dessas discussões, as universidades começaram a perceber a importância do ensino de Espanhol.

Em um texto sobre o ensino de Português e Espanhol nas relações de interface no Mercosul, o professor José Carlos Paes de Almeida Filho (1995) fala do aumento do crescimento na formação universitária dos professores de Espanhol em todo país, por causa da reativação do ensino de Espanhol na década de 80, chamando atenção, no entanto, para a necessidade de se pensar na qualidade da formação desses professores.

O ensino de Espanhol no Brasil nunca foi extinto, e quando vieram as primeiras medidas de reativação de seu ensino na metade dos anos 80, através da criação dos centros públicos de ensino de línguas (53 só no estado de São Paulo), a infraestrutura universitária de formação de professores existia em muitas universidades do país. Esse número cresceu bastante em uma década, e a questão agora deverá ser o ensino e a formação de professores com qualidade.

Entretanto, em Sorocaba, em sua primeira instalação na escola estadual Senador Luiz Nogueira Martins, no ano de 1989, conforme a ex-Coordenadora Sueli Baddini e uma declaração do então Diretor da escola estadual que o abrigou, o CEL começou a funcionar com um número maior de turmas de Francês do que de Espanhol, por não haver professores de Espanhol devidamente habilitados na época. Nota-se com isso que não havia, no início das instalações dos CELs, um número suficiente de professores de Espanhol.

Segundo um documento da CENP⁶, que descreve as providências tomadas com base no Decreto nº 27.270, de 10 ago. 1987 (SÃO PAULO, 1987a), que possibilitou a abertura dos CEL em todo Estado de São Paulo, uma das ações viabilizadas foi a abertura de cadastramento de professores habilitados em língua Espanhola.

De acordo com a CENP, os membros da Comissão que pertenciam à USP e à UNESP forneceram um levantamento do número de graduados em Língua e Literatura Espanholas, e a Associação de Professores de Espanhol apresentou uma relação de seus associados. Com base nessas informações, as Coordenadorias puderam instalar os Centros, uma vez que havia escolas com interesse e possibilidade de abrigá-los, e disponibilidade de cerca de 400 professores interessados em lecionar a Língua Espanhola.

Tendo em vista a escassez de professores de Espanhol no início de seu funcionamento em Sorocaba, percebemos que apesar de a Comissão (USP e UNESP) ter fornecido seu levantamento e a Associação de Professores de Espanhol ter apresentado sua relação de associados, talvez tenham se esquecido de fazer um levantamento de quantos desses professores estariam dispostos a trabalhar nos CELs, pois, como afirmou a ex-coordenadora Sueli Baddini, além do fato de não haver professores de Espanhol suficientes, também havia aqueles que não queriam ministrar aulas no CEL, por causa do baixo salário oferecido.

⁶ Trata-se de um levantamento sobre aspectos históricos dos CELs, endereços, mapas, endereços de diretorias, dados gráficos de alunos matriculados, concluintes e que abandonaram os cursos, cartas e depoimentos de diretores de escolas e de pais de alunos. Este documento, de 40 páginas, encadernado em espiral, não tem data (embora os levantamentos estejam especificados como sendo entre 1996 e 2006), e não tem assinatura ou local de sua elaboração. Indicada como Equipe Responsável, ao final do documento, temos a Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas – Centro de Línguas – CEL – Arlete Cavalheiro Paula Lima e Valéria Tarantello de Gorgel, Sala 65 B, CENP - Praça da República, São Paulo.

Nota: No presente trabalho, este documento será indicado, sempre que nos referirmos a ele, como o “Documento da CENP”. (São Paulo, 1989a)

2.2 A criação dos Centros de Estudos de Línguas

As informações a seguir, sobre a origem, funcionamento, histórico e legislação dos CELs, foram extraídas do Documento da CENP. Essas informações foram cotejadas com solicitações, ofícios e atas (documentos encontrados no acervo histórico do CEL Antônio Padilha) e com as entrevistas dos professores e da coordenadora do Centro de Sorocaba.

2.2.1 Os Centros de Estudos de Línguas

O Centro de Estudos de Línguas é um programa da Secretaria de Educação do Governo do Estado de São Paulo, que oferece aos alunos da rede estadual a possibilidade de estudo de outros idiomas estrangeiros, além dos oferecidos nos quadros regulares, e seu objetivo é propiciar aos alunos diferentes oportunidades de desenvolvimento de novas formas de expressão linguística, enriquecimento curricular e acesso a outras culturas contemporâneas, além de ampliar suas habilidades para inserção no mercado de trabalho. A criação do CEL decorreu da necessidade de a escola oferecer ensino de língua Espanhola, no contexto da política de integração do Brasil na Comunidade Latino-americana, em finais da década de 1980. Atualmente, são oferecidos também outros idiomas: Francês, Italiano, Alemão e Japonês. (SÃO PAULO, 1989a)

No caso do CEL Antônio Padilha em Sorocaba, segundo o professor de Alemão José Francisco Souza Júnior, a língua alemã foi escolhida através de uma pesquisa que a classificou em primeiro lugar, na preferência dos alunos das escolas estaduais. O motivo que levou a essa classificação teria sido o fato de haver alunos estagiários de empresas alemãs na cidade. Apesar de a língua ter sido escolhida pelos alunos, professores e coordenadores do Centro, demorou ainda algum tempo para a escola receber a autorização para implantá-la em Sorocaba.

Desde 1988, ano de sua criação, os CELs têm sido instalados em escolas da rede pública estadual que preencham os seguintes requisitos: demanda justificada, espaço físico adequado aos cursos, localização de fácil acesso e horário de funcionamento que assegure o atendimento aos alunos que trabalham. (SÃO PAULO, 1989a)

No entanto, segundo uma ex-coordenadora, o primeiro CEL que foi instalado na cidade de Sorocaba não contava com espaço físico adequado e tão pouco com recursos suficientes para o seu bom funcionamento, levando professores e a coordenadora, alguns anos mais tarde, a procurar outra escola-sede para instalar-se. O CEL que funcionava na escola Senador Luiz Nogueira Martins passou a funcionar na escola Antônio Padilha.

Para matricular-se no CEL, o aluno deve estar cursando o ensino médio ou o ensino fundamental, a partir da 6ª série.

Os cursos oferecidos pelos Centros compreendem seis estágios (semestrais) distribuídos por dois níveis. As aulas, quatro por semana, de cinquenta minutos cada, ocorrem em diferentes horários, visando às turmas constituídas de alunos que trabalham.

O CEL tem funcionamento próprio, independente da organização curricular, da seriação e do funcionamento da escola que o sedia. O apoio técnico-pedagógico é garantido pelo Conselho do Centro, pela Coordenação do Curso, Biblioteca e outros recursos didáticos.

O Conselho do Centro é constituído pelo Diretor da escola-sede, pelos Diretores das escolas atendidas, Professor Coordenador do Centro, professores de línguas estrangeiras modernas que atuam no Centro, todos os docentes de línguas estrangeiras modernas ministradas pela escola vinculadora e por representantes de alunos de cada um dos cursos, preferencialmente os matriculados no nível II. (SÃO PAULO, 1989a)

2.2.2 Histórico e Legislação

Em 10 de agosto de 1987, por meio do Decreto nº 27.270 (SÃO PAULO, 1987a), são criados os Centros de Estudo de Línguas, no âmbito da Rede Estadual de Ensino. Para cumprimento das determinações do Decreto, foram viabilizadas as seguintes ações:

- Elaboração de um anteprojeto de organização dos Centros, uma minuta para um possível Regimento e um esboço de proposta curricular;
- Coleta de dados sobre escolas da Rede interessadas em abrigar o Centro, desde que dispusessem de espaço físico e facilidade de acesso;
- Abertura de cadastramento de professores habilitados em língua Espanhola.

Com base nessas informações, as Coordenadorias puderam instalar os Centros, uma vez que havia escolas com interesse e possibilidade de abrigá-los, e disponibilidade de cerca de 400 professores interessados em lecionar a Língua Espanhola.

Na CENP, uma subcomissão pedagógica trabalhou na elaboração da proposta curricular de Língua Espanhola e da proposta pedagógica para os cursos dos Centros de Estudo de Línguas.

Essas ações, além de concomitantes, foram integradas visando garantir não só a uniformidade das medidas adotadas, como também o cumprimento dos preceitos legais, direitos adquiridos ou princípios de autonomia conferidos às escolas. (SÃO PAULO, 1989a)

2.3 As outras línguas

Em junho de 1988, uma pesquisa efetuada pelas Coordenadorias de Ensino da Secretaria de Estado da Educação nas escolas de Rede Estadual permitiu que se aquilatasse o

enorme interesse dos alunos pelo estudo de várias línguas estrangeiras, resultando no redimensionamento da instalação dos Centros de Línguas.

A resolução SE nº 193 de agosto de 1988 (SÃO PAULO, 1988a), dá nova redação ao parágrafo único do artigo 1º da Resolução SE nº 271/87, passando a considerar o ensino da língua Espanhola como preferencial e não exclusivo nos CELs, permitindo assim estender aos alunos a oferta dos outros idiomas de interesse.

Pela Resolução SE nº 210, de 31 ago. 1988 (SÃO PAULO, 1988b), foi criada uma Comissão multisseriada, coordenada pela CENP, com vistas a implementar o funcionamento dos CELs, tendo como objetivos específicos:

- Incrementar o intercâmbio cultural entre professores e estudantes do estado de São Paulo com os dos países cuja língua é objeto de estudos nos CELs;
- Incentivar a celebração de convênios entre a SE (Secretaria da Educação) e Instituições ou Entidades Nacionais ou Internacionais, visando à elaboração e produção de livros e materiais didáticos de apoio aos CELs;
- Definir e implantar uma sistemática de acompanhamento e de avaliação dos CELs da Rede Pública Estadual;
- Manter contato com Instituições Culturais, nacionais e internacionais, objetivando definir programas de cooperação técnico-educacionais;
- Promover intercâmbio entre as Organizações e Entidades congêneres, nacionais e internacionais;
- Adotar outras medidas necessárias para o desempenho de suas funções.

Para coadjuvar as ações dessa Comissão, foram criadas subcomissões formadas por representantes das Embaixadas, dos Consulados, das Associações de Professores de Línguas, de Escolas e de Instituições afins, visando viabilizar o intercâmbio entre órgãos e os diversos Centros.

Em Sorocaba, inicialmente, ensinava-se apenas as línguas Espanhol e Francês; a partir do ano de 2003, começaram as primeiras turmas de Alemão. Segundo Francisco, um dos primeiros professores do curso de Alemão do Centro, os professores recebem grande apoio do Instituto Goethe para cursos de especialização e também para aplicação de testes de proficiência para os alunos.

2.4 As primeiras entrevistas

Quando conversei com Rose Neubauer pela primeira vez, ela mencionou o nome de uma professora que havia realizado dois estudos de avaliação sobre os CELs.

Apresento esses dois estudos de avaliação, aos quais tive acesso na entrevista com a professora avaliadora⁷ no segundo capítulo juntamente com outra pesquisa realizada pela CENP.

Nesse primeiro capítulo, seleciono algumas partes da entrevista com Rose Neubauer relacionadas à prática de ensino do CEL e os objetivos de sua proposta pedagógica, que é o foco de minha pesquisa.

Apresento esses trechos da entrevista levando em consideração a subjetividade de quem narra os fatos, neste caso, uma professora que atuou como coordenadora da CENP na época da implantação dos CELs, algum tempo depois como Secretária da Educação e curiosamente, alguns anos mais tarde, a mesma pessoa que contratou uma professora avaliadora para realizar os dois estudos de avaliação sobre os CELs.

Rose Neubauer não narrou os fatos apenas, mas deixou na entrevista traços de sua opinião sobre o que são, para ela, os CELs.

Para mim, que trabalho pela primeira vez com fontes orais, o desafiador foi analisar o que ela disse com o cuidado de verificar sua intenção ao fazer certas afirmações.

Amparada pela reflexão de Alessandro Portelli (1996) sobre o assunto, percebi que deveria destacar a subjetividade na fala da entrevistada, ou seja, o que é o CEL para uma representante do Governo Estadual que participou de seu processo de criação.

[...] Por isso, por muito controlável ou conhecida que seja, a subjetividade *existe*, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos. Nossa tarefa não é, pois, a de exorcizá-la, mas (sobretudo quando constitui o argumento e a própria substância de nossas fontes) a de distinguir as regras e os procedimentos que nos permitam em alguma medida compreendê-la e utilizá-la. Se formos capazes, a subjetividade se revelará mais do que uma interferência; será a maior riqueza, a maior contribuição cognitiva que chega a nós das memórias e das fontes orais.

⁷ A professora avaliadora foi contatada pessoalmente e forneceu informações valiosas para este trabalho, contudo, solicitou que seu nome não fosse mencionado, daí ela ser citada, ao longo deste trabalho, como “a professora avaliadora”. (APÊNDICE E)

Antes de entrevistar Rose Neubauer conversei com Arlete Lima, atual coordenadora dos CELs na CENP, e apesar de ela ter falado muito pouco sobre o desenvolvimento dos CELs, me entregou um documento elaborado pela própria CENP sobre a história e desenvolvimento dos CELs e falou: “Escreva em sua pesquisa que os CELs é um projeto que deu certo e tem sido muito bem sucedido no Estado de São Paulo.”

Essa afirmação me fez refletir e me questionar até que ponto as três primeiras pessoas ouvidas na pesquisa (Rose Neubauer, a professora avaliadora dos estudos sobre os CELs e Arlete Lima) apenas falaram sobre os fatos que sabem ou procuraram apresentá-los do modo que desejavam que eles fossem vistos.

Apesar de toda a entrevista com Rose Neubauer ser riquíssima, selecionei apenas alguns trechos para cotejá-los com outras fontes.

2.5 A “metodologia” dos CELs

[...] Então você começa a perceber que a metodologia para o ensino de línguas nos CELs, que é mais parecida com a metodologia das escolas particulares, é melhor do que a do ensino de línguas nas escolas. Nas escolas você tem um currículo igual para todo mundo, mesmo quando você tem alunos que já estão cursando idiomas em escolas particulares. No CEL, você cria módulos onde verifica a capacidade linguística do indivíduo quando ele inicia cada estágio. (Rose Neubauer, 2008)

Escolhi primeiramente esse trecho da entrevista porque mostra a opinião da entrevistada em relação à prática de ensino dos CELs, a qual chama de “metodologia”.

A que “escolas” a ex-Secretária da Educação referiu-se quando afirmou que a metodologia dos CELs é mais parecida com a metodologia de escolas particulares que por sua vez é melhor que o ensino de línguas nas “escolas”? Estaria a professora referindo-se às escolas públicas estaduais? As mesmas inúmeras escolas em todo Estado que podem inclusive abrigar os CELs?

A experiência que tenho como professora de Inglês em escolas particulares de idiomas e a convivência que tive durante a pesquisa com professores do CEL em Sorocaba (inclusive assistindo a algumas aulas), permite-me afirmar que o CEL tem sido bem sucedido não por sua “metodologia” se parecer com a de escolas particulares, mas pelo esforço e compromisso dos professores que procuram fazer o melhor para atender um público extremamente diversificado, criando e desenvolvendo suas próprias práticas de ensino levando em

consideração todos os aspectos da escola: o número de alunos por sala, as condições estruturais das salas, e as dificuldades que sempre enfrentam para adquirir recursos audiovisuais devido à má distribuição das verbas direcionadas para os CELs.

Na segunda parte desse mesmo parágrafo, a professora também afirma que nos CELs verifica-se a capacidade linguística do indivíduo quando ele inicia cada estágio.

De acordo com o documento da CENP, para matricular-se no CEL, o aluno deve estar cursando o ensino médio ou o ensino fundamental, a partir da 6ª série, podendo vir de qualquer escola estadual da respectiva cidade que abriga o CEL.

Percebemos então que não há uma seleção especial ou uma classificação segundo a “capacidade linguística” de cada aluno que entra nos CELs. O que há quando ocorre uma grande demanda de alunos é a verificação de notas e faltas desses alunos, em seus cursos regulares, mas não o quanto ele já sabe da língua que irá aprender.

2.6 As dificuldades dos alunos no aprendizado de uma língua estrangeira

Segundo Rose Neubauer, a língua é um código e todo código é difícil de aprender, é um grande esforço cognitivo. Quando o aluno chega em casa e tem um padrão cultural que o ajuda a fazer essas codificações é mais fácil, mas quando ele não tem, depende daquele momento que você vai criar na escola.

Qual seria o “padrão cultural” que ajudaria o aluno a aprender uma língua estrangeira? Se não estiver inserido nesse padrão terá mais dificuldade para aprender?

A professora diz, ainda, que as pessoas das classes populares não estão acostumadas com a ideia de que existem várias moedas em vários países diferentes e outras línguas, o importante é o contato cultural, aprender que este país tem uma outra moeda, outra cultura, outra bandeira, formas de viver diferentes, enfim, todo o aspecto cultural.

Relacionando essa afirmação com a anterior, sobre o “padrão cultural” familiar do aluno, posso entender que, de acordo com Rose Neubauer, um aluno que não tem um padrão cultural familiar propício para aprender uma língua estrangeira e vem das chamadas “classes populares” teria que dar-se por satisfeito em aprender apenas os “aspectos culturais” dos países falantes das línguas que são ensinadas nos CELs?

No entanto, segundo documento da CENP, a proposta pedagógica dos CELs tem como objetivo preparar os jovens cidadãos latino-americanos para o mercado de trabalho. Os jovens

das chamadas “classes populares” estariam preparados para esse mercado sabendo apenas os aspectos culturais das línguas?

Em outra afirmação, Rose Neubauer continua falando sobre os objetivos dos CELs: “Esse foi o objetivo do CEL, até porque ele nasce nesse contexto do Mercosul, de levar a presença da cultura de outros países, saber sobre outros hábitos culturais, saber mais sobre outras culturas e como ela muda os hábitos das pessoas.”

Pelo que observei nas aulas em Sorocaba, apesar de todas as dificuldades, inclusive pelo número de alunos em sala de aula, os alunos têm tido a oportunidade de aprender as línguas, além dos aspectos culturais dos países falantes dessas línguas.

A maior parte dos alunos vem das chamadas classes populares e com padrões culturais familiares bem diversos, pois são crianças e jovens provenientes de diferentes bairros de Sorocaba e a maioria deles, segundo os professores, conseguem ter um bom desenvolvimento nas diversas habilidades das línguas estrangeiras ensinadas.

2.7 Os Centros de Estudos de Línguas nos dias atuais

No início de minha pesquisa, o Estado de São Paulo contava com 78 CELs, no entanto, a partir do final do ano de 2008, novos CELs surgiram em todo Estado, inclusive na cidade de Sorocaba.

Segundo notícias recentes da Secretaria da Educação⁸, cinco novos CELs foram abertos na Grande São Paulo. Todos começaram a funcionar em fevereiro, ensinando Espanhol (em quatro das unidades), Italiano, Francês e Alemão.

Além das três unidades da cidade de São Paulo, implantou-se CELs em Guarulhos e Carapicuíba. Com os recém-criados, o número de CELs chegou a 82 espalhados pelo Estado.

Atualmente, os CELs estão distribuídos da seguinte maneira pelo Estado: 48 existem em cidades do interior e litoral e 34 na Grande São Paulo.

Diretorias dos novos CELs na Grande São Paulo

- a) Carapicuíba - Av. Amazonas, 1.660 - Cohab Carapicuíba
Espanhol
- b) Guarulhos Norte – Rua Guaratuba, 402 - Vila Flórida
Espanhol, Francês, Italiano e Alemão

⁸ Site Oficial da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Disponível em: http://www.educacao.sp.gov.br/noticias_2009/2009_27_01_a.asp. Acesso: 08 maio 2009.

- c) SP - Zona Leste – Rua Puquixã, s/nº, Vila Ré -
Espanhol
- d) SP - Zona Leste – Rua Dr. Luiz Carlos, 740 - Vila Aricanduva
Espanhol
- e) SP - Zona Norte – Rua Dez de Maio, 271 - Vila Amália
Espanhol

2.8 O Novo CEL em Sorocaba

A nova unidade em Sorocaba começou a funcionar dia 11 de fevereiro de 2009, início do ano letivo na rede estadual. Sua escola-sede é a escola estadual Doutor Júlio Prestes de Albuquerque, região central de Sorocaba. O CEL inicialmente oferece aulas de Espanhol, que serão no período diurno (manhã e tarde). A expectativa da unidade é de atender, imediatamente, 150 estudantes.

"O objetivo do CEL é propiciar aos alunos diferentes oportunidades de desenvolvimento, novas formas de expressão linguística, enriquecimento curricular e acesso a outras culturas contemporâneas, além de ampliar as possibilidades de inserção no mercado de trabalho"⁹.

Notamos que mesmo com todas as mudanças e problemas pelos quais os CELs têm passado ao longo dos anos, tanto os antigos quanto os atuais representantes do Governo Estadual preocupam-se em afirmar o objetivo desses Centros: "Enriquecimento curricular, acesso a outras culturas e inserção ao mercado de trabalho"

Não coloco em dúvida esses objetivos, no entanto procurei observar no CEL instalado em Sorocaba desde 1989, aspectos que podem influenciar o desenvolvimento de seu projeto pedagógico e de suas práticas de ensino; como por exemplo, algumas mudanças na estrutura de funcionamento dos CELs ocorridas depois das duas avaliações realizadas a pedido da Secretaria de Estado da Educação.

Encontra-se no Anexo A uma relação atualizada do número de CELs no Estado de São Paulo, incluindo a data de suas instalações, os nomes das escolas estaduais onde estão instalados, as cidades, o endereço, o nome de seus coordenadores e as línguas que oferecem.

⁹ Centro de Referência em Educação Mário Covas. Disponível em:
http://www.educacao.sp.gov.br/noticias_2005/2005_22_02_a.asp. Acesso em mar. 2009.

3 OS ESTUDOS SOBRE OS CENTROS DE ESTUDOS DE LÍNGUAS DO ESTADO DE SÃO PAULO

Alguns estudos sobre o desenvolvimento dos Centros de Estudos de Línguas do Estado de São Paulo já foram realizados. Durante minha pesquisa, foi possível ter acesso às informações de três deles:

- Um levantamento realizado pela CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas) e SEE (Secretaria de Estado da Educação), sobre o número de alunos matriculados e concluintes, segundo o idioma, de 1996 a 1999, e um levantamento elaborado pela CEI (Coordenadoria de Ensino do Interior) dos alunos aprovados, reprovados e que abandonaram os cursos, de 2000 a 2006;
- Um estudo sobre o funcionamento de seis CELs no Estado de São Paulo, realizado a pedido da SEE, em 1997: esse estudo levantou alguns problemas sobre o funcionamento dos CELs;
- Um estudo realizado *in loco* com um número maior de CELs em todo Estado: Esse estudo, também realizado a pedido da SEE, foi direcionado para buscar solucionar problemas específicos; logo após esse estudo, que foi realizado no ano de 2000, algumas mudanças ocorreram na estrutura de funcionamento dos CELs e também em sua legislação.

3.1 O Levantamento realizado pela CENP, SEE e CEI

Tive acesso a esse levantamento quando visitei a CENP e conheci Arlete Lima, atual coordenadora dos CELs na CENP. Apesar de ter falado pouco sobre os CELs, Arlete me mostrou um documento que contém um levantamento através de tabelas sobre o desenvolvimento dos CELs nas seguintes categorias: “Matrícula Inicial segundo Idioma” e “Concluintes segundo Idioma” de 1996 a 1999 e “Aprovação”, “Reprovação” e “Abandono” por nível e estágio, segundo idioma de 2000 a 2006. Esse levantamento bem como informações sobre a história e legislação dos CELs encontra-se no “Documento da CENP”¹⁰.

¹⁰ Trata-se do mesmo documento descrito na nota de rodapé nº 5.

3.1.1 Os alunos matriculados e concluintes de 1996 a 1999

Centro de Estudos de Línguas – Rede Estadual

Matrícula Inicial segundo o idioma

Período - 1996-1999

Idioma	1996		1997		1998		1999	
	1º Sem.	2º Sem						
Espanhol	11.315	11.713	13.288	14.434	15.575	16.047	17.784	17.882
Francês	4.376	4.306	4.391	4.487	4.730	4.781	5.083	5.009
Italiano	1.363	1.657	1.939	2.021	2.171	2.067	2.240	2.042
Alemão	843	974	748	843	899	886	1.262	1.313
Japonês	454	416	374	365	437	354	363	408

Fonte: CENP/SEE

Notamos na tabela de alunos matriculados do ano de 1996 a 1999 que houve um número maior de matriculados no curso de espanhol e um número menor no curso de Japonês. Embora o número de alunos matriculados tenha crescido de ano a ano nos quatro primeiros idiomas, no curso de Japonês houve uma queda no ano de 1997, no 2º semestre de 1998 e no 1º semestre de 1999. Nesse curso o número maior de alunos matriculados foi no 1º semestre de 1996.

Concluintes segundo o idioma

Período - 1996 – 1999

Idioma	1996		1997		1998		1999	
	1º Sem.	2º Sem						
Espanhol	7.144	7.621	8.226	9.643	10.527	11.410	11.080	8.422
Francês	2.495	2.576	2.609	2.748	2.890	2.917	2.854	1.419
Italiano	858	897	1.281	1.178	1.364	1.424	1.435	612
Alemão	581	582	375	596	549	526	742	348
Japonês	265	297	253	281	334	284	293	281

Fonte: CENP/SEE

Na tabela de alunos concluintes notamos curiosamente que o índice de alunos concluinte nos cinco idiomas caiu no 2º semestre de 1999. Onde notamos uma queda mais brusca foi no curso de Italiano. Esse idioma que no 1º semestre de 1999 chegou a ter 1435 alunos concluintes sofreu uma queda chegando a 612 alunos no 2º semestre desse mesmo ano.

3.1.2 As Tabelas de aprovação, reprovação e abandono de 2000 a 2006 elaboradas pela Coordenadoria de Ensino do Interior (CEI)

Infelizmente as tabelas não trazem o número de alunos matriculados para compararmos com o número de alunos nas três categorias: aprovação, reprovação e abandono.

Total do Estado – Ano 2000

Aprovação por nível e estágio, segundo o idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	7.312	5.683	4.653	17.648	4.437	3.303	3.025	10.765
Francês	2.252	1.490	1.016	4.758	846	641	593	2.080
Italiano	1.073	684	512	2.269	359	264	299	922
Alemão	564	358	265	1.187	167	128	117	412
Japonês	308	149	73	530	53	79	64	196
Total	11.509	8.364	6.519	26.392	5.862	4.415	4.098	14.375

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	618	448	406	1.472	277	214	77	568
Francês	210	136	66	412	61	38	26	125
Italiano	156	57	27	240	23	21	31	24
Alemão	85	66	47	198	10	7	7	24
Japonês	85	9	4	98	-	4	2	6
Total	1.154	716	550	2.420	371	284	143	798

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total
Espanh	2.041	1.303	989	4.333	754	438	255	1.447
Francês	1.290	490	327	2.107	222	144	75	441
Italiano	520	275	118	913	86	77	42	205
Alemão	198	139	143	480	56	42	18	116
Japonês	214	65	26	305	7	5	6	18
Total	4.263	2.272	1.603	8.138	1.125	706	396	2.227

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2000 observamos que os cinco idiomas tiveram maior índice de aprovação no 1º estágio do Nível 1 e menor índice no 3º estágio do Nível 2.

Como demonstra a tabela, não houve reprovados no curso de Japonês no 1º estágio do Nível 2, aliás, esse é o idioma que mais se nota a diminuição do número de reprovados de um estágio para o outro.

Notamos também que o abandono aconteceu com maior frequência nos três primeiros estágios do curso nos cinco idiomas.

Total do Estado – Ano 2001

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1			Total	Nível 2			Total
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio		1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	
Espanhol	14.921	4.326	3.289	22.536	2.606	2.222	2.218	7.046
Francês	2.129	693	593	3.415	401	308	241	950
Italiano	1.055	381	360	1.796	246	216	132	594
Alemão	375	210	139	724	70	43	29	142
Japonês	297	173	96	566	93	25	32	150
Total	18.777	5.783	4.477	29.037	3.416	2.814	2.652	8.882

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1			Total	Nível 2			Total
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio		1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	
Espanhol	644	206	125	975	74	32	34	140
Francês	184	61	41	286	14	20	1	35
Italiano	26	23	26	75	11	8	2	21
Alemão	16	5	2	23	7	-	-	7
Japonês	13	9	1	23	9	2	-	11
Total	883	304	195	1382	115	62	37	214

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1			Total	Nível 2			Total
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio		1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	
Espanhol	3.409	901	511	4.821	364	279	147	790
Francês	856	267	172	1.295	64	52	30	146
Italiano	391	120	1.076	618	46	32	28	106
Alemão	124	25	44	196	11	13	3	27
Japonês	151	52	23	226	10	4	-	14
Total	4.931	1.368	857	7.156	495	380	208	1.083

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2001, o maior número de alunos aprovados, reprovados e que abandonaram os cursos foi sem dúvida no primeiro estágio do Nível 1. Não houve reprovados no curso de

Alemão no segundo e terceiro estágios do Nível 2, como também não houve reprovadas e nem abandono no curso de Japonês no terceiro estágio desse mesmo nível.

Total do Estado – Ano 2002

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total
Espanh	22.753	16.206	9.804	48.763	3.290	2.112	1.808	7.210
Francês	2.446	1.443	840	4.729	335	276	259	870
Italiano	1.862	804	428	3.094	187	133	137	457
Alemão	684	430	205	1.319	85	32	20	137
Japonês	863	440	291	1.594	112	53	40	205
Total	28.608	19.323	11.568	59.499	4.009	2.606	2.264	8.879

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	943	277	437	1.657	87	28	13	128
Francês	44	47	28	119	5	-	3	8
Italiano	89	4	16	109	2	-	5	7
Alemão	12	10	12	34	-	-	-	-
Japonês	16	8	-	24	-	-	-	-
Total	1.104	346	493	1.943	94	28	21	143

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total	1º Estág	2º Estág	3º Estág	Total
Espanhol	3.833	2.592	789	7.223	221	148	48	417
Francês	523	277	132	932	29	26	20	75
Italiano	360	162	43	565	16	6	1	17
Alemão	87	78	26	191	11	5	1	17
Japonês	133	53	17	203	9	3	4	16
Total	4.936	3.162	1.016	9.114	286	188	74	548

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2002, curiosamente, notamos uma queda no número de alunos reprovados nos cursos de Francês, Italiano, Alemão e Japonês. Não houve reprovadas nos cursos de Francês e Italiano no segundo estágio do Nível 2. No curso de Alemão não houve reprovadas nos três estágios do Nível 2 e no curso de Japonês houve reprovadas apenas nos dois primeiros estágios do Nível 1. O índice de abandono continua sendo maior no início do curso para os cinco idiomas como nos anos anteriores.

Total do Estado – Ano 2003

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	21.930	19.100	12.338	53.368	9.997	5.956	2.303	18.256
Francês	3.113	2.057	915	6.085	624	424	243	1.291
Italiano	3.483	1.376	825	5.684	424	244	135	803
Alemão	1.187	757	294	2.238	129	100	63	292
Japonês	828	433	274	1.535	168	74	43	285
Total	30.541	23.723	14.646	68.910	11.342	6.978	2.787	20.927

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	995	858	993	2.846	220	89	50	359
Francês	112	111	96	319	22	25	14	61
Italiano	128	88	43	258	1	5	6	11
Alemão	39	24	37	100	4	2	2	8
Japonês	-	-	20	20	1	2	-	3
Total	1.273	1.081	1.189	3.543	248	122	72	442

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	3.781	2.274	1.233	7.288	857	353	73	1.283
Francês	513	268	90	871	77	27	18	122
Italiano	455	220	122	797	35	10	9	54
Alemão	308	133	21	462	16	2	2	20
Japonês	95	34	26	155	15	6	1	21
Total	5.152	2.929	1.492	9.573	1.000	398	103	1.500

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2003, o curso de Japonês continuou com um número baixo de reprovadas, apresentando reprovadas apenas no terceiro estágio do Nível 1 e no primeiro e segundo estágios do Nível 2. Os cursos de Francês, Italiano e Alemão não demonstraram ausência de reprovadas em determinados estágios como no ano de 2002. O maior índice nas três categorias segue a margem dos anos anteriores, os maiores números de aprovados, reprovados e abandono no início dos cursos para os cinco idiomas.

Total do Estado – Ano 2004

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	8.414	9.437	4.412	22.263	7.087	3.899	3.797	14.778
Francês	1.371	837	337	2.545	612	160	269	1.041
Italiano	547	475	335	1.357	388	179	152	719
Alemão	457	425	169	1.051	196	59	37	292
Japonês	266	252	120	638	108	31	81	220
Total	11.055	11.426	5.373	27.854	8.386	4.328	4.336	17.050

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	981	603	571	2.155	367	188	165	720
Francês	94	76	59	229	37	1	22	60
Italiano	63	61	23	147	20	26	4	50
Alemão	35	24	14	73	12	-	-	12
Japonês	20	18	16	54	5	1	3	9
Total	119	782	683	2.658	441	216	194	851

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	920	652	249	1.821	328	141	83	552
Francês	140	76	32	248	48	13	8	69
Italiano	111	69	13	193	52	18	2	72
Alemão	18	38	6	62	23	-	2	25
Japonês	37	54	14	105	10	6	4	20
Total	1.226	889	314	2.429	461	178	99	738

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2004, foi o curso de Alemão que apresentou ausência de reprovadas no segundo e terceiro estágios do Nível 2, como também ausência de abandono no segundo estágio desse Nível. No curso de Espanhol o número de aprovados aumentou do primeiro para o segundo estágio do Nível 1, mas caiu quase pela metade no terceiro estágio desse Nível.

Total do Estado – Ano 2005

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	12.140	12.147	7.352	31.639	7.130	4.782	6.499	18.411
Francês	1.472	1.269	733	3.474	435	267	441	1.143

Italiano	735	671	346	1.752	216	284	405	905
Alemão	761	578	240	1.579	97	107	198	402
Japonês	376	319	160	855	182	74	126	382
Total	15.484	14.984	8.831	39.299	8.060	5.514	7.669	21.243

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	1.627	1.219	1.069	3.915	439	302	334	1.075
Francês	317	211	120	648	45	45	44	134
Italiano	139	101	62	302	20	20	44	84
Alemão	124	95	71	290	7	17	9	33
Japonês	67	25	12	104	17	1	4	22
Total	2.274	1.651	1.334	5.259	528	385	435	1.348

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	1.158	774	431	2.363	294	186	125	605
Francês	63	71	57	191	13	21	23	57
Italiano	68	46	10	124	22	17	15	54
Alemão	18	11	4	33	3	1	7	11
Japonês	26	11	9	46	10	2	3	15
Total	1.333	913	511	2.757	342	227	173	742

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2005, o curso de Francês teve seu maior índice de abandono no segundo estágio do Nível 1 e o restante dos idiomas continuaram com maior índice de abandono no primeiro estágio desse Nível como nos anos anteriores. O curso de Japonês teve apenas um aluno reprovado no segundo estágio do Nível 2, contra sessenta e sete no primeiro estágio do Nível 1. O curso de Espanhol sofreu oscilações em relação ao número de alunos aprovados em 2005. Houve uma queda razoável nessa categoria no terceiro estágio do Nível 1 que se manteve no primeiro estágio do Nível 2, caindo novamente no segundo estágio desse Nível.

Total do Estado – Ano 2006

Aprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	18.466	14.551	11.466	44.483	9.850	8.193	7.271	25.314
Francês	2.487	1.568	968	5.023	734	515	397	1.646

Italiano	1.463	880	602	2.945	337	179	268	784
Alemão	1.055	907	483	2.445	187	130	181	498
Japonês	465	276	161	902	124	135	161	420
Total	23.936	18.182	13.680	55.798	11.232	9.152	8.278	28.662

Fonte: CENP/SEE

Reprovação por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	3.018	1.994	1.787	6.799	801	558	392	1.751
Francês	470	292	278	1.040	92	54	69	215
Italiano	261	138	104	503	37	31	25	93
Alemão	175	127	91	393	29	12	42	83
Japonês	54	91	54	199	37	6	8	51
Total	3.978	2.642	2.314	8.934	996	661	536	2.193

Fonte: CENP/SEE

Abandono por nível e estágio, segundo idioma – números absolutos

Idioma	Nível 1				Nível 2			
	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total	1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	Total
Espanhol	1.215	621	349	2.185	287	142	106	535
Francês	78	43	2	150	7	9	1	17
Italiano	48	29	94	171	12	2	38	52
Alemão	10	12	3	25	1	3	1	5
Japonês	11	20	3	34	3	3	7	13
Total	1.362	725	451	2.565	310	159	153	622

Fonte: CENP/SEE

No ano de 2006, não houve ausência no número de reprovadas e de abandono em nenhum idioma. O curso de Italiano apresentou seu maior índice de abandono no terceiro estágio do Nível 1 e, curiosamente, apresentou também um número alto nessa categoria no último estágio do Nível 2. Ainda nessa categoria abandono, os outros idiomas apresentaram oscilações de um estágio para o outro.

Na categoria reprovação, os idiomas também sofreram oscilações entre os estágios, exceto os cursos de Espanhol e Italiano, que se mantiveram diminuindo o número de reprovados do primeiro para o último estágio do curso.

Segundo a atual coordenadora e alguns professores do CEL instalado na EE Antônio Padilha em Sorocaba, há um razoável abandono de um estágio para o outro durante os cursos. Talvez isso explique o fato de o número de alunos na categoria de abandono, com pequenas exceções, ser maior nos primeiros estágios dos cursos, como mostra esse levantamento elaborado pela CEI. De acordo com Alzenir Oliveira de Souza, atual coordenadora do CEL

em Sorocaba, as turmas começam normalmente com cerca de trinta e cinco alunos e terminam com uma média de vinte alunos por sala.

3.2 O Estudo Sobre o Funcionamento de Seis Centros de Estudos de Línguas no Estado de São Paulo

Em 1997, uma professora avaliadora, a convite da Secretaria de Estado da Educação, participou de um estudo de avaliação sobre os CELs. Nesse estudo, denominado *Avaliação do Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas nas Escolas Estaduais e nos Centros de Estudo de Línguas* (SEE, 1997), foram elaborados alguns questionários que foram respondidos por diretores de escolas-sede dos Centros, coordenadores, professores e alunos dos CELs, bem como professores de Inglês e alunos de Inglês da Rede Estadual de Ensino.

Esse estudo de avaliação foi dividido em quatro partes, no entanto, para a pesquisa eu consultei apenas a quarta e última parte, que envolveu o ensino-aprendizagem de LEM (Língua Estrangeira Moderna) nos CELs.

Para esse estudo de avaliação, foram escolhidas seis escolas que também abrigavam Centros de Línguas: três em São Paulo - Capital, duas no interior e uma na Grande São Paulo.

Participaram da pesquisa: seis diretores das escolas-sede, seis coordenadores de CELs, 24 professores da Rede, sendo 23 de Inglês e um de Francês, 38 professores de CELs, 529 alunos dos CELs e 519 alunos da Rede.

Selecionei algumas partes desse estudo:

- o perfil da clientela;
- os professores;
- as salas de aula;
- horário de funcionamento;
- demanda x língua e
- aspectos pedagógicos.

Utilizei as informações desse estudo para demonstrar os problemas e dificuldades enfrentados pelos CELs até o final da década de 1990.

3.2.1 Algumas Informações do Estudo de Avaliação

I O perfil da clientela

O estudo abordou, principalmente, alunos que estavam matriculados nos estágios mais avançados (nível II), porque se julgou que esses alunos, por terem mais tempo de permanência nos cursos do CEL, estariam mais aptos a responderem ao questionário que objetivou conhecer a clientela e as opiniões desse segmento sobre o ensino ministrado.

Entretanto, não foi possível fazer a avaliação exclusivamente com esses estudantes, devido ao horário das visitas e ao número reduzido de alunos nos últimos estágios de alguns cursos. Desta forma, alguns alunos do segundo e do terceiro estágios do nível I também responderam ao questionário.

Verificou-se que 69% dos alunos que frequentavam os CELs pesquisados estavam matriculados no Ensino Médio, 11% no Ensino Fundamental, 1% estavam fazendo curso preparatório para o vestibular e 1% eram alunos do ensino superior. Destacou-se que 14% dos alunos afirmaram que não estavam estudando em nenhuma escola.

Mapeando-se as escolas que os alunos dos CELs pesquisados frequentavam, observou-se que:

- 17% dos alunos estudavam na própria escola que é a sede do CEL;
- 69% frequentavam outras escolas da Rede Estadual;
- 6% frequentavam outras escolas, municipais ou particulares;
- 1% estava fazendo “cursinho” ou faculdade.

A equipe que participou da avaliação realizou a aplicação de questionários em pelo menos duas turmas de cada curso de língua oferecido em cada CEL, ficando assim distribuída a amostra:

- 29% dos alunos frequentavam o curso de Espanhol;
- 28% frequentavam o curso de Francês;
- 22% eram alunos de Italiano;
- 15% de Alemão e
- 6% eram alunos do curso de Japonês.

II Os professores

Nos Centros de Línguas investigados, 38 docentes das diversas línguas implantadas participaram da pesquisa, que foi representada por 30 mulheres e oito homens.

Distribuíram-se por língua da seguinte forma:

- Espanhol – 13 professores;
- Francês – 13 professores;
- Alemão – 06 professores;
- Italiano – 05 professores e
- Japonês – 01 professor

Nos CELs investigados, 35 professores eram ocupantes de função-atividade (OFAs) e apenas três eram efetivos. Uma professora de Francês, aprovada no concurso, não pode efetivar-se porque apenas foi oferecida uma vaga quando ocorreu a chamada. E uma professora aposentada voltou a ministrar aulas.

Segundo a pesquisa, os professores questionados disseram que se consideravam comprometidos com a proposta do CEL e afirmaram fazer um planejamento integrado. Consideravam que essa interação era produto das reuniões pedagógicas, da troca de experiências que ocorria frequentemente entre os professores de um mesmo Centro e até de Centros diferentes e devido às orientações técnicas proporcionadas pela CENP.

Do ponto de vista metodológico, disseram pautar sua prática pedagógica na abordagem comunicativa, em aulas dinâmicas, nas quais utilizavam diversos recursos audiovisuais.

III As salas de aula

As salas de aulas nas escolas pesquisadas eram salas ambiente, ou seja, elas estavam organizadas de acordo com o curso oferecido e possuíam equipamento necessário para o ensino de línguas (TV, vídeo, gravador). Além disso, os CELs visitados contavam com outros pequenos espaços destinados aos serviços de coordenação, secretaria e atendimento à comunidade.

IV Horários de funcionamento

Além da quantidade de salas, o que influenciava na quantidade de alunos atendidos em cada CEL era a forma como estava estruturado seu horário de funcionamento.

Os dias e horários de funcionamento dos CELs visitados variavam de um CEL para outro. Um CEL visitado funcionava de 2ª a 5ª feira, os outros funcionavam de 2ª a 6ª feira. A maioria dos CELs oferecia seus cursos em três períodos (manhã, tarde e noite) e o horário que eles iniciavam suas atividades pela manhã era bem diversificado.

V Demanda x língua

Com relação à demanda, uma tendência que se observou em todos os CELs é que nos últimos semestres de funcionamento dos CELs pesquisados, o número de alunos matriculados no curso de Espanhol aumentou progressivamente e que o Francês era o segundo curso em número de turmas. Os seis CELs investigados somavam 73 turmas de Francês, atendendo 1.273 alunos.

O curso de Alemão, oferecido em quatro dos seis Centros investigados, foi o terceiro em número de turmas, mas o quarto em número de alunos. No primeiro semestre de 1997 esses CELs possuíam 26 turmas de Alemão, com 408 alunos matriculados.

Italiano foi o quarto em relação à quantidade de turmas, mas o terceiro em número de alunos. Formaram-se 25 turmas de Italiano nos cinco CELs estudados que oferecem essa língua. O total de alunos matriculados foi de 441, no primeiro semestre de 1997.

Japonês era o curso que apresentava menor número de turmas, haja vista que apenas um entre os Centros visitados oferecia esse idioma.

VI Os aspectos pedagógicos

Para os coordenadores e professores que participaram da pesquisa, a proposta pedagógica que norteia o trabalho no CEL enfatiza a comunicação oral, a leitura de texto e também a aquisição da gramática.

Os professores afirmaram que os CELs dispõem de livros didáticos para consulta e também de outros livros para pesquisa, bem como dicionários e mapas. Aproximadamente a metade dos entrevistados relatou que o CEL dispõe de retro projetores e projetores de slides.

Grande parte dos professores também afirmou que o uso de materiais audiovisuais, como o vídeo cassete e fitas, é imprescindível para o trabalho que se realiza nos CELs.

Segundo os professores participantes da pesquisa, os alunos dos CELs são avaliados por meio de provas escritas e orais, e por seu desempenho nas aulas, sobretudo no que concerne à apresentação de diálogos.

O professor de Alemão que participou da pesquisa informou que os alunos interessados submetem-se, com alto grau de aprovação, a uma prova oficial formulada pelo IPBA (Associação dos Professores de Alemão) e pelo Instituto Goethe. Também foi apontado que os alunos de Francês têm obtido sucesso em provas oficiais como D.E.L.F. (Diplome Elémentaire de Langue Française), semestralmente promovidas pelo Governo da França, segundo afirmou um professor de um CEL pesquisado.

Quanto ao planejamento, os coordenadores informaram que semestralmente são feitas reuniões, primeiramente entre todos os professores e o coordenador, ocasião em que se discutem objetivos, técnicas e estratégias para a prática de ensino. Em um segundo momento, o plano é finalizado entre os professores de cada idioma.

Os coordenadores disseram acompanhar o desenrolar dos cursos, observando o processo ensino/aprendizagem, analisando planos e avaliações de cada estágio, verificando diários de classe, enquanto providenciam e organizam os recursos didáticos de que os professores fazem uso.

A avaliação demonstrou que grande parte dos professores dos CELs participam das orientações técnicas (OTs) na CENP e também parte deles frequentam cursos de especialização em outras instituições.

O IPBA e o Instituto Goethe têm patrocinado cursos mensais aos professores de Alemão em São Paulo e oferecido algumas bolsas para cursos na Alemanha. Este procedimento também tem ocorrido para os professores de Francês, com a ajuda da Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo, da Aliança Francesa e do Consulado Francês.

Os coordenadores confirmaram também que a APIESP (Associação dos Professores de Italiano do Estado de São Paulo) e a APEESP (Associação dos Professores de Espanhol), juntamente com a USP e a UNESP enviam boletins periodicamente e oferecem bolsas de estudo e cursos aos professores. O Circolo Italiano, a Casa da Espanha, o Colégio Miguel de Cervantes, a Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa entre outros, possibilitam aos professores e alunos oportunidade de visita às suas instalações, além de bolsas de estudo e participação em eventos promovidos por essas entidades culturais.

3.2.2 Os problemas apontados

Alguns problemas foram diagnosticados nesse estudo de avaliação:

- Quanto ao espaço físico

Professores e coordenadores apontaram alguns problemas em relação ao espaço físico utilizado pelos CELs. Em alguns, havia salas muito pequenas, principalmente para as turmas de 1º estágio que, devido à grande procura, acabaram tendo até 30 alunos matriculados. Verificou-se, também, nos CELs visitados a possibilidade de ampliar horários para aumentar o número de turmas, otimizando a utilização das salas disponíveis.

Além de espaços muito pequenos, os coordenadores e professores também tinham que equacionar a questão da limpeza que, por falta de funcionários, muitas vezes precisava ser feita pelo próprio coordenador e/ou professor.

- As dificuldades enfrentadas por diretores, coordenadores e professores

Embora cinco diretores tenham apontado que uma das razões que propiciou a instalação do CEL em suas escolas foi o interesse em abrigá-lo, a pesquisa demonstrou que nem todos se esforçam para uma integração efetiva entre o CEL e a escola, deixando sob a responsabilidade do coordenador a operacionalização de todos os serviços relativos ao CEL.

Os coordenadores de três CELs visitados informaram ter dificuldade em atender à demanda, sobretudo no curso de Espanhol, seja pela falta de espaço ou pela falta de professores habilitados.

Constatou-se, também, que não havia número suficiente de professores para os cursos de Italiano, Alemão e Japonês ou, segundo diretores e coordenadores, os professores habilitados não se sujeitavam a ganhar o que se pagava aos professores da Rede.

A questão do afastamento de professor para ministrar aulas nos Centros de Línguas também foi apontada como problema. Os efetivos são afastados nos termos do inciso II e do § 1º, do artigo 64, “Dos Afastamentos”, da Lei Complementar 444, de 27 dez. 1985¹¹. Esse tipo

¹¹ Lei Complementar Nº 444, de 27 de dezembro de 1985. Publicação: Diário Oficial v. 96, n.061, 02/04/1986. CAPÍTULO XII. Dos Afastamentos. Artigo 64 – O docente e/ou especialista de educação poderão ser afastados do exercício de seu cargo, respeitado o interesse da Administração Estadual, para os seguintes fins: II – exercer atividades inerentes ou correlatas às de Magistério, em cargos ou funções previstos nas unidades e/ou órgãos da Secretaria de Estado da Educação e no Conselho Estadual de Educação;

de afastamento cessa ao final de cada ano letivo, possibilitando ao professor o retorno à unidade escolar de classificação. O afastamento pode ser prorrogado, mas, anualmente, é preciso reiterar esse pedido para que o professor não sofra prejuízos na sua vida profissional. No entanto, nem sempre todas as providências são tomadas, seja pela escola em que o docente está classificado, seja pela escola em que está em exercício, o que levou, pelo menos até o momento em que a pesquisa foi realizada, ao problema de falta de docentes devidamente habilitados para ministrar aulas nos CELs.

Os coordenadores revelaram que esta questão desestimulou muitos professores nos primeiros anos de implantação dos CELs, quando a Rede Estadual contava com muitos efetivos no seu quadro de profissionais.

- As verbas

Todos os diretores afirmaram existir verbas destinadas especificamente ao CEL, porém, o que se verificou é que não havia regularidade quanto ao repasse para as escolas. Algumas a recebiam trimestralmente, outras, quadrimestralmente e outras sem nenhuma regularidade.

Essas verbas eram destinadas, sobretudo, para materiais de consumo, despesas miúdas e de pronto pagamento, manutenção e reparos (prestação de serviços). Dois diretores afirmaram receber verbas destinadas para material permanente, porém nenhum coordenador enquanto participou da pesquisa, indicou estar recebendo tal verba.

Os coordenadores foram unânimes em afirmar que as verbas recebidas não atendiam às necessidades do CEL, causando dificuldades para a compra de material permanente (equipamentos, mobiliário, material didático, livros). Segundo a pesquisa, em muitos casos, essa dificuldade foi superada por doações da clientela do Centro ou verbas da APM da escola.

3.2.3 Sugestões para mudanças

Além de apontar aspectos positivos e negativos no desenvolvimento do projeto CEL, essa avaliação também viabilizou a coleta de sugestões de todos os segmentos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem no CEL.

Os diretores sugeriram que:

§ 1º – Os afastamentos referidos no inciso II serão concedidos sem prejuízo de vencimentos e das demais vantagens do cargo, devendo o especialista ou docente cumprir regime de trabalho semanal de 40 (quarenta) horas.

- Os profissionais fossem mais valorizados por meio de melhores salários;
- Continuassem frequentando cursos de capacitação;
- Fosse implantados ainda mais recursos pedagógicos;
- Houvesse mais espaço físico para o Projeto;
- Fosse destinados funcionários especificamente para limpeza e trabalhos de secretaria;
- Fosse revista a legislação principalmente no que concerne aos requisitos necessários para a coordenação e para o afastamento de professores.

Os coordenadores reiteraram todas as sugestões dadas pelos diretores e acrescentaram a necessidade de que se destinassem aos CELs verbas próprias que pudessem ser utilizadas de acordo com as necessidades de cada Centro, conforme as peculiaridades do Projeto. Eles sugeriram ainda que houvesse maior compromisso da escola-sede com o CEL e também das Delegacias de Ensino, que precisavam ter no seu grupo de supervisão, pelo menos, um supervisor que realmente conhecesse a dinâmica e a legislação que são pertinentes aos Centros de Línguas.

Os professores também apontaram para a necessidade de se criar mais CELs para atender um número maior de alunos no Estado. Os alunos falaram da necessidade de equipamentos como TV e vídeo em todas as salas de aula, alguns sugeriram o uso de computadores nas aulas para comunicarem-se via Internet com outros alunos de língua estrangeira e também a assinatura de TV a cabo, também com o objetivo de ter mais contato com a língua estrangeira.

3.3 A avaliação IN LOCO sobre os CELs

No ano de 2000, a mesma professora avaliadora que participou do estudo de avaliação sobre os CELs no ano de 1997 foi convidada novamente pela SEE para coordenar um outro estudo sobre o funcionamento dos CELs. No entanto, desta vez, a pesquisa foi realizada *in loco* em alguns CELs do estado de São Paulo, inclusive no CEL de Sorocaba.

Segunda a professora, ela e sua equipe visitaram vários CELs e fizeram relatórios sobre o que observaram no funcionamento dos Centros desde o aspecto físico até o que

conseguiram observar nas aulas, e, depois disso, propuseram algumas mudanças na legislação e a abertura de mais CELs.

A professora avaliadora explicou que uma equipe de professores, especificamente um para cada língua, foi contratada para avaliar o aspecto pedagógico dos cinquenta CELs existentes até aquele momento, segundo ela, a ideia final era propor um material único, uma estrutura padronizada.

Foram investigados certos aspectos do funcionamento dos Centros, como, por exemplo, os alunos que frequentavam os CELs, as verbas, a situação dos professores e o número de alunos por sala.

Segundo a professora avaliadora, nessa avaliação *in loco* sobre os CELs, não foi apresentado, como resultado, nenhum documento escrito, portanto, as informações que trago a seguir, sobre o desenvolvimento e resultados dessa pesquisa, foram obtidas em sua entrevista no Instituto Protagonistes, em São Paulo, no mesmo dia que entrevistei Rose Neubauer.

- Os alunos que frequentavam os CELs

No estudo de avaliação de 1997 já havia sido notada a presença de alunos que frequentavam os CELs e não faziam parte do quadro de alunos da rede estadual, nesse segundo trabalho, esse fato foi novamente observado pela coordenadora da pesquisa; um grande número de alunos que frequentavam os cursos nos CELs não eram alunos da rede estadual de ensino.

Não estava sendo realizado de forma correta, conforme demonstrou a avaliação, um trabalho de seleção dos alunos da rede pública que tinham, por direito, uma vaga nos Centros, segundo sua legislação. No entanto, questiono-me, por que demorou tanto tempo para que se percebesse essa falha?

De acordo com a declaração do então Secretário da Educação, Chopin Tavares de Lima (SÃO PAULO, 1989b), na época de criação dos CELs, o projeto pretendia atender os alunos da rede pública estadual de ensino.

Desde o dia em que assumimos a Secretaria da Educação, mais que um sonho, nossa preocupação maior foi, e continua sendo, resgatar o ensino da escola pública. Graças a Deus, podemos vislumbrar indícios seguros de que a escola pública está voltando a ter a mesma qualidade que possuía, quando era freqüentada por uma pequena elite. Um desses sinais é constituído pela instalação dos Centros de Estudos de Línguas, nas escolas da Rede Estadual. O que sempre foi privilégio de uma minoria afortunada, agora está ao alcance dos alunos menos favorecidos.

Talvez o motivo para tal irregularidade tenha sido um regulamento que até então vinha sendo seguido por coordenadores dos CELs quanto à seleção de seus alunos.

Os alunos matriculados em escolas particulares ou municipais, aqueles que fazem cursinho ou faculdade e 4% dos que atualmente não estão estudando em nenhuma escola, puderam permanecer regularmente matriculados no Centro, porque à época em que ingressaram no CEL estudavam na Rede Estadual, razão pela qual, legalmente, a eles permanecem vinculados. (SEE, 1997)

Segundo a professora avaliadora, ela e sua equipe passaram dias verificando listas e cruzando informações para apurar quais alunos eram da Rede Estadual e quais estavam irregulares, ou seja, não faziam parte da rede pública estadual e ainda assim estudavam nos CELs.

- As verbas

A professora explicou que, apesar de existir verba para os CELs, nem sempre ela esteve direcionada de forma correta.

“Houve casos em que o diretor da escola-sede recebeu a verba e disse não ter recebido, tivemos que visitar as escolas com o comprovante das verbas em mãos, constando a data e a quantia da verba disponibilizada.”

- A situação dos professores e o número de alunos por sala

Segundo a professora, o universo dos CELs era pequeno, cinquenta espaços dentro de outras escolas, às vezes esse espaço era de duas salas de aula. Em alguns casos, havia professores de Português e Francês da Rede, que deixavam as aulas de Português para dar aulas de Francês no CEL, e em alguns CELs havia pouquíssimos alunos por sala.

Uma das mudanças foi propor que o primeiro estágio pudesse ser iniciado com o mínimo de 30 alunos, explicou a professora, pois, segundo Rose Neubauer, tratava-se de um desperdício de dinheiro público pagar professores para dar aulas para poucos alunos.

Levanto aqui uma questão: quando a ex-Secretária da Educação pensou em aumentar o número de alunos por sala nos CELs, levou em consideração o interesse dos alunos ou as condições de trabalho para os professores? Os professores e alunos (atores principais da escola) foram ouvidos?

Analisando os dados desses dois trabalhos de avaliação sobre os CELs (com todas as suas demonstrações de dificuldades e propostas de mudanças) pergunto-me: por que somente

a partir de 1996 iniciaram-se as primeiras pesquisas sobre o desenvolvimento dos Centros em todo o estado de São Paulo?

Por que esperaram quase dez anos após sua implantação para começarem a detectar os problemas do projeto? Como, por exemplo, a existência de alunos que não faziam parte da rede pública estadual e frequentando as aulas nos CELs.

Notamos que não houve, do ano de 1988 a 1996, um estudo de avaliação sobre o desenvolvimento dos CELs, como esses realizados a pedido da SEE, ou um levantamento das diferentes categorias de alunos e línguas, como o que foi feito pela CENP.

No capítulo a seguir, irei demonstrar como foi o desenvolvimento do CEL de Sorocaba nesse período. Conteí com a ajuda dos documentos encontrados no acervo histórico da escola e do relato da ex-coordenadora Sueli Baddini. Em Sorocaba, o CEL foi instalado no ano de 1989 e funciona até os dias atuais.

Procurei verificar como foi a implantação de seu projeto pedagógico nessa cidade e como as dificuldades e mudanças sofridas por essa escola, ao longo dos anos, afetou a prática de ensino do CEL em Sorocaba.

4 O CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUAS EM SOROCABA

O Centro de Estudos de Línguas em Sorocaba atualmente funciona na Escola Estadual Antônio Padilha, mas até o ano de 1996 o Centro funcionou na Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) Senador Luiz Nogueira Martins.

O motivo da mudança de unidade escolar, conforme nos mostram documentos do acervo histórico da escola e o relato de duas professoras, Mônica Ribeira Andrade, professora de Francês, e Sueli Baddini, professora de Espanhol, que inclusive atuou como coordenadora do CEL quando ainda funcionava na escola Senador Luiz Nogueira Martins, foi a falta de condições adequadas para abrigar o Centro desde o início de sua instalação.

4.1 A instalação do Centro de Estudos de Línguas na EEPG Senador Luiz Nogueira Martins

No ano de 1988 foi enviado ao então Secretário de Estado da Educação Chopin Tavares de Lima o Ofício nº25/88, solicitando a instalação de um Centro de Estudos de Línguas na cidade de Sorocaba (SÃO PAULO 1988d), o documento foi enviado por Francisco Evangelista Galvão, diretor da EEPG Senador Luiz Nogueira Martins, interessada em receber o CEL. Atendendo às exigências da SEE, que determinava: Caberá ao Diretor da unidade escolar onde for instalado o Centro de que trata esta resolução, todas as providências necessárias ao seu funcionamento, devendo adotar as medidas cabíveis para esse fim. (Resolução SE nº 271 art.3º).

Com o objetivo de justificar as condições adequadas que a escola oferecia para abrigar o CEL, foi elaborado pelo diretor um Plano de Curso (SÃO PAULO, 1988e) com a caracterização da comunidade, da clientela, dos recursos humanos e materiais disponíveis. De acordo com esse plano de curso (PC), a escola possuía localização privilegiada, pois, além de ser em uma região central, permitia à clientela de bairros periféricos um fácil acesso, também contava com salas de aula disponíveis nos três períodos de funcionamento e, do ponto de vista socioeconômico, a clientela escolar era heterogênea, pois os alunos vinham de vários bairros diferentes. A escola possuía uma biblioteca em boas condições de uso e funcionários

habilitados para a função, porém não possuía recursos audiovisuais, e esperava receber esses materiais para a implantação dos novos cursos.

Havia nessa unidade, ainda segundo o PC escolar, professor de Português, titular de cargo, professores ACT, dois professores de Francês, sendo um devidamente habilitado para o cargo de coordenação e uma professora de Espanhol.

A 2ª Delegacia de Ensino (DE) de Sorocaba, tendo em vista o interesse da EEPG Senador Luiz Nogueira Martins na instalação de um CEL, encaminhou a proposta (SÃO PAULO, 1988f) à Divisão Regional de Ensino (DRE-Sorocaba) que, por sua vez, a enviou (SÃO PAULO, 1988g) à CEI.

Em resposta à solicitação, a escola recebeu um comunicado (SÃO PAULO, 1988h) da Supervisão de Ensino informando-lhes que havia sido realizado pela DE um levantamento inicial de clientela interessada no ensino de Língua Espanhola em todas as escolas da rede estadual. O resultado havia excedido as expectativas, apresentando um total de 2.510 alunos.

O mesmo documento, contudo, indicou que a EEPG Senador Luiz Nogueira Martins contava com três salas disponíveis de manhã, quatro salas à tarde e oito à noite, e, tendo em vista o número de pessoas interessadas e o fato de inicialmente o Centro poder funcionar apenas com um terço da capacidade, constatou-se que o espaço físico era insuficiente, de acordo com os termos da CENP. Temos no art; 22 da Portaria da CENP, de 18 de março de 1988, parágrafo único que,

Para se garantir o atendimento a maior número possível de alunos, recomenda-se que os Centros iniciem suas atividades com apenas 1/3 (um terço) da sua capacidade física, completando, gradativamente, sua capacidade plena. (SÃO PAULO, 1988a)

Entretanto, na época, a Senador Nogueira Martins era a única escola com salas disponíveis nessa DE, tendo, portanto, recebido um parecer favorável (SÃO PAULO, 1988i) para a instalação do primeiro Centro de Estudos de Línguas em Sorocaba.

No dia 17 de Junho de 1988, a solicitação (SÃO PAULO, 1988j) foi encaminhada à Secretaria de Estado da Educação, pelo Delegado de Ensino Jair Nunes. No entanto, no mês seguinte, a escola recebeu outro comunicado da Supervisão de Ensino (SÃO PAULO, 1988k) informando-lhe que havia sido realizada uma reunião na CEI e as propostas para instalações dos Centros de Estudos de Línguas haviam sido priorizadas de acordo com a ordem de chegada, sendo selecionadas as cinco primeiras propostas que tinham dado entrada até aquela data, uma vez que a verba para a compra de material permanente era suficiente para equipar apenas cinco CELs.

Esse mesmo comunicado, todavia, informava que as demais escolas interessadas em instalar os Centros tinham a permissão para instalá-lo, porém, sem a verba necessária para o seu funcionamento inicial, ou seja, apenas com o material disponível na unidade escolar (UE) proponente.

Segundo uma lista de materiais apresentada na referida reunião na CEI, a UE proponente EEPG Senador Luiz Nogueira Martins não possuía material mínimo necessário e nem meios próprios para adquiri-lo. Contava apenas com: um gravador, um retro projetor, e um aparelho de som centralizado, com caixas de som nas diversas salas.

Tendo sido expostos os fatos, a Supervisão de Ensino comunicava à escola, naquele documento (SÃO PAULO, 1988k) que o CEL Senador Nogueira Martins, depois de autorizado, teria permissão para funcionar apenas no ano de 1989, quando contasse com a verba para a compra do material mínimo necessário para seu funcionamento regular.

De acordo com o parecer dos documentos citados, observa-se que a escola Senador Luiz Nogueira Martins não apresentava as condições adequadas necessárias para receber o CEL, pois o espaço físico era insuficiente e havia carência de materiais requisitados para sua instalação, como, por exemplo, aparelhos audiovisuais.

Quando observei os documentos relatando as dificuldades que o primeiro CEL de Sorocaba enfrentou para instalar-se na cidade, me questionei até que ponto essas dificuldades afetaram as práticas de ensino do Centro.

Segundo a ex-coordenadora Sueli Baddini, as condições de trabalho para os professores no CEL Luiz Senador Nogueira Martins eram precárias, pois as poucas salas de aula disponíveis para o uso do CEL não eram equipadas com aparelhos de som e TV e a única sala que era equipada com esses recursos também era de uso da coordenação do CEL.

Como professora de Inglês, sei o quanto são importantes, para o ensino de uma língua estrangeira, alguns recursos audiovisuais, como aparelhos de som, TV, DVD e alguns outros materiais para equipar as sala, a fim de estimular os alunos para o aprendizado.

O CEL de Sorocaba já não funciona mais naquela unidade escolar, as informações que tive sobre seu funcionamento nessa escola foram provenientes dos relatos da ex-coordenadora Sueli Baddini e da professora Mônica Ribeira Andrade, que, inclusive, ainda ministra aulas de Francês no CEL, hoje instalado em outra unidade escolar.

Além dessas fontes orais, também tive acesso a alguns documentos oficiais do acervo histórico da escola, onde havia ofícios, comunicados, atas e os currículos dos primeiros professores.

Cotejando esses documentos oficiais com os relatos da ex-coordenadora Sueli Baddini e da professora de Francês, Mônica Ribeira Andrade, pude saber quem foram os primeiros professores do CEL em Sorocaba, quais foram as primeiras línguas estrangeiras ensinadas e como as dificuldades pela falta de recursos materiais interferiram na aplicação de seu projeto pedagógico e no desenvolvimento de sua prática de ensino, a ponto de levar coordenadores e professores a pensar na possibilidade de mudarem-se para outra unidade escolar.

Acredito que essas pistas do passado me ajudaram a entender as questões que me propus a investigar sobre o projeto pedagógico e as práticas de ensino do Centro de Estudos de Línguas em Sorocaba.

Ferreira (2000, p.9), apoiando-se nas reflexões de Eric Hobsbawn sobre o tempo presente, afirma:

O tempo presente é o período durante o qual se produzem eventos que pressionam o historiador a revisar a significação que ele dá ao passado, a rever as perspectivas, a redefinir as periodizações, isto é, a olhar, em função de um resultado de hoje, para um passado que somente sob essa luz adquire significação.

4.2 O CEL Senador Luiz Nogueira Martins

4.2.1 Os primeiros professores

Foi solicitado pela CEI o envio de fotocópias das habilitações dos professores indicados para atuarem no CEL, junto ao termo de anuência desses professores, no sentido de participarem de cursos de orientações técnicas (OTs) ministrados pela CENP (SÃO PAULO, 1988l).

Através das fotocópias desses documentos¹², foi possível conhecer os primeiros professores indicados para ministrar aulas no CEL de Sorocaba:

- Francisco Cláudio da Silva Chaves, professor de Francês com cursos de especialização na França e formado no curso de Letras: Português/ Francês/

¹² Os currículos dos primeiros professores contratados para ministrar aulas no CEL, bem como as fotocópias de seus diplomas, de cursos no exterior e de seus documentos pessoais fazem parte do acervo histórico do CEL Antônio Padilha, na atual escola-sede do CEL em Sorocaba.

Latim, pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba (FFCL). Francisco também atuou como o primeiro professor-coordenador do CEL.

- A professora de Espanhol, Therezinha da Graça Moraes Nascimento, professora aposentada, também formada pela FFCL, em Sorocaba, no curso de Letras-Neolatinas: Português/ Francês/ Latim/ Espanhol e
- Elza Regina Amaral Hildebrand, professora de Francês também licenciada em Letras/Neolatinas na FFCL, como os outros professores.

4.2.2 A inclusão do curso de Francês

Sabe-se que a língua Espanhola é a preferencial no CEL, mas não a exclusiva. No caso de Sorocaba, não há registro de nenhum documento oficial no acervo histórico da escola que indique o motivo da escolha do idioma Francês na grade curricular do CEL. De acordo com a ex-coordenadora Sueli Baddini, o Centro começou a oferecer também o curso de Francês pelo fato de haver mais professores de Francês habilitados, disponíveis na época da instalação do CEL em Sorocaba, chegando a ter inclusive nos primeiros anos de funcionamento um número maior de turmas de Francês.

De fato, essa informação é confirmada pelo ofício (SÃO PAULO, 1988m) enviado pelo então diretor da escola Senador Luiz Nogueira Martins, Francisco Evangelista Galvão, ao Secretário da Educação, informando-lhe que o CEL foi implantado letivamente a partir de 20 de fevereiro de 1989, ministrando inicialmente aulas de Língua Espanhola e de Língua Francesa, nos três turnos disponíveis, comportando doze turmas, sendo essas, divididas em sete para a Língua Francesa e cinco para a Língua Espanhola, contando com número de dez a vinte alunos por turma, conforme sugestão da CENP.

O ofício do diretor ao Secretário da Educação também discorreu sobre uma relativa evasão já prevista, principalmente na área de Língua Espanhola, em relação às matrículas iniciais, aproximadamente 20%, até aquela data (24 de abril de 1989). De acordo com o diretor, esse fato decorria, provavelmente, da escassez de recursos, levando à desmotivação dos alunos em face de tais dificuldades.

4.2.3 Os problemas enfrentados pelo CEL

Conforme esse mesmo ofício do diretor Francisco Evangelista Galvão (SÃO PAULO, 1988m), a primeira parcela da verba esperada para o material de consumo e material permanente chegou apenas no mês de abril, ou seja, dois meses após o início das aulas no Centro.

Não há registros no acervo da escola que mostrem o que foi comprado com as verbas para equipar o CEL Senador Luiz Nogueira Martins, mas, segundo a ex-coordenadora e a professora Mônica, as condições eram precárias, as salas de aula ficavam no porão da escola, e a única sala que possuía um vídeo cassete era a mesma usada para a coordenação.

Com o número de alunos crescendo a cada semestre, a proposta pedagógica do Centro de Estudos de Línguas em Sorocaba encontrava-se ameaçada, pois as poucas salas de aula disponíveis e a falta de recursos audiovisuais começaram a afetar as práticas de ensino.

Consta, ainda, no mesmo ofício, citado anteriormente, do diretor da escola Senador Luiz Nogueira Martins enviado à Secretaria, um parágrafo sucinto sobre a prática de ensino no CEL:

Quanto às atividades de linguagem, procuramos manter uma abordagem equilibrada, dando ênfase à capacidade de ler, ouvir e falar sem negligenciar a reprodução de textos e demais atos da linguagem cotidiana. O aspecto cultural e corrente dos países de expansão francesa e espanhola são pontos a serem salientados para classes mais avançadas no decorrer ainda do nível I (3 primeiros estágios semestrais).

Questiono-me: quando o diretor da escola-sede escreveu “procuramos” nesse parágrafo, referia-se também às vozes dos professores? Foi possível manter essa proposta pedagógica diante das dificuldades enfrentadas pelos professores com a precária infraestrutura da escola?

Infelizmente, o que as fontes nos mostram são uma série de dificuldades enfrentadas pelos professores do CEL de Sorocaba em seus primeiros anos de funcionamento.

Como o CEL sobreviveu a essas dificuldades?

4.2.4 A transferência do CEL para outra unidade escolar

Alguns anos depois da instalação do CEL na escola Senador Luiz Nogueira Martins, os problemas permaneciam os mesmos, as salas de aula disponíveis na escola para uso do

CEL não comportavam o número de alunos que crescia a cada semestre, e a escassez de recursos audiovisuais continuava.

Nessa época, a professora que atuava como coordenadora do Centro começou a estudar a possibilidade de o CEL instalar-se em outra unidade escolar. A ex-coordenadora contou que chegou a visitar várias escolas para procurar uma que tivesse salas de aulas disponíveis para abrigar o CEL. Ela e as professoras de Espanhol e Francês pensaram na mudança da sede do CEL para a Escola Estadual Antônio Padilha. A professora explicou que escolheram essa escola pelo fato de ter uma boa localização, possibilitando o fácil acesso aos alunos e também por haver mais salas disponíveis para abrigar o Centro. Tinham a expectativa de que o Centro se tornasse mais conhecido e valorizado em Sorocaba pela boa localização da escola.

Coincidentemente, na mesma época em que a coordenadora e professoras do CEL procuravam uma escola que tivesse salas de aula disponíveis para abrigá-lo, a escola Antônio Padilha passava por uma mudança em sua estrutura curricular. A escola que até então oferecia ensino primário e secundário passou, a partir de meados do ano de 1995, a oferecer apenas o Ciclo II¹³ do Ensino Fundamental e o Ensino Médio, o que propiciou a existência de salas de aulas disponíveis para receber o CEL.

Depois de alguns contatos com a direção da escola e com a DE, uma reunião técnico administrativa foi agendada para discutir os principais tópicos para a instalação do Centro nessa outra unidade escolar.

De acordo com a Ata (CEL, 1996) daquela reunião, a distribuição das salas foi a seguinte: uma sala para a Coordenação e mais duas para as turmas de Francês e Espanhol. Foi decidido também que com o dinheiro da poupança do CEL fossem comprados aparelhos de TV e vídeo cassete para equipar as salas.

Conforme a Ata ficou também estabelecido que os alunos do CEL deveriam usar camisetas uniformizadas do próprio Centro ou das escolas que frequentassem, que respeitassem o horário de entrada e saída das aulas, com disciplina no corredor, pois o Centro funcionaria na área administrativa da escola.

¹³ A Nova LDB, lei no. 9394/96 propõe a possibilidade de organizar o Ensino Fundamental em ciclos e, para os estabelecimentos que utilizam a progressão regular por série, propôs-se o "regime de progressão continuada", cujas normas são de competência dos respectivos sistemas de ensino (artigo 32, parágrafos 1º e 2º da Lei)

No Sistema de ensino do Estado de São Paulo, o regime de progressão continuada foi organizado em dois ciclos:

Ciclo I: corresponde às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental.

Ciclo II: corresponde às quatro últimas séries do Ensino Fundamental.

4.3 A escola estadual Antônio Padilha

A atual Escola Estadual Antônio Padilha foi o primeiro grupo escolar de Sorocaba (Grupo Escolar Antônio Padilha), inaugurado em 1896.

Localizado, inicialmente, entre as ruas Brigadeiro Tobias e Monsenhor João Soares (à época rua do Theatro e rua das Flores – 1896-1905), alguns meses depois do início das aulas, o prédio que abrigava o grupo escolar começou a apresentar problemas estruturais e de acomodação. A falta de higiene, por exemplo, preocupava a direção e, como não havia na cidade um local que pudesse servir como Grupo Escolar, as aulas foram sendo constantemente canceladas. Foi em 1910 que o Estado iniciou a construção de um prédio próprio e definitivo para o funcionamento do Grupo Escolar Antônio Padilha, na Rua Cesário Mota

Seu prédio contava com 16 salas, no centro uma área cimentada, nas laterais, dois gabinetes, um para a reunião dos professores e o outro para as crianças que preferissem ficar dentro dos prédios.



Grupo Escolar Antônio Padilha, prédio original - área central, hoje arborizada.

Além do edifício original, fez parte também do conjunto um segundo bloco, com projeto datado de 1970, um prédio em anexo, construído no mesmo terreno do então Grupo Escolar, que tem sua entrada pela Rua Professor Toledo. Ocupando dois prédios, o antigo Grupo Escolar tornou-se uma das maiores escolas estaduais de Sorocaba, a Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau Antônio Padilha.

Em 1996, o prédio que abrigou o Grupo Escolar Antônio Padilha à Rua Cesário Mota juntamente com outras 122 escolas públicas da capital e do interior, foi

tombado pelo Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT), conforme publicação do Diário Oficial do Estado de São Paulo, do dia 7 de Agosto de 2002, páginas 1 e 52. (SILVA, 2006)



Grupo Escolar Antônio Padilha, prédio original - corredor lateral

4.3.1 A instalação do CEL na escola Antônio Padilha

O Centro de Estudos de Línguas passou a ter sua nova sede na EE Antônio Padilha, no dia 22 de fevereiro de 1996, conforme publicação do Diário de Sorocaba, do dia 20 de fevereiro de 1996, página A-2.

No primeiro ano de instalação, as aulas do CEL foram ministradas no antigo prédio, (hoje tombado como patrimônio histórico), onde então funcionava a área administrativa da escola, mas devido às condições inadequadas, no ano seguinte, o Centro se mudou para o prédio em anexo, onde funciona até hoje.

Atualmente, o antigo prédio abriga a Diretoria Estadual de Ensino da Região de Sorocaba e no prédio anexo funciona a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Antonio Padilha e o Centro de Estudos de Línguas de Sorocaba.



Portão principal da EE Antônio Padilha – novo prédio, à Rua Professor Toledo, que abriga o CEL Antônio Padilha - Sorocaba.

4.3.2 O CEL Antônio Padilha: o início de um novo começo

O fato de os professores e a coordenadora do CEL Senador Luiz Nogueira Martins terem pensado e trabalhado para a mudança de unidade escolar devido às condições inadequadas que a escola-sede lhes oferecia me leva a crer que o desenvolvimento das práticas de ensino do CEL em Sorocaba estava relacionado às condições de trabalho dos professores, como o espaço que ocupavam e as condições estruturais desse espaço.

As fontes documentais do acervo histórico do CEL instalado na escola Antônio Padilha datam desde o dia de sua instalação na primeira escola-sede, em 1989, até a inclusão de uma terceira língua estrangeira em sua grade curricular, no ano de 2004. Além desses documentos, contei com a colaboração de alguns professores, da atual coordenadora do CEL e de uma das coordenadoras do CEL, que trabalha na Secretaria da EE Antônio Padilha e é responsável pela formação de turmas do CEL.

Nesse capítulo, apresento alguns aspectos do desenvolvimento do projeto pedagógico e das práticas de ensino do CEL de Sorocaba instalado na EE Antônio Padilha, dividindo-os por temas: os professores; a seleção dos alunos e elaboração das turmas; as línguas oferecidas;

a inclusão de uma nova língua e, por último, a prática de ensino, sub-dividida em dois itens: a descrição das aulas de Alemão e a análise dessas aulas.

Fui convidada pelo professor de Alemão, José Francisco Souza Júnior, no primeiro semestre de 2009, para assistir às suas aulas, dessa forma, pude trazer, no último item, a descrição e análise das aulas de Alemão.

A análise dessas aulas foi feita levando-se em consideração alguns aspectos que acredito serem relevantes para entender o desenvolvimento da prática de ensino desse professor do CEL: o uso do material didático, a organização da sala de aula, o tempo da aula, o número de alunos por sala e as estratégias criadas pelo professor para driblar as dificuldades que possam surgir devido a alguns desses aspectos citados acima.

4.3.2.1 Os professores

Um dos requisitos para os professores dos CELs é ter licenciatura plena preferencialmente na língua que ensinam, ou então em pedagogia ou qualquer outra disciplina relacionada à grade escolar. Os professores devem também ter proficiência nas quatro habilidades da língua (ler, ouvir, escrever e falar), sendo que, ao serem selecionados, passam por uma entrevista e um teste escrito.

No CEL Antônio Padilha, a professora que mais recentemente passou por esse processo seletivo foi Brena Ramos Marinho, professora de Alemão, formada em Letras (Português/Alemão) pela UNESP.

Atualmente, o CEL de Sorocaba conta com dois professores de Alemão: Brena Ramos Marinho e José Francisco Souza Júnior, também formado em Letras/Alemão pela UNESP. Francisco foi um dos primeiros professores de Alemão, quando o ensino da língua foi implantado no CEL de Sorocaba.

Para ensinar Espanhol, o CEL dispõe de oito professores: Aparecida de Fátima M. Specie, Elisabeth Rueda Gusmán Fogaça de Almeida, Gilmar Blás I. Domingues, Nilce Vieira da Costa, Sandra Regina de Paula, Shirley Ap. Prieto, Terezinha Cristina M. Datri e Vanessa M. do Nascimento, com sede em Sorocaba e duas turmas em Itu.

Os professores de Francês são quatro: Ana Paula Neto, Nilce Vieira da Costa, Lina Flávia Morete e Mônica Ribeira Andrade, uma das primeiras professoras de Francês no CEL.

Os professores dos CELs assistem a cursos de orientações técnicas (OTs) oferecidos pela CENP de duas a três vezes ao ano, no entanto, para os professores de Alemão, são oferecidas quatro OTs anuais.

Segundo Shirley Prieto, professora de Espanhol, as OTs para professores de Espanhol são oferecidos por assessores do Consulado Espanhol, que prestam concurso e permanecem por quatro anos no Brasil, para o desenvolvimento desses cursos. Esse período de quatro anos pode ser renovado, caso haja interesse do assessor. Shirley também explicou que esses assessores fazem parte de organizações chamadas *consejerias*, cujo objetivo é divulgar a língua e cultura Espanhola em todo o Brasil.

De acordo com a professora, nas OTs de Espanhol, os professores recebem sugestões para o melhor desenvolvimento das práticas de ensino em sala de aula, como também estudam juntos as estruturas gramaticais da língua. Para explicar traços culturais dos países falantes da língua Espanhola, os professores recebem sugestões de como trabalhar com músicas e vídeos.

Segundo o professor Francisco, nas OTs de Alemão, os professores recebem as mesmas sugestões de como desenvolver suas práticas de ensino, mas a escolha do material didático e seu uso nas aulas fica a cargo dos professores de cada CEL. Por exemplo, no caso da língua alemã, o mesmo material é usado pelos dois professores do CEL de Sorocaba, mas não é necessariamente o mesmo material usado no curso de Alemão nos outros CELs do Estado.

Atualmente, os alunos interessados em fazer o curso de línguas no CEL Antônio Padilha têm a possibilidade de escolher entre Francês, Espanhol e Alemão. A língua alemã passou a fazer parte da grade curricular do CEL de Sorocaba a partir de 2004 (SÃO PAULO, 2004a)

4.3.2.2 A seleção dos alunos e planejamento das turmas

As inscrições no CEL de Sorocaba ocorrem normalmente nos meses de maio e outubro. O CEL envia à Diretoria de Ensino um ofício com os horários de turmas e as línguas disponíveis, a Diretoria encaminha cópias do ofício para as escolas estaduais onde são pregadas em murais, para o conhecimento dos alunos. São selecionados preferencialmente alunos da 6^a, 7^a e 8^a séries do Ensino Fundamental. Quando há um grande número de vagas,

os alunos do Ensino Médio também podem ser selecionados, mas ao término do 3º ano do Ensino Médio, o aluno tem o direito de ficar apenas mais um ano cursando as aulas.

Para fazer a inscrição, o aluno deve apresentar uma declaração escolar constando notas e faltas do bimestre ou semestre, não podendo constar nessa declaração excesso de faltas ou notas muito baixas. Se houver vários alunos com notas satisfatórias para a mesma vaga, o desempate é feito pela análise das faltas.

Segundo Niucléia, coordenadora responsável por formar as turmas do CEL Antônio Padilha, segue-se um padrão para formar as turmas com uma média de trinta a trinta e cinco alunos por sala. A coordenadora explicou que se permite que o número de alunos por turma inicie-se alto porque há uma provável desistência de alunos durante o curso, podendo, dessa forma, reduzir o número de alunos por sala. No entanto, o professor de Alemão relatou que já chegou a ter uma turma que chegou até o último estágio do curso com cerca de quarenta alunos, isso ocorreu por ter havido uma junção de duas turmas pequenas (segundo padrão atual dos CELs) logo nos primeiros estágios do curso.

De acordo com a projeção do número de alunos e turmas para 2009, o CEL em Sorocaba atualmente conta com 408 alunos de Alemão, divididos em cinco turmas de manhã, sete à tarde e quatro à noite; 1.181 alunos de Espanhol, divididos em 14 turmas de manhã, 23 à tarde e seis à noite e 379 alunos de Francês, divididos em seis turmas de manhã, sete à tarde e três à noite.

Turmas para o ano de 2009

	Manhã	Tarde	Noite	Total
Alemão	05	07	04	16
Espanhol	14	23	06	43
Francês	06	07	03	16
Total	25	37	13	75

4.3.2.3 Verbas

O problema das verbas disponíveis para os CELs tem sido alvo de discussões durante vários anos entre coordenadores dos CELs e diretores das escolas-sede. Como relataram Sueli Baddini, ex-coordenadora, e Alzenir Oliveira de Souza, atual coordenadora do CEL

sorocabano¹⁴, alguns diretores de escolas-sede vêm na verba destinada para os CELs um dinheiro que pode também ser utilizado pela escola que o recebe, o que tem ocasionado falta de dinheiro para sanar as prioridades dos CELs que vão desde simples materiais de consumo até aparelhos de som, TV, DVD e computadores para equipar as salas.

Atualmente, as salas de aula utilizadas pelo CEL em Sorocaba são equipadas com esses aparelhos, mas, como já citei no início deste capítulo, um dos motivos que levaram o CEL a transferir-se de unidade escolar foi a escassez desse tipo de recursos para equipar as salas de aula.

Não há nenhum documento oficial no acervo histórico da escola que indique o desvio de verba no primeiro CEL instalado em Sorocaba ou no CEL instalado na escola Antônio Padilha, mas, de acordo com uma ex-professora, que solicitou sua não identificação, houve um grande problema de desvio de verba no CEL nessa segunda unidade escolar. Na época, a professora diz ter entrado em contato com a professora-avaliadora que estava realizando um trabalho *in loco*, a pedido da Secretaria da Educação, sobre o desenvolvimento dos CELs no estado de São Paulo.

Em entrevista (APÊNDICE D), a professora-avaliadora disse ter havido de fato um grande desvio de verbas nos CELs. Os diretores das escolas-sede não entendiam que chegava uma verba específica para os CELs e a usavam apenas em benefício da escola que o abrigava, e, conforme relatou, ela e sua equipe tiveram que visitá-los com os comprovantes das verbas disponibilizadas em mãos.

De acordo com Alzenir, atual coordenadora do CEL, foi realizada pela CENP, no mês de março de 2009, uma reunião com os Coordenadores dos CELs, para discutir os problemas sobre as verbas e sua má distribuição.

A coordenadora explicou que, tendo em vista os problemas da má distribuição das verbas para os CELs relatados pelos coordenadores, a CENP entrou em contato com a Diretoria de Ensino de todas as cidades que possuem CELs e informou-lhes que os Coordenadores dos CELs teriam permissão para abrir sua própria conta bancária para receber as verbas.

Alzenir foi ao banco Nossa Caixa com mais duas professoras como testemunhas e abriu sua própria conta para receber, a partir de então, as verbas disponibilizadas para o CEL Antônio Padilha. A coordenadora também informou que os aparelhos eletrônicos destinados ao CEL estão, a partir desse ano, vindo devidamente endereçados, pois esse era outro

¹⁴ Anexos F e G, respectivamente.

problema enfrentado por eles. O diretor da escola-sede tomava posse desses aparelhos alegando que estes eram enviados para a escola-sede e não para o CEL.

Os últimos equipamentos recebidos pelo CEL em Sorocaba foram: um *laptop*, três aparelhos de som, uma câmera fotográfica digital e um data show.

4.3.2.4 A inclusão de uma nova língua estrangeira no CEL Sorocabano

Segundo Francisco, professor de Alemão do CEL desde 2003, quando a coordenadora e os professores do CEL Antônio Padilha pensaram na possibilidade da inclusão de uma terceira língua na grade curricular do Centro, uma pesquisa foi realizada nas escolas estaduais para verificar a preferência dos alunos. De acordo com o resultado da pesquisa, seguindo uma ordem de classificação, a língua alemã ficou em primeiro lugar, o Italiano em segundo e a língua japonesa em terceiro.

Dessa maneira, em setembro de 2003, um ofício (SÃO PAULO, 2004a) enviado pela Supervisão de Ensino de Sorocaba destinado à CEI solicitava a inclusão da língua alemã na Matriz Curricular do CEL Antônio Padilha, alegando que o CEL Antônio Padilha possuía todas as condições adequadas para oferecer essa língua estrangeira. O ofício informava:

Demanda: Havia sido realizada pela DER/Sorocaba um levantamento inicial de clientela interessada no ensino de Língua Alemã em todas as escolas da rede de Ensino Estadual. O resultado superou as expectativas, apresentando demanda para duas turmas de 35 alunos cada, a serem atendidas no período vespertino e noturno, com ampla possibilidade de expansão.

Professores habilitados e disponíveis: Havia docente habilitado e disponível para realização das atividades, e que atendessem às exigências necessárias.

Espaço Físico: A escola disponibilizou uma sala para atender os alunos interessados em todos os períodos.

Horário: A escola possuía uma sala ambiente para atender todos os períodos e o horário seria organizado conforme interesse e necessidade da clientela.

Localização: A escola localiza-se no Centro da cidade de Sorocaba, sendo de fácil acesso aos alunos.

Recursos Didático-Pedagógico Disponíveis: A escola já possuía material didático e pedagógico de apoio às aulas da língua Alemã, tais como: revistas, jornais, dicionários, mapas, pôsteres e recursos audiovisuais (fitas de vídeo e CD, TV e aparelho de som)

Ao final do ofício, a Supervisão de Ensino informou que, diante das condições apresentadas, era de parecer favorável à inclusão do ensino da língua alemã no CEL Antônio Padilha na DRE/Sorocaba.

No entanto, em janeiro de 2004, a CEI informou-lhes (SÃO PAULO, 2004b) que, embora estivessem instruídos de acordo com a legislação pertinente, os autos estavam sendo restituídos à Diretoria de Ensino, pois não estavam sendo autorizadas inclusões de novas línguas nas escolas jurisdicionadas à rede de ensino do interior para funcionarem no primeiro semestre do ano de 2004.

A questão, entretanto, foi que as aulas de Alemão já estavam sendo ministradas em Sorocaba e, com base nesse fato, a CEI enviou um comunicado (SÃO PAULO 2004c) ao Centro, solicitando que regularizassem a vida escolar dos alunos que frequentavam as aulas de Alemão, pois não haviam sido autorizados para a inclusão dessa língua.

O coordenador da CEI recomendou ainda que a Diretoria de Ensino cumprisse com o compromisso assumido com a comunidade local, permitindo que as turmas iniciadas fossem terminadas, mas que não houvesse início de novas turmas.

No final do ano de 2004, em resposta ao comunicado da CEI, a Diretoria de Ensino os informou que haviam sido cumpridas as recomendações exigidas pela Coordenadoria, no entanto, como o CEL estava em fase de planejamento e mapeamento das necessidades da comunidade escolar para 2005, estava sendo encaminhado um novo pedido de solicitação para inclusão da língua alemã.

Esse novo pedido alegava que havia sido feito pela escola um levantamento inicial de interessados pelo ensino da língua alemã e verificou-se que havia grande interesse pelo curso de Alemão na cidade de Sorocaba. A escola informava que havia alunos do CEL estagiários das indústrias INA e LUK¹⁵, empresas alemãs de grande importância para geração de empregos na cidade.

Não consta no acervo histórico da escola o documento enviado pela CEI autorizando finalmente o ensino de Alemão no CEL em Sorocaba, mas a língua tem sido ensinada até os dias atuais, com uma média de 16 turmas por semestre, oferecendo aulas para cerca de 400 alunos.

¹⁵ A Schaeffler do Brasil reúne as três principais marcas do Grupo: INA, LuK (unidades em Sorocaba e FAG, em São Paulo. Além das plantas fabris localizadas no Brasil, o Grupo Schaeffler possui operações em diversos países da América do Sul. Sediado na Alemanha, o Grupo Schaeffler é um dos líderes mundiais em componentes automotivos, industriais e aeroespaciais. Presente em mais de 180 localidades em todo o mundo, o Grupo conta com 66 mil colaboradores e um faturamento que em 2008 atingiu mais de 8,9 bilhões de euros.

Os primeiros professores de Alemão do CEL de Sorocaba foram Célia de Sanctis Müller e José Francisco Souza Júnior.

Segundo Francisco, as aulas de Alemão começaram no ano de 2003 e, mesmo ainda sem a autorização para a inclusão dessa língua em Sorocaba, funcionaram normalmente em 2003 e 2004, pois as turmas já haviam sido elaboradas.

A professora Célia trabalhou no CEL até o ano de 2008, no entanto, pelo fato de não ter licenciatura plena em Alemão, apenas em Direito, no ano de 2009 não pode mais ministrar as aulas de Alemão no CEL, assim, em 2009, o CEL passa a contar com uma nova professora de Alemão, Brena Ramos Marinho, também formada em Letras/Alemão pela UNESP, assim como o professor Francisco.

4.3.2.5 O curso de Alemão

Os professores costumavam usar apostilas elaboradas com fotocópias de diferentes livros didáticos nos cursos de Espanhol, Francês e Alemão, no entanto, a partir do ano de 2009, os professores de Francês e Espanhol passaram a adotar livros didáticos. Duas livrarias da cidade, em acordo com o CEL, passaram a vender o material com um custo mais acessível para os alunos do Centro.

Mas, no caso da língua alemã, o custo do livro seria muito alto para os alunos, por isso, os professores Francisco e Brena continuam usando apostilas, como faziam os professores de Francês e Espanhol até o ano de 2008.

As apostilas de Alemão para o ano de 2009 foram elaboradas com fotocópias do livro texto e de exercícios *Planet 1* dos autores Gabriele Kopp e Siegfried Büttner. Além das apostilas, os alunos também compram a cópia do CD do livro adotado pelos professores.

Francisco também ministra aulas de reforço, todas as sexta-feiras, para tirar dúvidas de tópicos gramaticais da língua e para preparar os alunos interessados em prestar as provas de proficiência do Instituto Goethe.

As provas aplicadas pelo Instituto são gratuitas para os alunos dos CELs e estes não precisam estar no último estágio do curso para prestá-las.

Segundo Francisco, os exames de proficiência do Instituto Goethe dividem-se em quatro níveis: A1, A2, B1, B2, C1 e C2, indicando as seguintes características:

<p>A1: Capacidade de compreender e utilizar frases e expressões cotidianas simples; capacidade de apresentar-se, elaborar perguntas simples sobre outras pessoas e responder a perguntas dessa natureza; capacidade de comunicar-se de maneira simples, quando o interlocutor fala lenta e claramente.</p>	<p>A2: Capacidade de compreender frases e expressões de uso frequente, relacionadas entre si (por ex. informações sobre a pessoa família, compras, trabalho, local de residência e arredores); capacidade de se comunicar em situações simples, rotineiras, em que ocorra uma troca simples e direta de informações sobre coisas conhecidas e usuais; capacidade de descrever, com meios simples e em relação a demandas básicas, a origem, a formação, o ambiente a sua volta.</p>
<p>B1: Capacidade de compreender os pontos principais, quando é utilizado um padrão linguístico claro e se tratam de assuntos conhecidos, como trabalho, escola, férias, etc.; capacidade de lidar com a maioria das situações linguísticas com que se depara em viagens; capacidade de expressar-se de forma simples e conexa sobre temas conhecidos e campos de interesse pessoal; capacidade de relatar experiências e acontecimentos, sonhos, esperanças e objetivos, e fundamentar ou esclarecer pontos de vista.</p>	<p>B2: Capacidade de compreender os conteúdos principais de textos complexos sobre temas concretos e abstratos; capacidade, também, de compreender discussões técnicas em seu próprio campo de atuação; conseguir comunicar-se de forma fluente e espontânea, de forma que uma conversação normal com falantes nativos da língua seja possível sem maior esforço; conseguir expressar-se de forma clara e detalhada sobre um amplo espectro temático, explicar um posicionamento frente a uma questão atual e dar detalhes pró e contra diferentes possibilidades.</p>
<p>C1: Capacidade de compreender um amplo espectro de textos mais longos e exigentes, além de significados implícitos; conseguir expressar-se espontânea e fluentemente, sem precisar procurar por palavras; capacidade de usar a língua na vida social e profissional ou no estudo e formação de forma efetiva e flexível; expressar-se de forma clara, estruturada e minuciosa sobre temas complexos e usar apropriadamente diversos meios de associações textuais.</p>	<p>C2: Poder compreender, sem esforço, praticamente tudo o que ele / ela lê ou escuta; capacidade de resumir informações de diversas fontes impressas e verbais, formulando justificativas e explicações de forma conexa e reproduzi-las; conseguir expressar-se espontaneamente, com bastante fluência e precisão e também esclarecer nuances de significado em circunstâncias mais complexas.</p>

O exame *Start Deutsch 1*(GOETHE), o qual os alunos dos CELs prestam, certifica o primeiro nível – A1 – de uma escala de 6 níveis de competência, de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas Estrangeiras¹⁶ (PORTUGAL, 2001). O nível

¹⁶ Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas Estrangeiras - este Quadro fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc. na Europa. Descreve exaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de saber para serem capazes de comunicar nessa língua e que saberes e capacidades têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua e define os níveis de proficiência que permitem medir os progressos em todas as etapas da aprendizagem ao longo da vida. (PORTUGAL, 2001)

"A" indica a capacidade de uso elementar da língua. De acordo com Francisco, os alunos do CEL de Sorocaba têm conseguido passar nos níveis A1, A2 e B1.

Se houver mais de 50 alunos para prestar a prova em um determinado CEL, o Instituto vai até o Centro para aplicá-la. Em 2007, os 23 alunos do CEL de Sorocaba que prestaram para o nível A1 passaram e Francisco acredita que no ano de 2009 haverá cerca de 80 alunos para prestá-la novamente.

Um semestre antes da prova, Francisco trabalha com exercícios preparatórios para o teste de proficiência A1. Segundo o professor, a maior dificuldade que os alunos do CEL de Sorocaba enfrentam quando prestam a prova é a parte de ouvir as atividades do CD. No entanto, o professor acredita que a grande maioria dos alunos nos cursos de Alemão raramente têm um aproveitamento de 100% nessa parte da prova.

4.3.2.6 As Práticas de Ensino

O próximo, e último tema, como mencionei anteriormente, está dividido em dois itens: a descrição das aulas de Alemão e a análise dessas aulas.

Quando uso o termo “análise das aulas” refiro-me a uma observação mais detalhada de alguns aspectos que procurei observar nas aulas, para entender o desenvolvimento da prática de ensino no curso de Alemão do CEL Antônio Padilha.

4.3.2.7 As aulas

Francisco me convidou para assistir às suas aulas e eu tive a oportunidade de assistir a quatro aulas de uma turma com cerca de vinte e cinco alunos, do segundo estágio do nível I, no período noturno.

O fato de haver uma pessoa estranha observando as aulas pode ser constrangedor para o professor e para os alunos, no entanto, Francisco demonstrou-se sempre muito apaixonado pelo que faz e ficou bem à vontade nas aulas às quais assisti, como também procurou me incluir em algumas atividades das aulas com o intuito de me aproximar dos alunos e vice-versa. Essa aproximação me proporcionou a chance de vivenciar algumas experiências com os alunos e com o professor, fato que, concordando com a afirmação de Roger Chartier (1993, apud FERREIRA, 2000) me ajudou bastante a entender a forma com que as práticas de ensino foram elaboradas nessas aulas.

O pesquisador é contemporâneo de seu objeto e divide com os que fazem a história, seus atores, as mesmas categorias e referências. Assim a falta de distância, ao invés de um inconveniente, pode ser um instrumento de auxílio importante para um maior entendimento da realidade estudada, de maneira a superar a descontinuidade fundamental, que ordinariamente supera o instrumental intelectual, afetivo e psíquico do historiador e aqueles que fazem a história.

Certamente que o que leva ao bom desenvolvimento da prática de ensino do CEL Antônio Padilha não é a perfeição de uma prática específica de um determinado professor de uma das línguas estrangeiras oferecidas no CEL, mas um conjunto de fatores envolvendo coordenadores, professores, funcionários da escola e alunos, enfim, pessoas que fazem parte da história da escola e que têm aprendido a adaptarem-se às dificuldades, mudanças e reformas educacionais que os CELs têm vivido através dos anos, construindo, dessa forma, seu próprio ambiente escolar com seus próprios costumes e regras.

No entanto, como tive a oportunidade de assistir a algumas aulas no curso de Alemão, procurei observar alguns aspectos que podem influenciar o desenvolvimento das práticas de ensino, como, por exemplo, o número de alunos por sala e como isso afeta o desenvolvimento das aulas; a organização da sala; a utilização do material didático; as estratégias usadas pelo professor para atender todos os alunos da turma e qual a reação dos alunos mediante essas estratégias.

Além dos documentos oficiais do acervo histórico da escola e dos depoimentos de coordenadores e professores do CEL com as quais tive o prazer de conversar, aceitei o convite do professor Francisco para assistir às aulas de Alemão porque quis me aproximar mais e vivenciar um pouco da realidade das aulas no CEL.

Por isso, observar um pouco do dia-a-dia dessas aulas pode ter me ajudado a entender alguns aspectos que levam à construção da cultura escolar desse Centro em Sorocaba. Nesse caso, concordo com o autor espanhol, Vinão Frago (2003, p.58), quando fala a respeito de como a cultura escolar poderia ser observada.

A cultura escolar, nesse sentido, caberia ser observada através do dia-a-dia, do ritual da vida da escola e de fatores ambientais tais como o horário, a divisão do curso em períodos letivos e férias, a distribuição e uso dos espaços escolares, os objetos e móveis da sala de aula, o sistema graduado baseado na idade e a graduação das matérias, as hierarquias internas estabelecidas, o sistema de aprovação, estímulos e recompensas, as formas de avaliação, a estrutura da lição da aula, etc.¹⁷

¹⁷ Tradução do autor. Texto original:

La cultura escolar, en este sentido, cabría observarla a través de ese día a día, del ritual de la vida de la escuela y de factores medioambientales tales como el cuadro horario, la división del curso en períodos lectivos y vacacionales, la distribución y usos de los espacios escolares, los objetos y el mobiliario del aula, el sistema

De acordo com a coordenadora da CENP, Arlete Lima, o CEL de Sorocaba é um dos maiores do Estado e também está entre os que têm um desenvolvimento mais satisfatório.

Segundo Francisco, o curso de Alemão é o que tem o maior número de turmas entre os CELs do estado de São Paulo. No ano de 2009, conta com dezesseis turmas, distribuídas nos três períodos: cinco turmas de manhã, sete à tarde e quatro à noite.

Que fatores contribuem para a construção dessa particularidade?

4.3.2.8 Descrição das aulas

Para organizar a descrição das aulas, as dividi em: A, B, C e D e me referi às participações dos alunos nas aulas chamando-as de “atividades”.

Aula A

O professor Francisco entrou na sala, me apresentou para os alunos em alemão e pediu para que eles me fizessem algumas perguntas, de acordo com o que já haviam aprendido no curso. Os alunos elaboraram quatro perguntas e o professor rapidamente me ensinou a respondê-las:

Qual seu nome?

De onde você é?

Qual sua idade?

O que você gosta de beber?

Francisco, que falava a maior parte do tempo em alemão, inclusive para dar instruções para os alunos, distribuiu cartões diferentes para os alunos e pediu para que eles levantassem e procurassem o cartão com o símbolo em comum aos seus. Conforme os alunos encontravam os cartões em comum, achavam também seus pares para formarem duplas.

Entendi que o objetivo do professor era formar duplas para propor uma atividade, mas sem impor aos alunos com quem deveriam sentar-se. Dessa forma descontraída todos acharam seus pares e sentaram-se ao lado deles.

A primeira atividade proposta

Francisco escreveu sete perguntas na lousa, com três opções em cada uma para completá-las e propôs que cada um da dupla fizesse as perguntas com as três opções para o colega.

1	<i>Trinkst du wasser/ cola/ limo?</i>	Você bebe: água / coca-cola / limonada?
2	<i>Möchtest du saft / tee / kaffee?</i>	Você gostaria de: suco/ chá/ café?
3	<i>Bist du 15 / 14 / 13?</i>	Você tem: 15 / 14 / 13 anos?
4	<i>Heißt du Hannes/Honna/ Klaus?</i>	Seu nome é: Hannes/ Honna/ Klaus?
5	<i>Spielst du gitarre/ football/ eishockey?</i>	Você joga/toca guitarra/ futebol/ hoquei?
6	<i>Hörst du pop/ rock/rap</i>	Você escuta: pop/ rock/ rap?
7	<i>Findest du Nxzero/ Ladygaga / Madonna toll?</i>	Você acha Nxzero/ Ladygaga/ Madonna legal?

Com o pretexto de premiar os alunos que obtivessem o maior número de respostas “sim” para as perguntas, o professor induziu os alunos a fazerem perguntas uns para os outros. Enquanto os alunos praticavam, Francisco caminhava pela sala para observá-los.

Para ouvir alguns alunos, o professor chamou alguns deles para dizer as frases completas.

<i>Ich trinke....</i>	Eu bebo....
<i>Ich möchte....</i>	Eu gostaria de....
<i>Ich bin....</i>	Eu tenho....
<i>Ich hieße....</i>	Me chamo....
<i>Ich spiele....</i>	Eu toco / jogo....
<i>Ich höre....</i>	Eu escuto....
<i>Ich finde.... toll</i>	Eu acho legal

Apenas alguns alunos falaram. Quando observei esse fato, entendi que levaria tempo demais para ouvir os vinte e cinco alunos, o que demonstra que o número de alunos dentro da sala pode interferir no desenvolvimento da atividade proposta.

Ao terminar essa atividade os alunos copiaram da lousa um “caça-palavras” para achar dez palavras relacionadas a nomes de bebidas em alemão. Quando terminaram de completar o jogo, Francisco escolheu alguns alunos para responder a pergunta:

<i>Was trinkst du gern?</i>	O que você gosta de beber?
-----------------------------	----------------------------

Os alunos respondiam:

<i>Ich trinke gern....</i>	Eu gosto de beber....
----------------------------	-----------------------

Novamente apenas alguns alunos responderam a pergunta, porém não os mesmos que participaram da primeira atividade. Percebi que essa foi uma estratégia do professor para todos os alunos participarem dessa atividade.

A última atividade

Francisco sugeriu que os alunos construíssem um diálogo com os colegas. A ideia para o desenvolvimento do diálogo foi o encontro de duas pessoas em um barzinho (*Kiosk*) e que queriam se conhecer melhor. O professor sugeriu para os alunos que usassem todas as estruturas que já tinham aprendido no curso, como por exemplo, perguntar o nome, a idade, o que gostavam de beber etc. Depois da construção do diálogo, cada aluno praticou com o seu par.

Devido ao número de duplas, em média de doze a treze nessa sala, não foi possível para o professor ouvir separadamente todos os diálogos, dessa forma, ele caminhou pela sala para observar e ouvir a todos simultaneamente.

Acredito que, apesar da boa vontade do professor, talvez um número menor de alunos por sala proporcionasse mais oportunidades para todos os alunos expressarem-se individualmente.

É importante ainda lembrar que essa turma em que assisti às aulas não chega ao padrão atual dos CELs (30 a 35 alunos por sala).

Aula B

Logo no início da aula, Francisco pegou alguns livros didáticos para os alunos e me emprestou um para eu acompanhar junto com eles.

Primeira atividade

O professor pediu para os alunos pegarem uma folha separada do caderno e escrever frases com informações pessoais, mas sem escrever seus nomes. Alguns exemplos foram escritos na lousa pelo professor.

<i>Ich bin....Jahre alt.</i>	Eu tenho.... anos de idade.
<i>Ich wohne in.....</i>	Eu moro em
<i>Ich tanze gern.....</i>	Eu gosto de dançar....
<i>Ich finde.....</i>	Eu gosto de....
<i>Ich trinke gern.....</i>	Eu bebo....

Depois de escreverem, Francisco recolheu os papéis de cada aluno e explicou que iria ler cada um em voz alta e que eles teriam de adivinhar de qual aluno da classe se tratava. O professor explicou como falar.

<i>Das ist sie!</i>	Esta é ela!
<i>Das ist er!</i>	Este é ele!
<i>Das bin ich!</i>	Este sou eu!

Francisco leu os papéis de alguns alunos e explicou-lhes que não leria todos porque levaria muito tempo. Notei que a questão do número de alunos, outra vez, interferiu no desenvolvimento da atividade.

Mesmo que houvesse tempo suficiente para ler os papéis de todos, acredito que a atividade se tornaria cansativa para os alunos, pois devo lembrar de que se trata de uma turma com vinte e cinco adolescentes, com faixa etária entre doze e dezesseis anos.

Segunda Atividade

Francisco pediu para os alunos abrirem a apostila em uma determinada página onde havia a letra de uma música, em seguida pediu para cada um ler uma frase da letra da música.

Os alunos ouviram a música tocada pelo CD duas vezes e cantaram juntos. O ritmo da música era agitado e ela era cantada na voz de dois adolescentes, um garoto e uma garota que estavam se conhecendo. O refrão era repetido várias vezes com frases como “Meu nome é...”, “Seu nome é lindo”, “Eu gosto muito de você”.

Nesse dia, era aniversário de um dos alunos da turma e Francisco também ensinou os alunos a cantar “Parabéns para você” em alemão.

Ao final dessa atividade, o professor sugeriu duas atividades do livro de exercícios para os alunos fazerem em casa.

Terceira atividade

Francisco distribuiu folhas sulfite para os alunos e os ensinou como fazer um cartão para o dia das mães, o professor ensinou frases como “Eu te amo” (*Ich liebe dich*), “Você é super legal” (*Du bist super toll*), e também perguntou para os alunos se sabiam falar “Eu te amo” em outras línguas. Um aluno sabia falar em japonês, *Aishiteri*, outro em inglês, *I love you*, e outro em espanhol, *Te quiero mucho*. Francisco ensinou também em francês, *Je t’aime*, e em Italiano, *Io te voglio tanto bene*. Dessa forma, Francisco procurou interagir com os alunos e descobrir o que eles sabiam de outras línguas e ensinar-lhes o que ele sabia, foi uma troca de informações muito interessante e descontraída.

Aula C

Ao entrar na sala, o professor começou a distribuir os boletins para os alunos, pois na semana anterior havia sido o Conselho de Classe e a Reunião de Pais. Segundo Francisco, os alunos dos CELs fazem avaliações escritas e orais. Também há conselho de classe e reunião de pais, como em qualquer outra escola pública.

Francisco começou a aula fazendo a seguinte pergunta para os alunos:

<i>Welcher Tag ist heute?</i>	Que dia é hoje?
-------------------------------	-----------------

Alguns alunos responderam e ele escreveu na lousa:

<i>Heute ist 13. Mai 2009.</i>	Hoje é 13 de maio de 2009.
--------------------------------	----------------------------

Depois ele perguntou para um aluno: *Wie alt ist dein Vater?* Que idade tem seu pai?

O aluno respondeu em português: Ele tem sessenta e seis anos. O professor, então, o ensinou a falar essa frase em alemão: *Er ist sechundsechzig.*

Francisco escreveu na lousa algumas palavras relacionadas às pessoas da família e pediu para alguns alunos repetirem:

<i>Vater</i>	Pai
<i>Mutter</i>	Mãe
<i>Bruder</i>	Irmão
<i>Schwester</i>	Irmã

O professor lembrou aos alunos que os números de um a vinte eles já haviam aprendido e pediu para eles abrirem a apostila e procurarem os números de vinte a cem.

Francisco perguntou para os alunos os números na sequência de vinte a trinta e depois os números trinta, quarenta, cinquenta, sessenta, setenta, oitenta, noventa e cem. Ele escreveu todos esses números na lousa e explicou algumas diferenças na pronúncia de alguns números, conforme dialetos de diferentes regiões da Alemanha. Para praticar a pronúncia, ele escolheu alguns alunos e fez as seguintes perguntas:

Hast du Geschwister?	Você tem irmãos?
Wie viele?	Quantos?

E ensinou-lhes a responder:

Ich habe....	Ich habe.... Eu tenho...
--------------	--------------------------

Logo em seguida, Francisco escolheu mais alguns alunos e perguntou a idade de seus pais e seus irmãos.

<i>Wie alt ist dein Vater?</i>	Que idade tem seu pai?
<i>Wie alt ist deine Mutter?</i>	Que idade tem sua mãe?
<i>Wie alt ist dein Bruder?</i>	Que idade tem seu irmão?
<i>Wie alt ist deine Schwester?</i>	Que idade tem sua irmã?

Notei que se o professor fizesse essas perguntas para os vinte e cinco alunos, talvez não houvesse tempo para desenvolver as outras atividades planejadas para a aula, além de tornar a atividade cansativa para os primeiros que já tivessem respondido.

Então, Francisco usou outra estratégia para todos participarem respondendo essas perguntas, uma atividade em forma de pesquisa, que foi a primeira atividade dessa aula direcionada com a participação de todos os alunos juntos.

Primeira atividade

O professor sugeriu que os alunos fizessem uma pesquisa com os colegas da sala para descobrir a idade de seus parentes, para isso, os alunos levantaram e caminharam pela sala abordando três colegas e perguntando a idade de seus pais e irmãos.

Francisco pediu que quando ouvissem as respostas dos colegas, os alunos anotassem as idades por extenso para praticar a forma escrita dos números.

Três alunas também perguntaram para mim e me ensinaram como responder. Notei que os alunos gostaram da atividade pelo fato de interagirem com outras pessoas.

Achei muito interessante a atividade elaborada pelo professor, pois se tratando de um grupo de alunos adolescentes, aprender os números em alemão poderia ter sido chato e cansativo, no entanto, com essa interação todos falaram e se divertiram.

Percebi durante as aulas que vários tópicos complexos da língua alemã que Francisco apresentou e praticou com os alunos foram camuflados, em forma de jogos e brincadeiras, como uma estratégia do professor para tornar as aulas mais agradáveis para os adolescentes.

Segunda atividade

Francisco pediu para os alunos desenharem uma cartela de bingo no caderno com os números de vinte a cem e depois brincou de bingo com eles de várias formas diferentes, com premiação para o primeiro, segundo e terceiro lugar.

Os alunos prestaram muita atenção cada vez que o professor falava um número, pois estavam competindo com os colegas para ganhar a brincadeira. Isso os estimulou a aprender a pronúncia correta dos números, porque se não soubessem, perderiam a chance de ganhar “pirulitos” como premiação, o que, surpreendentemente, para eles é um prêmio de alto valor.

O primeiro lugar ganhou cinco pirulitos, o segundo lugar ganhou três e o terceiro lugar ganhou dois. Foi muito engraçado e todos nós nos divertimos muito.

Aula D

Francisco começou a aula novamente perguntando para os alunos o dia da semana, mas desta vez também colocando o ano, pois na aula anterior havia ensinado os números de cem a mil.

Sorocaba, den 20. Mai 2009.

Então, o professor escolheu alguns alunos e perguntou a idade de seus familiares para continuar a praticar os números. Logo em seguida, fez uma rápida revisão com o vocabulário relativo aos membros da família.

<i>Mutter</i>	Mãe	<i>Kusine</i>	Prima
<i>Vater</i>	Pai	<i>Tante</i>	Tia
<i>Bruder</i>	Irmão	<i>Onkel</i>	Tio
<i>Schwester</i>	Irmã	<i>Opa</i>	Avô
<i>Vetter</i>	Primo	<i>Oma</i>	Avó

Conforme o professor perguntava para os alunos as palavras do vocabulário acima, também pedia para todos repetirem em voz alta.

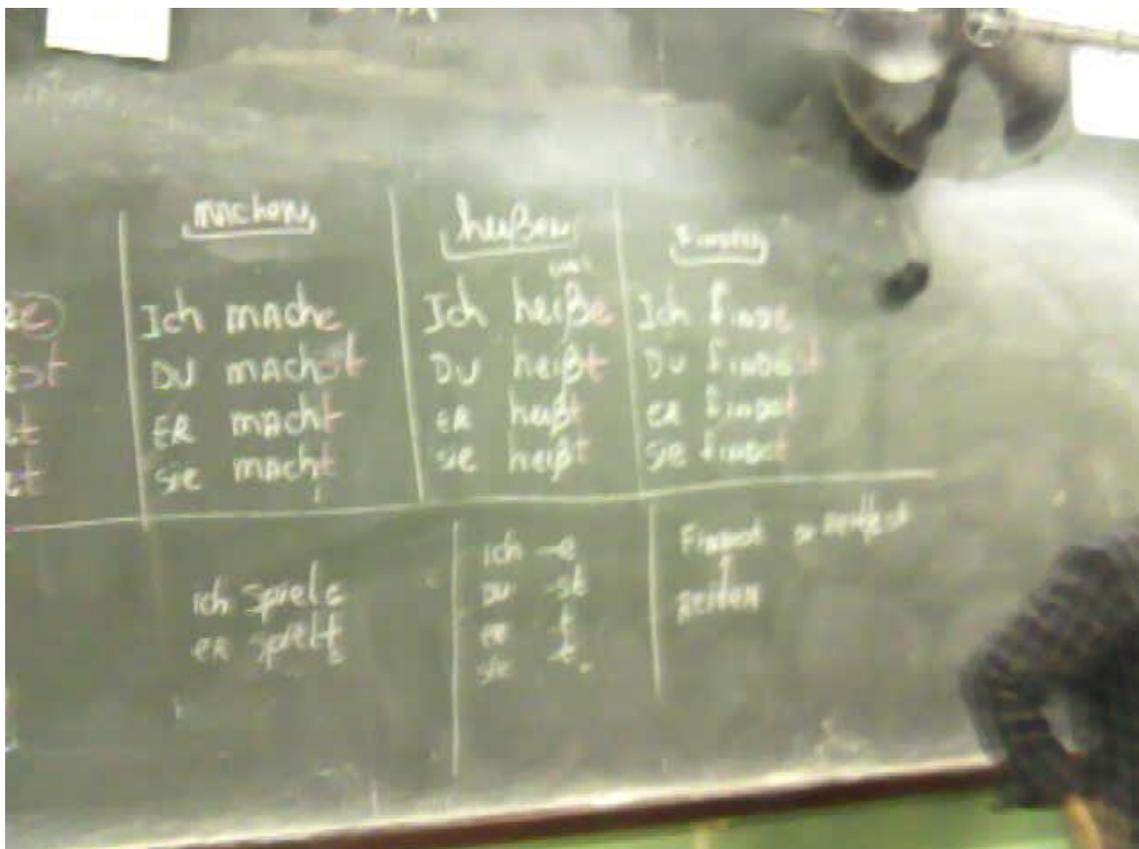
Francisco normalmente pedia para todos os alunos repetirem ao mesmo tempo as palavras do vocabulário como uma estratégia para todos participarem, pois, como já citei anteriormente, levaria muito tempo para os vinte e cinco alunos falarem individualmente.

Logo em seguida, os alunos aprenderam a conjugar o verbo ser/estar para responder sobre sua própria idade e a idade de seus familiares.

Ich Bin....	Eu tenho....
du bist....	Você tem....
Meine schwester ist....	Minha irmã tem....
Mein bruder ist....	Meu irmão tem....
Meine eltern sind....	Meus pais têm....

O professor conjugou o verbo “beber” (*trinken*) como exemplo na lousa e pediu para os alunos conjugarem os verbos “jogar” (*spielen*), “fazer” (*machen*) e “achar” (*finden*) de acordo com as novas regras aprendidas.

TRINKEN	BEBER
ich trinke	Eu bebo
du trinkst	Você bebe
er trinkt	Ele bebe
sie trinkt	Ela bebe



O professor coloca na lousa as novas palavras e os alunos, após copiarem em seus cadernos, praticam a lição.

Atividade do livro de exercícios

Os alunos, logo em seguida, trabalharam um texto em forma de e-mail do livro de exercícios.

Para praticar a pronúncia, Francisco primeiro leu o texto e pediu para alguns alunos lerem algumas frases. O professor sugeriu então que os alunos procurassem os principais verbos e algumas palavras do vocabulário que já conheciam.

Francisco pediu para que os alunos não traduzissem palavra por palavra, mas que procurassem as palavras-chave e tentassem entendê-las no contexto do e-mail.

Eu percebi que alguns dos alunos tiveram dificuldade para entender o texto, e perguntavam para os colegas, na verdade, foi uma atividade coletiva, na qual os alunos tentaram descobrir juntos o significado do e-mail.

Música

Os alunos copiaram da lousa a letra de uma música infantil que ensina como fazer um “bom bolo alemão”. A letra da música continha alguns verbos e algumas palavras novas, como os ingredientes para fazer o bolo.

<i>Ei</i>	Ovo
<i>Zucker</i>	Açúcar
<i>Salz</i>	Sal
<i>Mehl</i>	Farinha
<i>Safran</i>	Açafrão
<i>Schmalz</i>	Banha de porco

Os alunos primeiramente leram a letra da música e o vocabulário novo, logo em seguida, a escutaram no CD e cantaram todos juntos.

Alguns meninos questionaram o porquê de estarem escutando uma música infantil ao invés de uma música de uma banda jovem. Francisco explicou que essa música faz parte do folclore da cultura alemã, pois as mães costumavam cantá-la para os filhos enquanto

cozinhavam. O professor também chamou a atenção dos alunos para a quantidade de palavras novas que estavam aprendendo.

A última atividade sugerida pelo professor foi a leitura de outro texto do livro de exercícios. Dessa vez, Francisco pediu para que os alunos lessem o texto com o objetivo de encontrar as seguintes informações: o nome do principal personagem do texto, a sua idade, seu hobby, seu esporte predileto e seu tipo de música preferido.

Novamente, o professor explicou para os alunos que não precisariam entender tudo literalmente, mas saber onde encontrar as informações corretas.

4.3.2.9 A análise das aulas

Organizei a análise das aulas dividindo-a em subitens. No item “organização da sala de aula”, procurei analisar como a organização das pessoas, dentro de uma sala de aula com mais de vinte alunos pode influenciar a prática de ensino; nos itens “o material didático”, “o uso do material pelo professor”, “o uso do material pelo aluno” e “a participação do professor frente à realidade do CEL” busquei demonstrar alguns fatores muito importantes que explicam o desenvolvimento do CEL Antônio Padilha, como, por exemplo, a liberdade dos professores na escolha do material didático e na elaboração das atividades aplicadas nas aulas e como eles têm elaborado esses materiais e essas atividades, de acordo com a realidade de seus alunos; no último item “o número de alunos por sala e o tempo de duração das aulas”, procurei demonstrar as dificuldades existentes devido ao número de alunos na sala, e as estratégias criadas pelo professor nas aulas de Alemão, para enfrentar tais dificuldades.

a) A organização da sala de aula

As salas de aula do CEL são as mesmas salas de aula da escola Antônio Padilha, com capacidade para quarenta alunos. Nas aulas as quais assisti, a turma tinha em média vinte e cinco alunos e a sala de aula era organizada de uma forma diferente daquela que costumamos ver em salas de aula com capacidade para quarenta alunos (organizada com cinco fileiras de oito carteiras).

Em suas aulas, Francisco sempre pedia para os alunos organizarem a sala da seguinte forma: duas mesas grandes retangulares formadas com as carteiras da sala, cada mesa com cerca de doze a treze carteiras. Ao ocuparem as mesas, os alunos ficavam ao mesmo tempo

um do lado do outro e em frente um do outro. Essa organização da sala favorecia o desenvolvimento das atividades, que, na maior parte do tempo, eram elaboradas para os alunos trabalharem em duplas. Os alunos podiam formar dupla com o colega ao lado ou com o colega da frente e, se o professor pedisse para trocarem de mesa, ainda continuavam com essa mesma possibilidade.



Formação dos alunos em sala de aula – união de carteiras facilita a aproximação dos alunos e o desenvolvimento de atividades.



Formação dos alunos em sala de aula – possibilitando atividades em pares ou em grupos.

b) O material didático

Francisco e Brena, os dois professores de Alemão do CEL Antônio Padilha, usam um livro didático escolhido por eles para ajudá-los na elaboração das aulas. Em uma entrevista, Francisco me explicou que eles escolheram esse livro pelo fato de trazer atividades dinâmicas e interativas direcionadas para alunos crianças e adolescentes.

Os alunos do curso de Alemão usam apostilas que foram elaboradas com fotocópias do livro texto e do livro de exercícios, além de terem também a cópia do CD desses livros.

c) O uso do material pelo professor

Conforme observei nas aulas, Francisco não segue à risca o livro didático. Baseando-se nos tópicos gramaticais do livro, ele elabora várias atividades interativas e dinâmicas para os adolescentes. As aulas são muito divertidas e os alunos acabam nem percebendo que estão aprendendo estruturas gramaticais complexas da língua alemã, pois elas são ensinadas através de diferentes atividades durante a aula.

Um exemplo disso foi a aula em que Francisco ensinou os números de vinte a cem. A brincadeira do bingo fez com que os alunos ficassem ansiosos para entender os números falados pelo professor, pois queriam completar a cartela e ganhar o jogo.

Notei que, embora Francisco tenha escolhido um livro didático, não o segue como um manual em suas aulas, mas o usa juntamente com atividades que elabora de acordo com a realidade de cada turma. No caso da turma em que assisti às aulas, a prática de ensino era elaborada pelo professor, com atividades direcionadas para vinte e cinco crianças e adolescentes que saem de suas casas para assistir às aulas de Alemão, no período noturno, no CEL.

Quanto às atividades do livro de exercícios, essas são feitas em casa e o professor as corrige em sala de aula.

d) O uso do material didático pelos alunos

Os professores de Alemão têm alguns livros didáticos de reserva, para emprestar para os alunos que não compraram a apostila. As apostilas são compradas no início do estágio e a mesma apostila pode ser usada por cerca de dois a três estágios. Alguns livros e dicionários de Alemão foram doados para o CEL de Sorocaba, pelo Instituto Goethe.

No início do mês de maio, houve uma doação de dicionários do Instituto, as coordenadoras da CENP e uma representante do Instituto Goethe vieram entregá-los e também filmaram uma aula de Alemão de Francisco e Brena. Francisco explicou que essa doação foi feita para o CEL Antônio Padilha pelo fato de ser um dos maiores CELs do Estado.

Os alunos também usam cadernos nas aulas, para algumas atividades, como a brincadeira de bingo, a pesquisa sobre a idade e a conjugação dos verbos, que foram primeiramente apresentadas na lousa pelo professor e, após copiarem em seus cadernos, os alunos as desenvolveram.

O CD é usado na aula para os alunos escutarem a pronúncia de palavras e sentenças; nas aulas as quais assisti, o CD foi usado quando os alunos escutaram as músicas.

e) A participação dos professores diante à realidade do CEL Antônio Padilha

Os professores de Alemão do CEL recebem normalmente quatro OTs ao ano. Francisco me explicou que nessas OTs os professores recebem várias orientações como, por exemplo, o uso do livro didático; como e quando usar CDs, DVDs e atividades interativas da

internet e como abordar certos tópicos gramaticais da língua de uma forma agradável para os adolescentes.

No entanto, os professores têm a liberdade de elaborar esses materiais didáticos de acordo com sua clientela, ou seja, de acordo com a realidade dos alunos dessas diversas cidades que frequentam os CELs no estado de São Paulo.

Com a observação das aulas de Alemão e de acordo com conversas que tive com as professoras Mônica (Francês) e Shirley (Espanhol), os professores fazem uso dessa liberdade para criar sua própria prática de ensino, construída com todos os recursos disponíveis (livros, CDs, DVDs, internet) para os alunos do CEL Antônio Padilha.

A grande maioria dos alunos do CEL é formada por crianças e adolescentes na faixa etária entre doze e dezesseis anos. Esses alunos vêm do Ensino Fundamental e Médio de escolas estaduais de diferentes bairros de Sorocaba, muitas vezes bem distantes do CEL. Alguns alunos, inclusive, já chegaram a desistir dos cursos por não terem condições financeiras para pagar o transporte público.

Tendo em vista o perfil dos alunos do CEL Antônio Padilha e as estratégias criadas pelo professor de Alemão para atender durante as aulas todos os alunos da turma, se preocupando com a prática da oralidade e das outras habilidades da língua, entendi que cada professor tem criado uma prática de acordo a realidade de cada turma. Foi impossível, durante minha investigação, assistir às aulas das três línguas ensinadas no CEL Sorocabano, no entanto, a observação dessas aulas de Alemão me ajudou a compreender que a não padronização das aulas dentro de um único CEL e também entre os outros CELs do Estado talvez seja um fator que leva a bons resultados na qualidade do ensino, justamente por essa liberdade na criação da prática mediante à realidade dos alunos.

Vinão Frago (2003, p. 57), apoiando-se nas reflexões de Chervel, a respeito dos procedimentos de ensino criados pela escola, afirma:

A sociedade pede à escola que difunda uma cultura determinada, mas a escola, ao realizar essa tarefa, cria seus próprios procedimentos de ensino, e entrega um produto cultural: as gerações de antigos alunos (Chervel, 1996, p.182). De um lado estão os programas oficiais, explícitos, aqueles que se têm incumbido à escola que se ensine; de outro, o conjunto de efeitos culturais, não previsíveis, elaborados pelo sistema escolar de modo em boa parte independentes. Esses seriam os que correspondem à cultura escolar: aquela parte da cultura adquirida na escola, que encontra nessa instituição seu modo de difusão e sua origem.¹⁸

¹⁸ Tradução do autor - Texto original:

La sociedad pide a la escuela que difunda una cultura determinada, pero la escuela, al llevar a cabo esta tarea, crea sus propios procedimientos de enseñanza, y entrega un producto cultural: las generaciones de antiguos alumnos (Chervel, 1996, p.182). Por una parte están los programas oficiales, explícitos, aquello que se ha encargado a la escuela que enseñe; por otra, el conjunto de efectos culturales, no previsibles, engendrados por el

Mas como desenvolver uma prática de ensino de línguas estrangeiras dentro de uma sala com mais de vinte alunos?

O que pude observar nas aulas é que a oralidade da língua estava sempre muito presente, Francisco elaborou a maior parte das atividades para motivar os alunos a expressarem-se em Alemão, uns com os outros e também com o professor. Durante as aulas, as atividades propostas estavam sempre direcionadas para desenvolver as quatro habilidades da língua: falar, escutar, ler e escrever, sendo que a maior parte delas foi desenvolvida simultaneamente.

Por exemplo, na elaboração de um diálogo fictício, os alunos primeiramente tinham que “escrever” suas ideias no caderno tentando lembrar ou pesquisando no livro todas as estruturas necessárias para elaborar as sentenças. Então “liam” suas partes criadas para montar o diálogo e também “ouviam” seus colegas e, finalmente, procuravam “falar” espontaneamente o diálogo, para praticar a oralidade da língua de uma forma natural.

Outro exemplo dessa prática foi na aula dos números, em que o professor propôs uma pesquisa com a idade dos familiares dos colegas. Cada aluno levantou-se e caminhou pela sala para perguntar para três colegas diferentes a idade de seus familiares. Ao mesmo tempo perguntaram, ouviram e anotaram as respostas no caderno.

Houve também uma parte do livro didático que trazia uma música, e o professor procurou praticar a leitura e a oralidade ao invés de somente escutar a música com os alunos. Cada aluno da sala leu uma frase da letra da música, antes de ouvi-la e, depois, todos cantaram juntos com o professor.

Não há dúvida quanto ao fato de que o bom andamento das aulas é a junção do interesse dos alunos e a dedicação dos professores, mas sabemos que na adolescência é comum os jovens mudarem de ideia ou perderem a motivação facilmente.

Os professores de Alemão, Francês e Espanhol, com os quais tive contato, disseram que várias atividades são desenvolvidas para a motivação dos alunos, como por exemplo, concursos de redação, apresentações de grupos de danças em festas, concursos de culinária, desfiles de moda entre outros.

f) O número de alunos por sala

As aulas do CEL acontecem duas vezes por semana, com duração de uma hora e quarenta minutos cada. As aulas as quais assisti foram de uma turma do período noturno, com aulas de segunda e quarta-feira, das 19h às 20h40.

Como citei anteriormente, as aulas que observei no curso de Alemão foram elaboradas com brincadeiras, jogos, pesquisas e diálogos para motivar o público adolescente, no entanto, o número de alunos da turma não favoreceu a participação individual de cada aluno da sala.

Nas atividades com diálogos em duplas, por exemplo, não houve tempo suficiente para todas as duplas se apresentarem separadamente para toda a sala, dessa forma, elas falaram simultaneamente, pois se cada uma das doze ou treze duplas, em média, fosse ter um tempo para falar separadamente, levaria quase todo o tempo da aula.

Devo lembrar que as turmas nos CELs, depois do estudo *in loco* realizado em 2000 a pedido da Secretaria da Educação citada no primeiro capítulo, começaram a ser montadas com uma média de trinta e cinco alunos para cada sala. Seriam dez alunos a mais do que essa turma que observei.

Em uma aula de língua estrangeira, onde todos os alunos precisam se comunicar, não apenas uns com os outros, mas também individualmente com o professor para serem corrigidos no momento certo, me questiono como seria uma aula com cerca de trinta e cinco a quarenta alunos na sala. Apesar de Francisco ter relatado que conseguiu chegar bem ao sexto estágio com uma turma de quarenta alunos resultante da junção de duas turmas pequenas, segundo padrão do CEL, imagino que as chances de os alunos expressarem-se individualmente seriam menores ainda.

O estudo realizado a pedido da Secretaria de Estado da Educação foi realizado com o intuito de corrigir e reformular certos aspectos do projeto CEL no Estado de São Paulo, no entanto, nem sempre as reformas realizadas para o benefício das escolas consideram a existência de um conjunto de tradições e costumes sedimentados ao longo dos anos, como, no caso do ensino de línguas estrangeiras, a necessidade de trabalhar a oralidade da língua individualmente com os alunos, o que se torna mais difícil com um grande número de alunos.

Infelizmente, não tive a oportunidade de assistir a uma aula com trinta e cinco ou quarenta alunos, mas me questiono até que ponto as mudanças propostas pela Secretaria da Educação levaram em consideração a opinião dos professores e o interesse dos alunos. Nesse sentido, meus estudos sobre as reformas nos CELs e como essas reformas influenciaram a prática de ensino em Sorocaba identificam-se com a citação de Vinão Frago (2003, p. 68).

As reformas fracassam não porque, como se sabe, todas elas produzem efeitos não previstos, não esperados e inclusive opostos aos buscados, não porque originam movimentos de resistência, não encontram apoio necessário ou não acertam ao envolver o professorado em sua realização; não é porque, ao aplicar-se, se convertem em um ritualismo formal ou burocrático, mas porque, por sua natureza a-histórica, ignoram a existência de um conjunto de tradições e regularidades institucionais sedimentadas ao longo do tempo; das regras do jogo ou supostos compartilhados, não postos em entredito, que são os que permitem aos professores organizar a atividade acadêmica, levar a classe e, dada a sucessão de reformas ininterruptas que se planejam desde o poder político e administrativo, adaptá-las, transformando-as, às exigências que se derivam dessa dita cultura ou gramática.¹⁹

Talvez um dos objetivos da mudança ocasionada pela reforma para esse padrão de trinta e cinco alunos por sala tenha sido estabelecido para atender mais alunos, mas não seria mais proveitoso criar mais CELs para atender um número maior de alunos da rede pública estadual?

¹⁹ Tradução do autor – Texto original:

Las reformas fracasan no ya porque, como es sabido, todas ellas produzcan efectos no previstos, no queridos e incluso opuestos a los buscados; no ya porque originen movimientos de resistencia, no encuentren los apoyos necesarios o no acierten a implicar al profesorado en su realización; no ya porque, al aplicarse, se conviertan en un ritualismo formal o burocrático, sino-porque, por su misma naturaleza a-histórica, ignoran la existencia de ese conjunto de tradiciones y regularidades institucionales sedimentadas a lo largo del tiempo; de reglas de juego u supuestos compartidos, no puestos en entredicho, que son los que permiten a los profesores organizar la actividad académica, llevar la clase y, dada la sucesión de reformas ininterrumpidas que se plantean desde el poder político y administrativo, adaptarlas, transformándolas, a las exigencias que se derivan de dicha cultura o gramática.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso do CEL Antônio Padilha, as mudanças e reformas que tem passado ao longo dos anos não o levaram ao fracasso, ao invés disso, levaram os professores a reconstruir suas práticas, com suas próprias regras e estratégias, seus próprios mecanismos para driblar as dificuldades, como a falta de recursos, a má distribuição das verbas e o número de alunos por sala. Observando essas práticas com suas características peculiares, observamos a cultura escolar desse CEL, que provavelmente é diferente da cultura escolar de outros CELs. Por isso, como o autor espanhol, Vinão Frago (2003, p.64), prefiro falar em culturas escolares.

Pode ser que exista uma única cultura escolar, referente a todas as instituições educativas de um determinado lugar e período, e que, inclusive, conseguíssemos isolar suas características e elementos básicos. No entanto, desde uma perspectiva histórica, parece mais frutífero e interessante falar, no plural, de culturas escolares. Cada estabelecimento docente tem mais ou menos acentuado, sua própria cultura, umas características peculiares. Não há duas escolas, colégios, institutos, universidades ou faculdades iguais, mesmo que possam parecer similares entre si.²⁰

Posso escolher como exemplo, para demonstrar certas características peculiares dessa escola, o professor de Alemão que se “desdobra” na sala de aula, para criar estratégias para que todos os alunos da turma participem da aula, esse mesmo professor que tira dúvidas dos alunos, toda sexta-feira à tarde, sem ganhar nada por isso. Um bom exemplo também é a professora de Francês, que há anos trabalha no CEL e continua desenvolvendo um trabalho voluntário, ensaiando as meninas para apresentação da dança francesa, e alguns outros professores com os quais não tive a oportunidade de conversar, mas que, como observei em uma reunião de HTPC, trabalham voluntariamente para preparar os alunos para as apresentações de poemas, desfiles, concursos de culinária e outras atividades, para motivá-los.

Será que todos os CELs têm o privilégio de ter professores como esses?

²⁰ Tradução do autor – Texto original:

Puede ser que exista una única cultura escolar, referible a todas las instituciones educativas de un determinado lugar y período, y que, incluso, lográramos aislar sus características y elementos básicos. Sin embargo, desde una perspectiva histórica parece más fructífero e interesante hablar, em plural, de culturas escolares. Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas característica peculiares. No hay dos escuelas, colegios, institutos, universidades o facultades exactamente iguales, aunque puedan establecerse similitudes entre ellas.

Cada establecimiento docente tiene, más o menos acentuada, su propia cultura, unas característica peculiares.

Não posso responder a essa pergunta, mas, sem dúvida, me sensibilizou o esforço de alguns professores em lutar pela boa qualidade de ensino dessa escola.

Não concordo com o fato de os professores não serem pagos por esse trabalho adicional; em minha opinião, os professores deveriam ser pagos por todas essas horas que trabalham com os alunos fora da sala de aula, pois é um dos trabalhos mais importantes para a escola e um dos fatores que a torna reconhecida entre as outras.

Pode-se dizer, então, que o Centro de Estudos de Línguas em Sorocaba tem um bom desenvolvimento, não pelas reformas que sofreu ao longo dos anos ou por ter uma “metodologia” parecida com a de escolas particulares de idiomas, mas pela forma com que os professores têm usado sua liberdade para elaborar diversas atividades com os alunos, o que tem levado a escola ao desenvolvimento de suas próprias práticas de ensino, sua própria cultura.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, José Carlos Paes. Português e Espanhol nas relações de interface no Mercosul. **Em aberto**. Brasília, v. 15, nº 68, p.44 - 48, out. dez. 1995.

O Centro de Estudos de Línguas tem sua nova sede na EE Antônio Padilha. **Diário de Sorocaba**. Sorocaba, SP, 20 fev. 1996, página A-2.

FERREIRA, Marieta de Moraes. **História do tempo presente: desafios**. Petrópolis, RJ: Cultura Vozes, 2000. v. 94, nº 3, p. 120.

GOETHE. Institut. São Paulo. Exames – **Start Deutsch 1**. Disponível em: <<http://www.goethe.de/lrn/prj/pba/bes/sd1/ptindex.htm>> Acesso: 09 maio 2009.

MEIHY. José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996

SEE. Professora Avaliadora. **Avaliação do Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas nas Escolas Estaduais e nos Centros de Estudo de Línguas**, São Paulo, 1997.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Revista Tempo**, Rio de Janeiro: v.1, nº 2, p. 59-72, 1995.

PORTUGAL. Ministério da Educação/ GAERI. **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas: Aprendizagem, ensino, avaliação**. Lisboa. Portugal: Edições ASA. 2001.

SÃO PAULO. Conselho do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (CONDEPHAAT). Tombamento, em 1996, do prédio que abrigou o Grupo Escolar Antônio Padilha à Rua Cesário Mota juntamente com outras 122 escolas públicas da capital e do interior. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, SP, 7 de ago. 2002. p. 1, 52.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Os Centros de Estudos de Línguas da Rede Estadual de Ensino de São Paulo**. São Paulo: FDE, 1989a.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. CENP. Portaria da Coordenadora, de 18 de Março de 1988. **Diário Oficial do Estado**, 18 mar. 1988a.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. Decreto nº 27.270, de 10 de Agosto de 1987. Cria no âmbito da Rede Estadual de Ensino, Centros de Estudos de Línguas e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, v. 97, n.150, 11 ago. 1987a.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. Resolução SE -193, de 18 de Agosto de 1988. Dá nova redação ao parágrafo único do artigo 1º da Resolução SE271/87. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, Seção I, p. 9, ago., 1988b.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. Resolução SE- 210, de 31 de agosto de 1988. Cria Comissão e Subcomissão para implantação e implementação dos Centros de Estudos de Línguas na Rede Estadual de Ensino. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, p. 68, 1 set. 1988c.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. Resolução SE-24, de 26 de Janeiro de 1989. Dispõe sobre as subcomissões para a implantação e implementação dos Centros de Estudos de Línguas na Rede Estadual de ensino. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, jan., 1989b.

SÃO PAULO. Secretaria da Educação do Estado. Resolução SE-271 de 20 de Novembro de 1897. Dispõe sobre o funcionamento e as atividades dos Centros de Línguas e dá providências correlatas. **Diário Oficial do Estado**, São Paulo, p. 7/8, nov., 1987b.

SILVA. Leandro Nunes. Grupo Escolar Antônio Padilha: sua Historiografia através de seus arquivos. **Revista HISTEDBR On-line**. Campinas, n°. 23, p.59 - 68, set. 2006. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/art05_23.pdf>. Acesso: 15 abr. 2009

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Sistemas educativos, culturas escolares y reformas: Continuidades Y Câmbios**. Madri: Morata, 2003.

Documentos do Acervo Histórico do CEL Antônio Padilha

(organizados por ordem em que são citados neste trabalho)

SÃO PAULO, 1988d

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino –Sorocaba
Delegacia de Ensino de Sorocaba
EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Sorocaba, 06 de junho de 1988
Ofício nº 25/88
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”

SÃO PAULO, 1988e

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
2º Delegacia de Ensino de Sorocaba
EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Plano de Curso do Centro de Estudo de Língua

SÃO PAULO, 1988f

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino –Sorocaba
2ª Delegacia de Ensino de Sorocaba
Processo: 80765/88 DRE/SO
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”
Despacho: nº 467/89-Ag
Sorocaba, 29 de julho de 1989

SÃO PAULO, 1988g

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Processo nº 80765/88- DRE-SOROCABA
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”
Informação: SEPG 027/89

SÃO PAULO, 1988h

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino – Sorocaba
Delegacia de Ensino de Sorocaba
Interessado: EEPG Senador Luiz Nogueira Martins
Assunto: Centro de Estudos de Línguas
Sorocaba, 10 de junho de 1988

SÃO PAULO, 1988i

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino – Sorocaba
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”
Informação nº 84/88- 1º Grau
Sorocaba, 27 de junho de 1988

SÃO PAULO, 1988j

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino – Sorocaba
Processo: 80766/88 – DRE/SO
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”
Despacho nº 1342/88

SÃO PAULO, 1988k

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino – Sorocaba
2º Delegacia de Ensino de Sorocaba
Processo nº 80765/88
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Instalação de “Centro de Estudos de Línguas”
Sorocaba, 15 de julho de 1988

SÃO PAULO, 1988l
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Encaminhamento à DRE-SOROCABA
São Paulo, 03 de Agosto de 1988

SÃO PAULO, 1988m
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Divisão Regional de Ensino – Sorocaba
2º Delegacia de Ensino de Sorocaba
Processo nº 80765/88
Interessado: EEPG “Senador Luiz Nogueira Martins”
Assunto: Ref. à Informação SEPG nº 027/89
Informação nº 09/89
Sorocaba, 24 de Abril de 1989

CEL Antônio Padilha – Coordenação - Ata da Reunião Técnico Administrativa e Planejamento do Centro de Estudos de Línguas “Antônio Padilha” realizada em 14 de fevereiro de 1996. Sorocaba, SP. 14 fev. 1996.

SÃO PAULO, 2004a
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Diretoria de Ensino de Sorocaba
Processo nº 3884/89-DRE/SO
Interessado: EE Antônio Padilha
Assunto: Inclusão de Língua Alemã na Matriz Curricular do CEL
Sorocaba, 10 de Setembro de 2003

SÃO PAULO, 2004b
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Protocolo nº 3884/1500/89
Interessado: EE Antônio Padilha
Assunto: CEL/ Inclusão da Língua Alemã
Informação nº 1028-CEI
São Paulo, 05 de Janeiro de 2004

SÃO PAULO, 2004c
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Protocolo nº 3884/1500/89

Interessado: EE Antônio Padilha
Assunto: CEL/ Regularização de Turmas
Informação nº 164/04-CEI
São Paulo, 02 de março de 2004

SÃO PAULO, 2004d

Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Educação do Estado de São Paulo
Coordenadoria de Ensino do Interior
Diretoria de Ensino de Sorocaba
Processo nº 3884/89

Interessado: EE Antônio Padilha
Assunto: Solicitação de Inclusão de Língua Alemã no Centro de Estudos de Línguas da EE
Antônio Padilha
Informação da supervisão de Ensino
Sorocaba, 06 de Dezembro de 2004

Entrevistas concedidas

Juliana Bonadia Moraes - Professora de Francês – CEL Antônio Padilha. Sorocaba, SP.
Shirley Ap. Prieto - Professora de Espanhol - CEL Antônio Padilha. Sorocaba, SP.
Rose Neubauer – Ex- Secretária da Educação do Estado de São Paulo
Professora Avaliadora – Encarregada das avaliações do CEL nos anos de 1997 e 2000. SP.SP
Sueli Baddini – Ex-coordenadora do CEL – Sorocaba, SP
Alzenir Oliveira de Souza - Coordenadora do CEL Antônio Padilha. Sorocaba, SP.
José Francisco O. Souza Júnior - Professor de Alemão - CEL Antônio Padilha. Sorocaba, SP.

Imagens

Todas as fotos inseridas neste trabalho são de autoria de Luciana de Fátima Gasparelo.
Tiradas, com permissão da diretoria, na Escola Estadual Antônio Padilha, Sorocaba, 2009.

ANEXO A – Relação de Centros de Estudos de Línguas - CEL

Ano: 2008

Nº CELs: 82 (21 Capital -13 Grande SP – 48 Interior)

Nº DEs: 58 (11 Capital -12 Grande SP -36 Interior)

Relações de: Diretoria de Ensino/Município; Escola; Coordenador (a); Início das atividades; Línguas

1. ADAMANTINA - EE PROFª FLEURIDES CAVALLINI MENECHINO

Av. Vitório Romanini, 99. V.Cicma. Adamantina - CEP17800-000

Fone: (18) 3521-2650 / e-mail:fleuride@terra.com.br

Coordenadora: Iranilde F. Miguel

Início das Atividades: 04/08/88

Idiomas oferecidos: Espanhol

2. ADAMANTINA OSVALDO CRUZ - EE OSVALDO MARTINS

R. Otavio Pontelli, 39. V. Ana Osvaldo Cruz. Adamantina. CEP 17700-000

Fone: (18) 3528-1815/4727 / e-mail: e031616a@see.sp.gov.br

Coordenador(a): Sidney A. Zenaro

Início das atividades: 17/2/89

Idiomas oferecidos: Espanhol

3. ARAÇATUBA - EE CEL MANUEL BENTO DA CRUZ

R.Carlos Gomes, 732. Higienópolis. Araçatuba. CEP16010-713

Fone: (18) 36231834 / e-mail: e029798a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Ivonete Cardoso dos Santos Januzzi

Início das atividades: 07/03/89

Idiomas oferecidos: Espanhol, Francês, Italiano

4. ARAÇATUBA GUARARAPES - EE. JOÃO ARRUDA BRASIL

Av. Santo Antônio, 510. Centro. Guararapes. CEP 16700-000

Fone: (18) 3606-1982 / email: e029944a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Leontina Luiza F. Belo

Início das atividades: 18/04/02

Idiomas oferecidos: ESPANHOL

5. ARARAQUARA - EE JOÃO MANOEL DO AMARAL

Av. La Salle, s/nº-. V.Ferroviária. Araraquara. CEP 14802-384

Fone: (16)33365083 / 3336-3335 - e-mail:

e022073a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Edilene M. Sampaio

Início das Atividades: 18/02/89

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO

6. ASSIS - EE D. CAROLINA FRANCINI BURALI

R. Santa Cruz, 958. Vila Palhares. Assis. CEP19800-000

Fone: (18)33223224 / 3324-6923 - e-mail:

e033145a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Maria Antônia Costa

Início das Atividades: 04/08/88

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/ JAPONÊS/ ALEMÃO

7. ASSIS MARACAÍ - EE JOSÉ GONÇALVES DE MENDONÇA

R. Mar. Deodoro da Fonseca, 670. Centro. Maracaí.

CEP19840000/

Fone: (18)3371-1132 - e-mail: eemendonca@yahoo.com.br

Coordenadora: Marcia Helena

Início das Atividades: 19/03/92

Idiomas oferecidos: ESPANHOL

8. ASSIS PARAGUAÇU PAULISTA - EE ISIDORO BAPTISTA

R. Maria Paula Gambier Costa 22. Jd. Panambi. Assis Parag. Paulista. CEP19700-000

Fone: (18) 3361-1037 / 4200 / 4011- e-mail:

e033339a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Ligia Cacao

Início das Atividades: 18/02/91

Idiomas oferecidos: ESPANHOL

9. ASSIS PALMITAL - E.E. PROFª ADALGISA CAVEZALLE DE CAMPOS

R. Francisco Cardoso dos Santos, 450. Bairro Paraná. Palmital.

CEP 19970-000

Fone: (18) 3351 -1508 - e-mail: e034162a@see.sp.gov.br

Início das Atividades: 10/08/07

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO

10. AVARÉ Res.138/02 20/08/02 - EE CORONEL JOAO CRUZ

Av.Prof. Paulo Novaes, 871. Centro. CEP 18705-000

Fone: (14) 37320171 - e-mail: coroneljoaoacruz@hotmail.com.br

Coordenadora: Vera Lúcia B. Oliveira

Início das Atividades: 17/08/88

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ALEMÃO/ITALIANO.

11. BAURU Res/67/02 18/04/02 - EE. PROF. CHRISTINO CABRAL

R. Gerson Franca, 19165. Jardim Estoril. Bauru. CEP 17041-000

Fone: (14) 32274664 -mail: christinocabral@ig.com.br

Coordenadora: Cristina M. A.Silva

Início das Atividades: 18/04/02

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

12. CAIEIRAS FRANC. MORATO Res/84 22/05/02 - EE. PROFª CELESTINA VALENTE LEGENFELDER

R. 21 de Março, 495/ Centro/ Francisco Morato/CEP 07790-000/

F (11) 4488-0570/4489-3599 (11) 4488-2319 (fax) email:

e005770a@see.sp.gov.br

Coordenadora: Lincoln Bernardes

Início das Atividades: Agosto, 2002

Idiomas oferecidos: ESPANHOL

13. CAMPINAS LESTE - EE DR MÁRIO NATIVIDADE

R. Cons. João Alfredo, 400. V. Pe Manoel da Nóbrega.

Campinas. CEP 13062-010

Fone: (19)3227-3503 / 3268 -5833

Coordenadora: Vanilda de Fátima Lara Silva

Início das Atividades: 04/08/88

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

14. CAMPINAS OESTE Res/84 22/05/02 - EE. ORLANDO SIGNORELLI

R. Trinta e Dois, s/n. Dic IV. Campinas. CEP 13054-632

Fone: (19) 3266-8077 - e-mail: e045676a@see.sp.gov.br

Início das Atividades: Agosto, 2002

Idiomas oferecidos: ESPANHOL

15. CARAPICUIBA COTIA - EE PROFª PEDRO CASIMIRO LEITE

Av. Profª José Barreto 2011. Portão-Cotia. Carapicuíba. CEP 06700000

Fone: 46140268 / 4616-7573 - e-mail: celcotia@ig.com.br

Coordenadora: Olga M. V. N. Sá

Início das Atividades: 19/3/87

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/ JAPONÊS/ ALEMÃO

16. CARAPICUIBA - EE. PROF. WILLIAN RODRIGUES REBUA
Av. Amazonas, 1660. COHAB. Carapicuíba. CEP 06327-270
Fone: 41875477
Início das Atividades: 31/10/08
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

17. CATANDUVA - EE BARÃO DO RIO BRANCO
Pc Roosevelt, 143. Centro. Catanduva/CEP 15801-185
Fone: (17) 35222390 - e-mail: e026670a@edunet.sp.gov.br
Coordenadora: Sílvia Angélica Pelicano
Início das Atividades: Fevereiro, 2008
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

18. CENTRO - EE BUENOS AIRES
R. Olavo Egídio, 1008. Santana. CEP 02037-001
Fone: 29764710 FAX 699778335
Coordenadora: Valdemir Monteiro
Início das Atividades: 19/08/88
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/ ALEMÃO

19. CENTRO - EE PROFº MAURO DE OLIVEIRA
R. Pedro S. de Almeida, 134. V. Anglo Brás. CEP 05029-030
Fone: 36731713 / Fax 3865-0111 - e-mail: e003554a@sec.sp.gov.br38739658
Coordenadora: Rosângela Gouveia Neves dos Santos
Início das Atividades: 05/04/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ITALIANO

20. CENTRO-OESTE - EE PROFº ALBERTO LEVY
Av. Indianópolis, 1570. Indianópolis. CEP 04062-001
Fone: 2275-4118 / 55945095 - e-mail: e004145a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Vera Alice Pannain Turquetto
Início das Atividades: Março, 1988
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/JAPONÊS

21. CENTRO-OESTE - EE RUI BLOEM
R. dos Bogaris, 244. Mirandópolis. CEP 04047-020
Fone: 5581-2333 - e-mail: e004832a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Neide Magro
Início das Atividades: Agosto, 1988
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ALEMÃO/JAPONÊS

22. CENTRO-SUL Res/166 13/11/02 - EE JULIA MACEDO PANTOJA ex José Heitor Carusi
R. Cananéia, 626. Vila Prudente. CEP 03137-050
Fone: (11) 2272-1845/2273 -9829 - e-mail: e001958a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Rosana C. B. Verzini
Início das Atividades: 20/11/87
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ITALIANO

23. CENTRO-SUL - EE ALEXANDRE DE GUSMÃO
R. Cisplatina, 298. Ipiranga. CEP 04211-040
Fone: 62154362 / 22739955 - e-mail: ag4479@ig.com.br
Coordenadora: Cláucia Spósito
Início das Atividades: 20/06/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/ JAPONÊS/ ALEMÃO

24. FERNANDÓPOLIS - EE JOAQUIM ANTONIO PEREIRA
Av. dos Arnaldos, 1542. Centro. Fernandópolis. CEP 15600-000
Fone: (17) 3462-8118 - e-mail: cel.fernandopolis@hotmail.com
Início das Atividades: 17/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

25. FRANCA - EE TORQUATO CALEIRO
Rua Líbero Badaró, 1150. Centro. Franca. CEP 14400-570
Fone: (16)3722-3343 / 3724-4506 - e-mail: e023127a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Carlos Alberto Martins
Início das Atividades: 20/02/03
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO

26. GUARATINGUETÁ CRUZEIRO - EE OSWALDO CRUZ
R. Cap. Otávio Ramos, 593. Centro. Cruzeiro. CEP 12700-000
Fone: (12) 3144-0212 - e-mail: e012506a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Maria Auxiliadora Meireles
Início das Atividades: 03/08/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ITALIANO

27. GUARATINGUETÁ Res/62/02 05/04/02 - EE. CONS. RODRIGUES ALVES
R. Visconde de Guaratinguetá, 224. Centro. Guaratinguetá. CEP 12500
Fone: (12) 3122-3588 - e-mail: e+crufv@provale.com.br
Coordenadora: Antônia Cândida Teixeira
Início das Atividades: 25/03/02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ALEMÃO

28. GUARULHOS NORTE Res. 80 -19/11/08 - EE. DEPUTADO CANTIDIO SAMPAIO
R. Guaratuba, 402. VI. Florida. Guarulhos. CEP 07122-010
Fone: (11) 6408-8717 / 6441-0665
Início das Atividades: 19/11/08
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO/ALEMÃO

29. GUARULHOS SUL Res/84 22/05/02 - EE. PROF.ª ALICE CHUERY
R. Antônio Camargo s/n. Vila S. Jorge. CEP 07111-230
Fone: (11) 64087988 - e-mail: e006208a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Clara M.S. Gomes
Início das Atividades: Agosto, 2002
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS

30. ITAPECERICA DA SERRA Res/84 22/05/02 - JOAQUIM FERNANDO P. DE BARROS
R. Pérsia s/nº. Pq. Paraíso. Itapeçerica da Serra. CEP 06852-220
Fone: (11) 4666-3250 /Valderes / 4667-0469 Escola (11) 4667 0469 - e-mail: jfernando.neto@ig.com.br
Coordenadora: Elton Brízio
Início das Atividades: Agosto, 2002
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/JAPONÊS

31. ITAPEVI Res/84 22/05/02 - EE. PROF.ª ELIANA ANDRÉS DE ALMEIDA SOUZA
R. Eduardo Rios Trevisan, 88. J. Portela. Itapevi. CEP 06694-110
Fone: (11) 4141-8125 - e-mail e923874a@sec.sp.gov.br
Início das Atividades: Agosto, 20 02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

32. ITU Res/84 22/05/02 - EE. REGENTE FEIJÓ
R. dos Andradas, 412. Centro. Itu. CEP 13300-000
Fone: 4022-2625 - 4013-1015 (CEL) e-mail: e015748a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Maria Angélica Bonatti Ribas
Início das Atividades: Agosto, 2002
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

33. JABOTICABAL - EE AURÉLIO ARROBAS MARTINS
R. S. Sebastião, 294. Centro. Jaboticabal. CEP 14870-000
Fone: (16) 3202-8578 / 0153 - e-mail: estadao@asbyte.com.br
Coordenadora: Marcos Guariz
Início das Atividades: 27/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

34. JALES - EE CARLOS ARNALDO DA SILVA
R. Vicente Leporace, 2634. J. Trianon. Jales. CEP 15700-000
Fone: (17) 3632-5066 - e-mail: e027261a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Gilvana Letícia Zambar
Início das Atividades: AGOSTO, 02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

35. JALES STA. FÉ DO SUL Res/13 12/02/03 - EE PROFª ITAEL DE MATOS
Rua Oito, 764. Centro. Sta. Fé do Sul. Jales. CEP 15775-000
Fone: (17) 3631-1295 - e-mail: e028400a@sec.sp.gov.br
Coordenadora: Cibele C. Campos Oliveira
Início das Atividades: 12/02/03

Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

36. JAÚ - EE MAJOR PRADO
R. Lourenço Prado, 503. Centro. Jaú. CEP 17201-000
Fone: (14) 36224466 / 3626-5515 - e-mail:
e985348p@see.sp.gov.br
Coordenadora: Carla Mattar Karam
Início das Atividades: 17/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

37. JAÚ IGARAÇU DO TIETÊ - EE JOSÉ CONTI
Av. José Michel Mucari, 801. V. Boa Vista. Igarapu do Tietê .
CEP 17350-000
Fone: (014) 3644 -1777/2985 - e-mail: joseconti@bionet.com.br
Coordenadora: Noemia Aparecida de Oliveira
Início das Atividades: 19/03/03
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

38. JOSÉ BONIFÁCIO - EE SEVERINO REINO
Av. Rui Barbosa, 535. V. Magalhães. José. Bonifácio. CEP
15200000
Fone: (17) 3245 -1247 / 1801- e-mail:
severinoreino@oquei.com.br
Coordenadora: Maria Eunice Pereira Vanzela
Início das Atividades: 18/08/88
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

39. JOSÉ BONIFÁCIO MIRASSOL - EE GENARO
DOMARCO
Av. Luís Fernando Moreira, 750. Renascença. Mirassol.
J.Bonifácio. CEP 15130-000
Fone: (17) 3859-3877 - e-mail:genarao@terra.com.br
Coordenadora: Adalberto Vitor R. Pinheiro
Início das Atividades: 11/08/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO/FRANCÊS

40. JUNDIAÍ Res/12 12/02/03 - EE PROFª MARIA DE
LOURDES DE FRANÇA SILVEIRA
Rua Pedro Nano,175. Vila Santana. Jundiaí. CEP 13218-160
Fone: 45335016 - e-mail: e019446a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Maria Aparecida Cesario H Lamas
Início das Atividades: 12/02/03
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO

41. LESTE 1 - EE NOSSA Sª DA PENHA
R. Pe. Benedito de Camargo,762. Penha de França. CEP 03604-
000
Fone: (11) 2647-7604 / 0941 / 7407 - e-mail:
ee002513@see.sp.gov.br
Coordenadora: Sonia Regina de Oliveira
Início das Atividades: 19/08/88
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/
ALEMÃO

42. LESTE 1 - EE ERMELINO MATARAZZO
Av. Abel Tavares s/nº. Ermelindo Matarazzo. CEP 03810-110
Fone: (11) 2546 5969 - e-mail:e002835a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Elaine Carvalho Moura
Início das Atividades: 19/08/88
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

43. LESTE 1 - EE. PROFª MARIA DE CARVALHO SENNE
R. Puquixã, s/nº. Vila Ré. CEP 03656-060
Fone: (11) 2957-0101 / 29576657
Início das Atividades: 05/11/08
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

44. LESTE 3 - EE FADLO HAIDAR
Murmúrios da Tarde, 200. Itaquera. São Paulo. CEP 08253-580
Fone: (11) 2521-0110 - 6521-5578 - e-mail
celfadlohaidar@yahoo.com.br
Coordenadora: Susy Schank Furuko
Início das Atividades: 28-3-89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/
FRANCÊS/JAPONÊS/ALEMÃO

45. LESTE 3 - EE PROF. FRANCISCO de ASSIS PIRES
CORREA (ex.EE Zipora Rubinstein)
R. Sivanópolis, 20. Conj.Res. José Bonifácio. CEP 08255-410
Fone: (11) 6521-0885 / 6521-6164 - e-
mail:e043746a@see.sp.gov.br
Início das Atividades: 04-8-89 (Zipora)
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

46. LESTE 4 - EE DONA ZALINA ROLIM
R. Doutor Luiz Carlos, 740. Vila Aricanduva. CEP 03505-000
Fone: 2097-5767
Início das Atividades: 10/12/08
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

47. LESTE 5 - EE PROF. JOÃO DIAS DA SILVEIRA
R. Souza Breves, 80. Vila Zilda. CEP 03069-060
Fone: (11) 21972935 / 0293 - e-mail:eejoaodias@yahoo.com.br
Coordenadora: Odete Neves
Início das Atividades: 13/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

48. LESTE 5 Res/84 22/05/02 - EE. SEN. PAULO EGYDIO DE
OLIVEIRA CARVALHO
R. Araritanguaba, 1264. Vila Maria. S. Paulo. CEP 02122-011
Fone: (11) 2954-4757 / 2631-4457 / 1180 - e-mail:
pauloegy@gmail.com
Coordenadora: Flávio Aneas
Início das Atividades: Agosto, 2002
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

49. LIMEIRA Res/144 29/08/02 - EE CASTELO BRANCO
Rua Piauí, 472. Vila São Cristovam. Limeira. CEP 13480-299
Fone: (19) 3441-1464 / 3453-8520 - e-mail: cbranco@gmail.com
Coordenadora: Rosmari Ap. Ribeiro Bortoloto
Início das Atividades: 29/08/02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

50. MARÍLIA- EE MONSENHOR BICUDO
Av. Rio Branco, 803. Salgado Filho. Marília. CEP 17502-000
Fone: (14) 343 5163 / 3422-6071 / 3423-4738 - e-mail:
eebicudo@adsl.cristorei.com.br
Coordenadora: Regina Aparecida Galletti Guilanmon
Início das Atividades: 17/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/
ALEMÃO/JAPONÊS

51. MARÍLIA GARÇA - EE HILMAR MACHADO DE
OLIVEIRA
R. Fausto Floriano Toledo, 35. V. Willians. Garça. CEP 17400-
000
Fone: (14) 3471-1494/ 1030 - e-mail:
cel.hilmar@itelefonica.com.br
Coordenadora: Fátima Azevedo
Início das Atividades: 17/02/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

52. MAUÁ Res/70/02 03/05/02 - EE PROFª MARLENE
CAMARGO RIBEIRO
Rua Otávio Pereira, 121. V. Assis Brasil. Mauá. CEP 07360-510
Fone:(11) 4513-5077 - e-mail: e041973a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Renato de Souza Xavier
Início das Atividades: 06/05/02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS

53. MOGI MIRIM - EE MONSENHOR NORA
R. Mons. M. Nora, 270. Centro. Mogi Mirim. CEP 19800-970
Fone: (19) 3806-5507 Fax (19) 3862-3024 - e-
mail:monsenornora@ig.com.br
Coordenadora: Roselena Diogo Bueno Patelli
Início das Atividades: 07/08/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

54. MOGI DAS CRUZES Res./106 25/06/02 - EE FRANCISCO
FERREIRA LOPES
R. Dr. Deodato Wertheimer, 426. Mogilar-Mogi das Cruzes. CEP
08710-430

Fone: (11) 4790-3914 e-mail: e006713a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: Maridalva Alexandre M. de Avila Goulart
 Início das Atividades: AGOSTO, 02
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL

55. NORTE 1- EE PROF.ANTÔNIO CÂNDIDO CORREA
 GUIMARÃES
 Av. Mutinga, 5071. V.Jaraguá. CEP 05110-000
 Fone: (11) 3621-4575 - e-mail:e000188a@see.sp.gov.br
 Início das Atividades: 19/08/88
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL

56. NORTE 2 - EE ALBINO CÉSAR
 R. Cajamar, 5. Tucuruvi. CEP 02308-090
 Fone: (11) 2952-2644 / 2994-5804 / (11) 6994-45804 - e-mail:e001173a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: Ana Paula Lopes
 Início das Atividades: 19/08/88
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/
 ALEMÃO

57. NORTE 2 - EE PROF. ANTONIO JOSÉ LEITE
 R. Dez de Maio, 271. Vila Amália. CEP 02615-100
 Fone: 2258-3977
 Início das Atividades: 08/12/08
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL

58. OSASCO - EE ANTONIO RAPOSO TAVARES
 Rua 21 de Dezembro, 22. Centro. Osasco. CEP 06097-080
 Fone: (11) 3681-8622 / 3682-2878 / 3685-3276 -e-mail:
 centroart@ig.com.br
 Coordenadora: Mara Soler Marques
 Início das Atividades: 04/08/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS /ITALIANO

59. OURINHOS - EE VIRGÍNIA RAMALHO
 Rua Gaspar Ricardo, 484. Vl. N. Sá. CEP 19911-832
 Fone: (14) 33224531
 Início das Atividades: FEV/08
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/JAPONÊS

60. PRESIDENTE PRUDENTE - EE MONSENHOR SARRION
 R. Marcondes Filho, 93. V. Roberto. P. Prudente. CEP 19013-160
 Fone: dir. (18) 3223-1473 / 3223-4898 -
 email:msarrion@muramet.com.br
 Coordenadora: Célia Cristina Batista
 Início das Atividades: 21/11/87
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ALEMÃO/JAPONÊS
 FRANCÊS/ ITALIANO/

61.REGISTRO - EE DR. FÁBIO BARRETO
 Av. Clara Gianotti de Souza, 257. Centro. Registro. CEP 19900-000
 Fone: (13) 38210355 38214472 - e-mail:ee.barreto@itelefonica.com.br
 Coordenadora: Mirna Kimiyo Takiuke
 Início das Atividades: 11/02/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ JAPONÊS

62. S. BERNARDO DO CAMPO – São Caetano do Sul - EE
 DONA IDALINA MACEDO COSTA SODRÉ
 R. Cons. Lafaiete, 619. V. Barcelona. SC Sul. CEP 09550-000
 Fone: (11) 4229-4506 - e-mail: ee009581a@see.sp.gov.br;
 cel.saocaetano@ig.com.br; edilvaleao@hotmail.com
 Coordenadora: Edilva Leão Rodrigues
 Início das Atividades: 19/08/88
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

63. S. BERNARDO DO CAMPO - EE PROF. AMADEU
 OLIVÉRIO
 R. Itauna, 66. Rudge Ramos. SBC. CEP 09616-070
 Fone: (11) 43688165 / 4368-8965/4368-5381 - e-mail:e009180a@see.sp.gov.br; amadeu_oliverio@hotmail.com
 Coordenadora: Sonia Maria Porto Lage
 Início das Atividades: 27/03/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ALEMÃO

64. JOSÉ DO RIO PRETO NOVA GRANADA - EE
 FRANCISCO MARQUES PINTO
 R. Paulo Araújo, 153. Centro. Nova Granada. CEP 15440-000
 Fone: (17) 3262-1088 / 2511 - e-mail:eebmp@yahoo.com.br
 Coordenadora: Neide Marteri Baroni
 Início das Atividades: 04/08/88
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

65. S.JOSÉ DO RIO PRETO - EE MONSENHOR
 GONÇALVES
 R. Presciliano Pinto 940. Bairro Boa Vista. SJRP. CEP 15025-100
 Fone: (17) 3235-2435/ 4096 - e-mail:
 eemgoncalves@terra.com.br
 Coordenadora: Cristina Francisca de Carvalho Porto
 Início das Atividades: 01/03/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO

66. SANTO ANDRÉ - EE AMARAL WAGNER
 R. dos Aliados, 332. V.S.Pedro. Sto André. CEP 09210-210
 Fone: (11) 4997-5825 /4996-1991 - e-mail:
 e008540a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: Márcia Regina Malaspina
 Início das Atividades: 08/88
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS

67. SANTOS Res. 84 22/05/02 - EE. OLGA CURY
 R. Alexandre Fleming, s/n. B. Aparecida. Santos. CEP 11040-010
 Fone: (13) 3238-0172 - e-mail: e046164a@see.sp.gov.br
 Início das Atividades: Agosto, 2002
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL

68. SÃO JOSÉ DOS CAMPOS - EE.PROFªESTEVAM FERRI
 R.Cantídio Miragaia, 100. Monte Castelo. S.J.Campos. CEP 12215110
 Fone: (12) 3941-9795/ 1766 - e-mail: ee.ferri@bol.com.br
 Coordenadora: Joanita Moises Serrano
 Início das Atividades: 7/08/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ ITALIANO/
 ALEMÃO

69. SÃO VICENTE - EE MARTIM AFONSO
 R José Bonifácio, 102. Centro. São Vicente. CEP11320-080
 F(13) 3468-1625 / 1617 - e-mail:e012212a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: João Mário Santana
 Início das Atividades: 10/08/87
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/Alemão

70. SÃO VICENTE ITANHAÉM Res.84 22/05/02 - EE.
 BENEDITO CALIXTO
 Av. Rui Barbosa, 180. Centro. Itanhaém. CEP 11740-000
 Fone: (13) 3422-3289 - e-mail: e012002a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: Rosana Gianotti Pereira Fernandes
 Início das Atividades: Agosto, 2002
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

71. SERTÃOZINHO - EE. PROFª NICIA FABÍOLA Z.
 GIRARDI
 Rua Sebastião Sampaio, 2765. Jd. São Sebastião. CEP 14169-200
 Fone: (16) 3942-4087/3942/8929 - e-mail:
 e923023a@see.sp.gov.br
 Coordenadora: Simone Bission
 Início das Atividades: Fevereiro, 2008
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL

72. SOROCABA - EE ANTONIO PADILHA
 R. Prof. Toledo, 77. Centro. Sorocaba. CEP 18035-200
 Fone: (15) 32326793
 e 32241008/ e-mail:antoniopadilha@yahoo.com.br
 Coordenadora: Alzenir Oliveira de Souza
 Início das Atividades: 17/02/89
 Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ FRANCÊS/ Alemão

73. SOROCABA - EE. DR. JULIO PRESTES DE
 ALBUQUERQUE

Av. Dr. Eugenio Salerno, 204. Centro. CEP 18035-430
Fone: (15) 3221-2886
Início das Atividades: 24/01/09
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

74. SUL 2 Res.112/02 12/07/02 - EE PROFº LEOPOLDO SANTANA (ex.EE Prof. Renato Braga)
R. Manoel Duarte Oliveira, 151. Jd. Gismar. CEP 05859-100
Fone: (11) 5512-0670/5511-1501 / Orelhão 5816-1227 - e-mail: leopsantana@ig.com.br; e985156a@see.sp.gov.br
Coordenador: Cristiano José de Araújo
Início das Atividades: 27/03/89
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ Alemão

75. SUL 3 - EE PAULINO NUNES ESPOSO
Av. Sen Teotônio Vilela, 7001. Jd. S.Rafael. CEP 04864-002
Fone: (11) 5979-2515 / 2356 - e-mail:e005307a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Nilda Maria da Silva Jaccud
Início das Atividades: 20/11/87
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO

76. SUL 3 - EE PROF. LAERTE RAMOS
R. Anibal dos Anjos Carvalho ,05.Vl. Sta. Maria. CEP 04810-050
Fone: (11) 5666-0866 - e-mail: e037448a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Claudia Martinho
Início das Atividades: 20/11/87
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ JAPONÊS/ALEMÃO

77. SUMARÉ Res. 93/02 11/06/02 - EE.DOM JAYME DE BARROS CÂMARA
Av.José Mancini,501. J.Carlos Basso. Sumaré. CEP 13170-040
Fone. (19) 3 873-1472 - e-mail: e017036a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Luciana Bom Moninpian Mantovelli
Início das Atividades: 11/06/02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

78. SUZANO - EE RAUL BRASIL
R. Otávio Miguel da Silva, 52. Jd.Imperador. Suzano. CEP 08673060
Fone: (11) 4748-1393 - e-mail:e985181a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Monique Gomes Lauro de Paula
Início das Atividades: 17/02/89
Idiomas oferecidos:
ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO/JAPONÊS

79. TAQUARITINGA ITAPOLIS - EE DR. ANTONIO MORAES BARROS
Av. Prudente de Morais, 607. Centro. Itápolis. CEP14900-000
Fone: (16)3262-1308 / 4429 - e-mail:e024922a@see.sp.gov.br
Início das Atividades: 09/04/92
Idiomas oferecidos: ESPANHOL

80.TAQUARITINGA Res. 63/02 05/04/02 - EE. NOVE DE JULHO
R. Mário Rosário Lapenta, s/n. J.Contendas. Taquaritinga. CEP 15900-000
Fone: (16)32522530 / 5333 - email: taquaritingacel@yahoo.com.br
Coordenadora: Luciene Pinto da Cunha Tiesi
Início das Atividades: Março/02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS/ITALIANO

81. TAUBATÉ CAÇAPAVA Res/106 25/6/02 - EE MIN.JOSÉ DE MOURA RESENDE
R Gonçalves Dias 356. Jd. Amália. Caçapava. CEP 12292-060
Fone: (12) 3652-5505 / 3653-3203 - e-mail: ministrocacapava@ig.com
Coordenadora: Vanda Irene p. Couto
Início das Atividades: Agosto, 2002
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/ITALIANO/FRANCÊS

82. TUPÃ - EE INDIA VANUIRE
R. Guaranis,1271. Centro. Tupã. CEP17600-400
Fone: (14) 34916617 / 6618 - e-mail: e034617a@see.sp.gov.br
Coordenadora: Bernadete de L. R. Tátero
Início das Atividades: 30/11/88
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS

83. VOTUPORANGA Res.93/02 11/06/02 - EE DR.JOSÉ MANUEL LOBO
R. Amazonas, 285. Centro. Votuporanga. CEP 15501-080
F. (17) 3421-5315 - e-mail: eelobo@ig.com.br
Coordenadora: Estela A da Silva Sturaro
Início das Atividades: AGOSTO, 02
Idiomas oferecidos: ESPANHOL/FRANCÊS

Fonte: CEI (Coordenadoria de Ensino do Interior), COGSP Capital e Grande São Paulo (Coordenadoria da Grande São Paulo)

APÊNDICE A – Entrevista: Juliana Bonadia Moraes - Professora de Francês

Local: EE Antônio Padilha, Sorocaba

Data: Agosto, 2007

A professora foi a primeira professora do CEL Antônio Padilha a ser entrevistada. Juliana foi ex-aluna de Francês do CEL e, na época em que a entrevistei, ainda era professora de Francês no Centro, no entanto, alguns meses depois dessa entrevista, a professora passou em um concurso público e parou de dar aulas no CEL. Atualmente, Juliana ministra aulas de Português na cidade de Porto Feliz.

Juliana falou do método no curso de Francês e do uso do laboratório no CEL

Quando eu ainda era aluna de Francês, aqui no CEL, e também quando comecei a dar aulas, eu percebi que os livros de Francês utilizados para elaborar as apostilas poderiam ser mais atualizados, ou seja, poderiam trazer mais atividades interativas para os adolescentes. Eu acho esse material muito formal para as crianças e adolescentes. O laboratório é pouco utilizado porque os computadores são muito lentos, esse laboratório de áudio foi doado pelo SENAC e, quando veio para o CEL já estava com problemas e não houve verba para consertá-lo. No entanto, as salas de aula são bem equipadas com aparelhos de som, TV, DVD.

As OTs de Francês são ministradas em Francês e abordam assuntos sobre tópicos gramaticais da língua, não necessariamente práticas de ensino. Ao final dos cursos há um debate sobre os CELs sobre o que vem acontecendo em seu desenvolvimento e se está faltando alguma coisa.

Juliana também falou sobre a progressão continuada nos CELs

Entre os anos de 1996 a 2000, os alunos não eram reprovados em todos os estágios (semestres) nos CELs por causa do sistema de progressão continuada implantado nas escolas públicas estaduais do Estado de São Paulo, a partir do ano de 1996. Nós tínhamos alguns problemas com isso porque alguns alunos passavam de um estágio para o outro sem ter o conhecimento suficiente para mudar de estágio. Foi em meados de 2000 que nos CELs voltou o sistema de reprovação em todos os estágios, o que nos tranquilizou porque era muito ruim ter alunos em um mesmo estágio sabendo que alguns estavam aptos para fazê-lo e outros não.

APÊNDICE B - Entrevista: Shirley Ap. Prieto - Professora de Espanhol

Local: EE Antônio Padilha, Sorocaba

Data: 15 maio 2008

A professora Shirley falou sobre as Orientações Técnicas de Espanhol:

As orientações técnicas (OTs) para professores de Espanhol são oferecidas por assessores do Consulado Espanhol, que prestam concurso e permanecem por quatro anos no Brasil, para o desenvolvimento desses cursos. Esse período de quatro anos pode ser renovado, caso haja interesse do assessor. Esses assessores fazem parte de organizações chamadas *consejerias*, cujo objetivo é divulgar a língua e cultura espanhola em todo o Brasil.

Além das OTs para os professores dos CELs, esses assessores do Consulado Espanhol oferecem vários outros cursos em todo Brasil para todos os interessados nessa área. Eu já assisti vários outros cursos e aprendi muito com eles.

As OTs de Espanhol acontecem de duas a três vezes por ano, e nesses cursos os professores recebem sugestões para o desenvolvimento das práticas de ensino em sala de aula e também estudam juntos as estruturas gramaticais da língua. Os professores também recebem sugestões de como explicar traços culturais dos países falantes da língua Espanhola trabalhando com músicas e vídeos.

APÊNDICE C - Entrevista: Rose Neubauer

Local: Instituto Protagonistes – São Paulo

Data: Setembro, 2008

Em que período educacional surgiu o projeto CEL?

A educação no Estado de São Paulo estava passando por um período de reformas?

Esse foi um período de reformas porque em 1983 tivemos o primeiro governador eleito depois de muitos anos, o governador Montoro.

Em 1964, nós tivemos a LDB/4024 e depois em decorrência das mudanças causadas pela ditadura, a LDB 5692, de 1971. Até 1971 havia a 1ª a 4ª série do primário e a 1ª a 4ªs séries do ginásio. Tínhamos, portanto, 8 anos de escolaridade sendo que apenas os 4 primeiros eram obrigatórios.

Com a Lei 5692, de 1971, a escolaridade obrigatória passa a ser de 8 anos, então surge a escola de 1ª a 8ª séries o que não precisaria ter ocorrido porque você poderia ter, como em muitos países de 8 a 11 anos de escolaridade obrigatória sem juntar as séries numa mesma escola. Isso foi um horror para o modelo pedagógico e com a expansão do Ensino Médio, que foi incorporado àquela escola que já tinha 8 séries, as coisas pioraram mais.

Uma coisa é um modelo de escola para crianças que estão sendo alfabetizada, outra coisa, é um modelo de escola para adolescentes. Quando você coloca junto 11 anos de escolaridade os dois modelos convivendo num espaço comum, então não tem um equipamento adequado: as carteiras não são adequadas, assim como a organização das salas ou as formas de lazer.

As crianças pequenas precisam de uma escola mais parecida com um parque, os adolescentes precisam de um espaço para desenvolver competitividade com jogos. Consequentemente você criou uma escola Macunaíma, ou seja, sem nenhum perfil. Pense bem, uma criança de 7 anos e um adolescente de 18 anos são criaturas completamente diferentes, não faz sentido.

Além dessas mudanças nós passamos a ter uma proposta curricular nacional detalhada e, nesse processo, a aprendizagem de línguas estrangeiras sofreu uma transformação muito grande, porque até então você tinha 3 línguas estrangeiras no ginásio, você tinha latim, francês, inglês, além do português, quatro línguas na realidade, e com essa reforma você passa a ter uma língua estrangeira moderna.

O Brasil estava passando por mudanças, como a forte industrialização e internacionalização, e logicamente o modelo de escola muda, não é mais o modelo de escola dos anos 40, que era o modelo enciclopedista, modelo francês, como era o ginásio e secundário, conteudista, com muitas matérias como latim, grego, trabalhos manuais, música (que inclusive agora está voltando e parece que teremos novamente um currículo enciclopedista).

Então, passamos a ter com a LDB, de 1971, um currículo mais enxuto no sentido de línguas, é importante ter uma língua estrangeira. Em outros países, eles não aprendem tantas línguas assim, porque? Eles estão preocupados com a aprendizagem da língua materna ou aprendem uma segunda língua porque fazem fronteira com outro país ou por questões econômicas e comerciais. No Brasil, faria mais sentido se aprendêssemos o tupi guarani como segunda língua.

Então, nessa disputa, o latim e o grego saem definitivamente do currículo e ele fica mais enxuto no sentido de línguas.

Não passou a ser apenas o inglês de uma hora para outra, sempre teve a presença do inglês e o francês. Inclusive no começo dessas reformas, você ainda tinha professores de francês na rede e não podia desempregá-los, então a escola podia fazer a opção quando o professor de francês se aposentasse, ela passaria a ter só inglês.

O inglês passou a ter grande importância porque depois da 2ª Guerra Mundial o eixo de relação Brasil e Estados Unidos se fortalece. Anteriormente, nós tínhamos um forte eixo de comercialização com a Inglaterra e uma grande ligação cultural com a França. A elite falava francês, ia estudar na França, por isso o modelo enciclopedista da França, liam muitos livros em francês, ou seja, aprendiam a língua para usufruir da cultura francesa. Com a 2ª guerra mundial, o Brasil passa a ter uma aproximação maior dos Estados Unidos nos anos 50 e 60. Há uma explosão cultural americana, com música, cinema, o que irá valorizar muito o inglês. Seguia-se o padrão americano, todos queriam aprender e cantar as músicas em inglês; com essa explosão cultural americana o francês foi diminuindo nas escolas.

Nos anos 80, mais precisamente em 82, ocorre a abertura democrática e algumas lideranças, no caso do Estado de São Paulo, mais precisamente o Governador Franco Montoro, vêm com grande entusiasmo o continente latino-americano e a possibilidade de criar uma identidade latino-americana.

Dessa forma, Brasil e países da América Latina concebem Mercosul para contrabalançar com outros mercados, como o Mercado comum europeu, o mercado norte-americano. Essa era a idéia do Mercosul: unir países da América Latina para ter um regulador

de mercado com uma moeda comum e uma língua comum, e, dessa forma, enfrentar a competitividade com outros mercados. Como a maior parte dos países falava espanhol, nasce a proposta do espanhol como opção de segunda língua, como uma língua comum para facilitar a ampliação do mercado de trabalho latino-americano a seus cidadãos.

Quando, no passado, a elite colocou a língua francesa no currículo havia um motivo. A elite apreciava a cultura francesa, ler os romances franceses, assistir as peças de teatro, ser um cidadão culto, entender as atividades econômicas e aproveitar o lazer. O que é incrível é um país como o Brasil tinha, até a década de cinquenta um índice de apenas 50% das crianças de 7 a 14 freqüentando a escola, ter um currículo ultra sofisticado com quatro línguas estrangeiras. O fato é que a escola pública não era ótima como dizem, pois ela só recebia a elite.

Na década de 80, nós tivemos um motivo muito específico para a introdução do espanhol como segunda língua. No primeiro momento foi difícil porque não tínhamos professores formados para transformá-lo em currículo obrigatório nas escolas; mas, em seguida, as universidades começaram a perceber que o espanhol se tornaria importante. O Governador Franco Montoro começara esse movimento de unir a América Latina e criar o Mercosul e o Governador Quécia endossa essa opção. É dessa época o Memorial da América Latina, por exemplo, as reuniões dos países da América Latina para consolidar o Mercosul, que foi muito importante.

Em minha opinião, essa ligação ainda é muito frágil, o fortalecimento para melhorar as relações seria uma troca. Hoje em dia esse projeto tronou-se mais ideológico do que econômico e social. Os países não conseguem se organizar para ter interesses comuns, essa parte é quase inexistente.

Voltando ao ensino de espanhol, o problema é que não tínhamos professores formados nessa disciplina. Para estimular o ensino de espanhol tínhamos que começar numa estrutura não tão rígida como a escola. Então surge a idéia dos CELs, com o objetivo de ensinar espanhol de uma forma não obrigatória para os alunos da rede estadual.

Quem foram os primeiros professores de espanhol?

Eram pessoas que dominavam o Espanhol, ou pessoas que tinham uma formação universitária e conheciam espanhol, ou tinham estudado espanhol na universidade, mas que não possuíam necessariamente uma formação pedagógica. Então começa a se organizar os CELs em função do ensino do espanhol. Depois começa a haver pressão de outros grupos

com representatividade lingüística e cultural. Há uma forte pressão dos italianos e japoneses, demais grupos culturais importantes e até mesmo o grupo de ensino de francês querendo oferecer a língua. O CEL, portanto, passa a ser um complemento para o aluno. A idéia não era que ele deixasse de fazer o inglês ou o francês na escola, não havia essa troca, ele iria para o CEL para fazer uma segunda língua, seria uma formação complementar, porque de outro modo, iríamos criar um problema grande nas escolas, pois os professores iriam se sentir ameaçados, o CEL não era uma outra opção para o estudo de língua estrangeira, era uma opção complementar. Inicialmente a organização foi em módulos para cada escola.

O Colégio Miguel de Cervantes, que tinha ensino espanhol e professores formados, nos deu orientação para a organização do currículo de espanhol e participou de todo o processo.

Havia uma equipe na CENP para apoiar o Projeto?

Sim, havia uma equipe: um professor para cada língua e um coordenador. Os primeiros CELs foram instalados na capital e posteriormente no interior. A língua foi escolhida de acordo com a proposta da comunidade onde o CEL foi instalado. Posteriormente, aparece também a pressão do grupo da língua alemã, que é um grupo menor, mas bem presente no estado de São Paulo.

Então, você começa a perceber que a metodologia para o ensino de línguas dos CELs, que é mais parecida com a metodologia das escolas particulares, é melhor do que a do ensino de línguas nas escolas. Nas escolas você tem um currículo igual para todo mundo, mesmo quando você tem alunos que já estão cursando idiomas em escolas particulares. No CEL, você cria módulos onde verifica a capacidade lingüística do indivíduo quando ele inicia cada estágio.

Nos CELs há muito mais estímulo, como música, filmes, também há uma maior flexibilidade para a escolha dos professores, não tem que ter só professor concursado, ele pode ser contratado, pode até ser um nativo, que recebia uma orientação didático-metodológica para ensinar.

No início, as capacitações seguiam o modelo de capacitação de professores do Miguel de Cervantes.

A equipe da CENP entrou em contato com os consulados e fizeram convênios. O Estado dava as instalações, recursos, e o consulado mandava um professor pra estimular a aprendizagem da língua e da cultura, tinha uma ênfase cultural forte, pelo menos a proposta

era que não ficasse só no ensino de línguas, mas também que se refletisse um perfil da cultura. Posteriormente, o espanhol passaria a ser uma opção no currículo e faria parte da grade de ensino das escolas.

E também a História da América Latina

É, isso foi muito importante. Em História você, nos anos 80, os alunos começam a estudar muito mais sobre América Latina, sobre os países do leste Europeu, países comunistas que antes não constavam do currículo.

Talvez a próxima língua a ser ensinada seja o Mandarim.

Quando começaram a funcionar os primeiros CELs?

Eu deixei a CENP em meados de 88, e já haviam vários CELs funcionando; os CELs começaram no final de 87, começo de 88.

Houve outras instituições que apoiaram os CELs?

Houve apoio dos consulados e de algumas escolas ligadas aos consulados, como o Colégio Miguel de Cervantes.

O CEL teve algum apoio das universidades?

Quando fui Secretária em 1995, os CELs haviam crescido bastante. Existiam parcerias com várias instituições, universidades, como a USP, por exemplo, para capacitações dos professores. Isso também ocorreu para formação de professores das outras línguas.

Na minha opinião, os CELs seriam melhor sucedidos se a aprendizagem de línguas tivesse saído da rede, mas você não pode ter um CEL na porta de cada escola.

A aprendizagem de línguas nas escolas deixa a desejar, para não dizer fraca. Acho que as aulas de línguas deveriam ser em horário fora da grade escolar, mas como resolver isso com os professores?

Por que você tem um aluno na 6ª série que também faz Cultura Inglesa, ou União Cultural e ai? Esse aluno fica extremamente aborrecido dentro da sala de aula e será difícil para a professora.

É, existe também o outro extremo que é o aluno que mal sabe ler e escrever na sua própria língua e muito menos freqüenta escola particular de idiomas. Às vezes esse aluno chega até a 7ª série e ainda não está alfabetizado.

De repente ele pode aprender até melhor o inglês do que o português, se ele chegou até a 7ª série sem aprender a ler e escrever é porque alguém deixou de fazer o que tinha que ser feito, lá atrás. Você tem que partir do princípio de que quando uma criança aprende uma língua, ela aprende essa língua pela primeira vez. É que a escola esquematiza o aprendizado de línguas, começa com metalinguagem: o que é verbo, o que é adjetivo. A língua é um código e todo código é difícil de aprender, é um grande esforço cognitivo. Quando o aluno chega em casa e tem um padrão cultural que lhe ajuda a fazer essas codificações é mais fácil, mas quando você não tem, depende daquele momento que você vai criar na escola.

A professora dá o exemplo de sua empregada que achava que apenas uma única moeda era usada no mundo inteiro como também não sabia da existência de outras línguas. As pessoas das classes populares não estão acostumadas com a idéia de que existem várias moedas, em vários países diferentes, outras línguas. Então, eu acho que quando um aluno aprende outra língua, o importante é o contato cultural, aprender que esse país tem uma outra moeda, outra cultura, outra bandeira, formas de viver diferentes, enfim, todo o aspecto cultural.

O aluno tendo uma ou duas aulas de Inglês por semana, mesmo com uma ótima professora, não vai aprender a falar Inglês, mas ele vai aprender o aspecto cultural, o povo que fala essa língua.

Isso é que eu acho importante. Eu acho que é a grande importância da Língua Estrangeira Moderna, é o aluno perceber a complexidade do mundo através das línguas.

Esse foi o objetivo do CEL, até porque ele nasce no contexto do Mercosul, de levar a cultura de outros países, aprender outros hábitos culturais, saber mais sobre as culturas e como elas mudam os hábitos das pessoas.

Uma professora do CEL de Sorocaba falou sobre um processo que começou em 1996 em que apenas alunos do 3º e 6º estágios poderiam ser reprovados, ela comentou que os professores se sentiram afetados por isso, hoje em dia não é mais assim, esse processo terminou em 2006.

Eu não lembro disso, mas vejamos. O aluno vai ao CEL, matricula-se, disputa a vaga com outros. O CEL recebe menos alunos do que gostaria, então eu penso que o CEL deveria ter uma política, cláusula rígidas de que se o aluno repetisse de módulo, perderia a vaga, por que não é uma coisa obrigatória, é um complemento, o aluno tem que ter um compromisso com isso, porque senão ele vai reprovando, reprovando e ocupa a vaga de outros.

Como todas as coisas que o Estado dá, ela é barata para o cidadão (ele acha isso porque não paga diretamente), mas é cara para a população que paga impostos, que mantém as escolas e os CELs, portanto, não existe nada gratuito, tem um custo para a população. Se você tem a oportunidade e não aproveita, está impedindo que outros aproveitem.

Por outro lado, nós sabemos que para a aprendizagem de línguas temos que dar um período para a pessoa amadurecer. É como aprender a falar. Acho que o problema é que a escola é muito rígida, muito padronizada. Alguns professores dizem que a escola não pode ser uma fábrica, mas ela acaba sendo e eles no fundo, aprovam isso. Não gostam do discurso, mas da prática sim, fazem tudo padronizado, ensinam igual para todos, embora estejam cansados de saber que as pessoas são extremamente diferentes.

No estado de São Paulo, foi a primeira vez que se pensou em não reprovar as crianças de 1ª e 2ª séries, e isso faz 40 anos.

Na aprendizagem da língua, eu não posso achar que depois de um curto período todas as crianças terão aprendido igualmente.

Então se você começa muito cedo a reprovar as crianças, elas não vão ter esse tempo, esse período para ter contato e dominar a aprendizagem da língua. Não deve haver reprovação nessa fase. Os professores adoram reprovar e isso ocorre porque, até o final do século XIX ninguém se preocupava seriamente com a educação brasileira e era necessário um processo de seletividade enorme porque não havia escola para todos. Então, a reprovação era um instrumento de seletividade excelente: você reprova e diz para o indivíduo que a culpa é dele, não é porque não tem vaga ou bons professores para ensiná-lo. Como se a culpa fosse da incompetência do aluno não da falta de planejamento e organização do sistema.

Existe uma coisa nova no Brasil: a educação. Até 1920, não havia nem Ministério da Educação nesse país, só depois com o movimento escolanovista que será criado o Ministério da Educação. Não havia sistema de ensino integrado até os anos 40. Então a educação escolar é muito recente no Brasil. Nós não sabemos como educar essa nova geração.

Há 50 anos atrás, só metade da população estava na escola.

Hoje vive-se em outro mundo.

APÊNDICE D - Entrevista: Professora Avaliadora

Local: Instituto Protagonistes – São Paulo

Data: Setembro, 2008

Sobre os Dois Estudos de Avaliação

No segundo estudo de avaliação, o que foi realizado *in loco*, eu visitei inúmeros CELs, e a cada visita que eu fazia eu apresentava um relatório de tudo que eu encontrava, de bom e de ruim, desde o aspecto físico até o que eu pudesse observar em uma aula, muito rapidamente, não uma avaliação pedagógica a fundo, então, propusemos algumas mudanças na legislação e a abertura de mais CELs.

Mas antes dessa segunda avaliação, eu já havia trabalhado com os CELs por um ano, participando de um estudo de avaliação dos Centros, no ano de 1997. Trabalhei com Isabel, que é uma especialista em pesquisa e Gisleine, que era professora do CEL aposentada da rede e havia ministrado aulas de Francês desde o início do Projeto. Dos cinquenta CELs existentes na época nós avaliamos cinco para esse estudo. Nós já tínhamos esse primeiro trabalho em mãos quando fui convidada novamente pela SEE para fazer outra avaliação sobre os CELs no ano de 2000. Rose queria, desta vez, que observássemos mais de perto o Projeto. Então, nós contratamos uma equipe de professores, um de cada língua, para uma melhor avaliação pedagógica. Eles conversavam com os professores dos CELs, avaliavam o material, assistiam aulas, a ideia final era propor um material único, propor uma estrutura padronizada. Depois de um ano, eu precisei me afastar desse estudo, por motivos particulares, e não sei como a avaliação foi concluída. Mas antes de eu sair, nós conseguimos abrir mais 23 CELs.

O CEL realmente é uma experiência fantástica, funciona quando a escola não se aproveita dele e faz um mau trabalho, mas a maioria que eu visitei estavam fazendo um bom trabalho. Na realidade, deveríamos ter fechado uns três ou quatro CELs que não tinham motivo para funcionar, mas a proposta era abrir muito mais, no fim, acabamos que nem fechamos esses quatro CELs e abrimos mais vinte e três. Para abrir CELs o processo é demorado, tem toda uma legislação que eles têm que cumprir. Um fato que observamos nesse segundo trabalho foi a questão de haver alunos que não pertenciam à Rede Estadual de Ensino frequentando os cursos nos CELs. Isso nos surpreendeu bastante. Então, as primeiras mudanças começaram a ser direcionadas para solucionar esses tipos de problemas.

Essas mudanças foram feitas levando em conta o aspecto pedagógico dos CELs?

Lógico que o aluno é o mais importante nessa história toda, mas como eu te disse, já tínhamos feito aquele trabalho anterior para ver como os CELs vinham atuando dentro de uma macroestrutura que é a SEE, o universo dos CELs era um universo pequeno, cinquenta espaços dentro de outras escolas, às vezes esse espaço era duas salas de aula. Nós descobrimos muita coisa, em alguns casos tinha professor de Português e Francês da rede que deixava as aulas de Português para dar aulas de Francês no CEL, e às vezes nem tinha tanto alunos assim, apenas alguns alunos na sala. Uma das mudanças foi propor que o primeiro estágio pudesse iniciar com o mínimo de 30 alunos, pois, segundo Rose Neubauer, tratava-se de um desperdício de dinheiro público pagar professores para dar aulas para poucos alunos. Nessas pesquisas também descobrimos que a maioria dos alunos matriculava-se para cursar Espanhol, mas se não houvesse vaga nessa língua, eles começavam a cursar qualquer outra, e desistiam quando conseguiam a vaga em Espanhol, essa mudança de um idioma para o outro também era um fator problemático.

Todas as mudanças que ocorreram nos CELs, depois desse segundo trabalho de avaliação, aconteceram levando-se em consideração os pedidos e reclamações de professores, coordenadores e alunos da primeira avaliação de 1997, e nossa observação mais de perto na segunda avaliação. Eu era o elo entre os CELs e a SEE, propunha mudanças, algumas eram aceitas, outras não.

Eu cheguei a visitar CELs com pouquíssimos alunos da rede estadual participando dos cursos, houve um período que quase enlouquecemos. Rose fez que se fizesse um levantamento de todos os alunos, o que eles cursavam, e cruzar os dados para verificar quem era aluno da rede ou não, nós ficamos uns quinze dias conferindo listagens, conferindo tudo, e havia um grande número de alunos que realmente não era da rede estadual.

O que aconteceu foi o início de uma fiscalização mais rígida nos Centros, para que o Projeto começasse a atender os alunos da rede estadual.

Fomos muito elogiados por vários coordenadores e professores, mas logicamente alguns não gostaram das mudanças.

Sorocaba tem um bom CEL, o CEL da Penha também é bom, há excelentes CELs, em compensação tinha alguns bem problemáticos, que eu não quero citar.

Na verdade começou uma cobrança, tem que ser aluno da rede, tem que ter no mínimo trinta alunos, afinal é dinheiro público que a gente está usando.

Então nós colocamos muito mais alunos nos CELs, teve uma demanda enorme, aumentamos quase que 50% o número de CELs existentes.

Houve uma proposta inicial de colocar Inglês nos CELs. Mas acreditamos que seria muito alto o número de alunos e não teria força humana para dar as aulas. Seria complicado porque o número de alunos no estado de São Paulo é muito grande.

Essa equipe que nós contratamos cuidava do material didático, fazia as visitas, observava as aulas. A ideia era essa: eu era o elo entre o CEL e a SEE e eles olhavam a parte pedagógica.

Sobre o apoio dos órgãos institucionais

Os CELs também têm parcerias com os consulados e apoio de órgãos institucionais, como por exemplo, a Fundação Japão, o Circolo Italiano, Instituto Goethe.

Os consulados junto com essas instituições, Circolo Italiano, Fundação Japão, Instituto Hispânico, Aliança Francesa, cuidavam da formação e treinamento para os professores. Em todos os lugares que eu fui, me apresentei, falei das propostas da SEE, das mudanças, do que nós pretendíamos. Eles tinham medo que o Projeto acabasse. Mas no final ele não acabou e abrimos mais CELs em todo o Estado.

A professora mostra uma lista com a relação dos CELs do Estado, o ano e o número de alunos.

Olha só, o CEL de Sorocaba tinha 1.069 alunos de Espanhol em janeiro de 2003, olha como o CEL de Sorocaba estava classificado bem, em compensação você tinha CEL com poucos alunos, ou cidades com mais de um CEL e um perto do outro, ou então em uma escola mal localizada.

É a escola que pede para abrigar um CEL?

Exatamente, mas algumas escolas apenas querem abrigar um CEL para receber uma verba maior que normalmente é usada em benefício apenas da escola-sede e não para atender as necessidades do Centro.

Existe uma verba do Governo do Estado para os CELs?

Sim, mas nem sempre ela é direcionada de forma correta para os Centros, houve casos em que o diretor da escola-sede recebeu a verba e disse não ter recebido, tivemos que visitar as escolas com o comprovante das verbas em mãos, constando a data e a quantia da verba disponibilizada.

Sabe, podem ter xingado com as mudanças, mas eu achei CELs bons e outros muito ruins, e abrimos mais 23 em todo Estado, deixando um total de 73 CELs.

A professora comenta, então, sobre proposta de por Inglês nos CELs:

O grande problema de por Inglês no CEL é encontrar professor de Inglês qualificado na rede, então, a gente não tinha força de trabalho e se fossem todos contratados de fora, seria um gasto muito alto.

Nós apresentamos três propostas na época: uma era manter como estava e abrir mais CELs. Outra era incluir Inglês nos CELs e a outra era transferir o Inglês da rede para os CELs. De todas as propostas, foram essas três que foram apresentadas e foi a primeira que foi aceita, para poder permitir, dessa forma, que um maior número de alunos carentes pudessem aprender uma segunda língua.

A ideia de Rose era que pelo menos todo aluno da rede estadual tivesse a oportunidade de aprender uma segunda língua, desenvolvendo todas as habilidades.

Havia sorteio de vagas para os cursos?

Eu achei isso um absurdo, eu escrevi para Rose para falar sobre esse negócio de sorteio, mas dizem que não dá pra atender à demanda, por isso o sorteio às vezes é necessário. Tinha CEL que eu visitava e os alunos vinham implorar por uma vaga.

Teve uma época que sugerimos priorizar os alunos com melhores notas, demos várias ideias. Uma das mudanças que fizemos foi aumentar o número de turmas para atender mais alunos, preparamos um sistema em que houvesse um intervalo menor entre uma turma e outra, dessa forma, poderia haver mais de uma turma em cada período, triplicando o número de alunos.

APÊNDICE E - Entrevista: Sueli Baddini – Ex-coordenadora do CEL - Sorocaba

Local: Entrevista realizada por telefone.

Data: 12 de março de 2009

Sueli começou atuar como coordenadora no CEL de Sorocaba em 1994, e ficou durante 13 anos na coordenação. Infelizmente, depois dessa entrevista, Sueli não pode mais colaborar com a pesquisa por problemas pessoais.

Sueli fala do início do Cel em Sorocaba

No início, o CEL em Sorocaba funcionava na escola Senador Luiz Nogueira Martins e as condições estruturais que essa escola oferecia eram bem precárias. Só tinha duas salas de aulas que podiam ser usadas para o CEL e a sala da coordenação era a mesma sala usada para assistir vídeos e era no porão da escola.

Então comecei a visitar algumas outras escolas estaduais para estudar a possibilidade de nos instalarmos em outra escola. Fui visitar a escola Antônio Padilha porque pensei que, instalado nessa escola, o CEL poderia se desenvolver melhor, a escola fica localizada perto do terminal de ônibus e é também uma escola bem espaçosa. Então, conversei com o vice-diretor do Padilha e ele não viu nenhum problema em nos instalarmos lá.

Eu pedi para ficarmos em um prédio separado, porque o Padilha tinha muitos alunos, mas o prédio que íamos ficar estava muito velho, não dava nem para colocar ventiladores na parede, então, em 1997, fomos para o prédio em anexo onde funciona até hoje.

O Espanhol teria que ser a primeira língua e a preferencial a ser ensinada nos CELs, mas em Sorocaba tinha mais professores disponíveis de Francês. Não tinha muitos professores de Espanhol formados na época, foi em 1997 que a Universidade de Sorocaba (UNISO) implantou o curso de Letras/Espanhol.

Sueli falou o que se lembrava sobre a distribuição das verbas

No início eram os coordenadores dos CELs que pegavam os cheques das verbas, depois passou a ser o diretor das escolas-sede que pegavam o dinheiro. Então começou a

haver problemas quanto à distribuição do dinheiro e, um dia, eu convidei uma professora que estava fazendo uma pesquisa sobre os CELs do Estado, inclusive no de Sorocaba, para almoçar e contei sobre alguns problemas que estávamos tendo.

Hoje em dia eu acredito que a verba vem para a Diretoria de Ensino e esta distribui para a Coordenadora, bom, não sei, é melhor você verificar com a atual coordenadora.

Eu acho que você deveria conversar também com a professora Mônica²¹, pois ela é uma das professoras mais antigas do CEL de Sorocaba.

²¹ Nota: Conversei com a professora de Francês, Mônica Ribeira Andrade, enquanto ela estava esperando no pátio da escola por algumas alunas suas, para ensaiar uma dança francesa para se apresentarem em uma festa que haveria no CEL. Não houve muito tempo para conversarmos, mas a professora descreveu, da mesma forma que a ex-coordenadora Sueli Baddini, as condições precárias do CEL instalado na escola Senador Luiz Nogueira Martins e também confirmou a ausência de professores de Espanhol formados no início da instalação do CEL em Sorocaba.

APÊNDICE F - Entrevista: Alzenir Oliveira de Souza - Coordenadora do CEL Antônio Padilha

Local: EE Antônio Padilha, Sorocaba

Data: 03 de abril de 2009

Inicialmente, a coordenadora fala sobre o processo de admissão dos professores nos CELs e a seleção dos alunos

Os professores têm que ter licenciatura plena na língua que pretendem dar aulas, além de saberem, obviamente, falar fluentemente nessa língua, pois passam por um teste escrito e oral quando concorrem às vagas para dar aulas no CEL. A última professora que passou por esse processo foi Brena Ramos Marinho, de Alemão, pois a professora Célia de Sanctis Muller, que costumava dar aulas de Alemão desde 2004, não tinha licenciatura em Alemão e infelizmente não pode continuar conosco.

Para fazer os cursos nos CELs, os alunos devem ficar atentos à época de inscrições. As inscrições no CEL de Sorocaba ocorrem normalmente nos meses de maio e outubro. O CEL envia à Diretoria de Ensino um ofício com os horários de turmas e as línguas disponíveis, a Diretoria encaminha o ofício para as escolas estaduais, onde são pregados em murais para o conhecimento dos alunos. Na época de inscrições para os cursos do CEL, os professores do CEL visitam algumas escolas estaduais para divulgar os cursos.

Entre todos que estão interessados são selecionados, preferencialmente, alunos da 6ª, 7ª e 8ª séries do Ensino Fundamental. Quando há um grande número de vagas, os alunos do Ensino Médio também podem ser selecionados, mas ao término do 3º ano do Ensino Médio, o aluno tem o direito de ficar apenas mais um ano cursando as aulas.

Para fazer a inscrição, o aluno deve apresentar uma declaração escolar, constando notas e faltas do bimestre ou semestre, não podendo constar nessa declaração excesso de faltas ou notas muito baixas. Se houver vários alunos com notas satisfatórias para a mesma vaga, o desempate é feito pela análise das faltas. As turmas são elaboradas com cerca de trinta e cinco alunos, pois no decorrer do curso ocorre algumas desistências.

A coordenadora também fala sobre as verbas e sobre a implantação da língua alemã em Sorocaba

Há reuniões periodicamente com os coordenadores dos CELs na CENP, e na última reunião foram discutidos os problemas quanto à distribuição da verba. A CENP então informou à DE de cada cidade sobre esses problemas das verbas, e a DE fez contato com os coordenadores, informando-lhes que teriam permissão para abrir sua própria conta bancária para receber a verba.

Eu fui ao banco com mais duas professoras e abrimos uma conta para o recebimento da verba, a partir de então, a verba está vindo para essa conta. Os materiais também estão vindo mais direcionados, ou seja, endereçados especificamente para os CELs, pois antes eles chegavam e o diretor da escola-sede não repassava para o CEL, os usava apenas para benefício da escola-sede. Os últimos itens que chegaram foram um laptop, três aparelhos de som, uma máquina digital e um data show.

... Quando se pensou em uma terceira língua para o CEL Antônio Padilha, foi feita uma pesquisa entre os alunos e a língua preferencial era o italiano, pois estava na época da transmissão da novela *Terra Nostra*, no entanto, não foi aceita pela Supervisão de Ensino, que realizou outra pesquisa e chegaram à conclusão que a língua alemã seria a mais viável pelo fato de haver indústrias alemãs em Sorocaba.

APÊNDICE G - Entrevista: José Francisco Souza Júnior - Professor de Alemão

Local: EE Antônio Padilha, Sorocaba

Data: 20 de abril de 2009

Francisco falou sobre as OTs de Alemão, a inclusão do Alemão em Sorocaba e o material didático de Alemão

Nas OTs de Alemão nós recebemos sugestões de como desenvolver as práticas de ensino, mas a escolha do material didático e seu uso nas aulas fica a cargo dos professores de cada CEL. Por exemplo, eu e Brena usamos o mesmo livro no CEL aqui de Sorocaba, mas não é necessariamente o mesmo material usado no curso de Alemão nos outros CELs do Estado.

Quando se pensou na possibilidade da inclusão de uma terceira língua na grade curricular do CEL, foi realizada uma pesquisa nas escolas estaduais para verificar a preferência dos alunos. Seguindo uma ordem de classificação, a língua alemã ficou em primeiro lugar, o italiano em segundo e a língua japonesa em terceiro, viemos, a saber, depois que o Alemão foi escolhido por ter alunos da rede pública estagiários de empresas alemãs em Sorocaba, daí o interesse em aprender essa língua.

Eu e a professora Célia de Sanctis Muller fomos os primeiros professores de Alemão do CEL Antônio Padilha, as aulas de Alemão começaram no ano de 2003, e mesmo ainda sem a autorização para a inclusão dessa língua em Sorocaba, funcionaram normalmente em 2003 e 2004, pois as turmas já haviam sido formadas.

A professora Célia trabalhou no CEL até o ano de 2008, no entanto, pelo fato de não ter licenciatura plena em Alemão, apenas em Direito, no ano de 2009 não pode mais ministrar as aulas de Alemão no CEL, por esse motivo, em 2009, a professora Brena passou a trabalhar conosco.

Os professores costumavam usar apostilas elaboradas com fotocópias de diferentes livros didáticos nos cursos de Espanhol, Francês e Alemão, no entanto, a partir do ano de 2009, os professores de Francês e Espanhol passaram a adotar livros didáticos. Duas livrarias da cidade, em acordo com o CEL, passaram a vender o material com um custo mais acessível para os alunos do Centro.

No caso da língua alemã, o custo do livro seria muito alto para os alunos, dessa forma, nós continuamos usando apostilas como faziam os professores de Francês e Espanhol até o ano de 2008.

As apostilas de Alemão para o ano de 2009 foram elaboradas com fotocópias do livro texto e de exercícios *Planet 1*, dos autores Gabriele Kopp e Siegfried Büttner. Além das apostilas, os alunos também compram a cópia do CD do livro adotado pelos professores.

Eu também ministro aulas de reforço toda sexta-feira, para tirar dúvidas de tópicos gramaticais da língua e para preparar os alunos interessados em prestar as provas de proficiência do Instituto Goethe.

As provas aplicadas pelo Instituto são gratuitas para os alunos dos CELs e eles não precisam estar no último estágio do curso para prestá-las, os exames de proficiência do Instituto Goethe dividem-se em quatro níveis: A1, A2, B1, B2, C1, C2.

O exame *Start Deutsch 1*, o qual os alunos dos CELs prestam, certifica o primeiro nível – A1 – de uma escala de 6 níveis de competência, de acordo com o Quadro Comum Europeu de Referência para as Línguas Estrangeiras. O nível "A" indica a capacidade de uso elementar da língua. Os alunos do CEL de Sorocaba têm conseguido passar nos níveis A1, A2 e B1.

Se houver mais de 50 alunos para prestar a prova em um determinado CEL, o Instituto vem até o Centro para aplicá-la. Em 2007, os 23 alunos do CEL de Sorocaba que prestaram para o nível A1 passaram e eu acredito que no ano de 2009 haverá cerca de 80 alunos para prestá-la novamente.

Um semestre antes da prova, eu trabalho com exercícios preparatórios para o teste de proficiência A1, a maior dificuldade que os alunos do CEL de Sorocaba enfrentam quando prestam a prova é a parte de ouvir as atividades do CD. No entanto, eu acredito que a grande maioria dos alunos nos cursos de Alemão raramente têm um aproveitamento de 100% nessa parte da prova.

No mês de maio, as coordenadoras da CENP e uma assessora do Instituto Goethe visitarão o CEL aqui de Sorocaba, pois vai haver uma doação de dicionários de Alemão do Goethe para nosso CEL, esse CEL foi escolhido pelo fato de ser um dos CELs com maior número de turmas do Estado. As coordenadoras e a assessora do Goethe vão assistir uma aula minha e uma da professora Brena.